



REVISTA

da Academia
Sul-Mato-Grossense de Letras

APOIO CULTURAL



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA E DIRIGIDA



REVISTA

da Academia
Sul-Mato-Grossense de Letras

N. 19

Setembro de 2011

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Campo Grande – Mato Grosso do Sul

Copyright © 2011
Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

19ª Edição - Setembro de 2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras/
- Campo Grande, MS: Life Editora, 2010.

208p

ISSN 2178-5511

1. Literatura Sul-Mato-Grossense

CDD - 869

Projeto Gráfico: Endrigo Valadão e Valter Jeronymo

Capa (Criação e Finalização): Mota Junior

Coordenação: Rubenio Marcelo e Reginaldo Alves de Araújo

Diagramação: Mota Junior

Coordenação Editorial: Valter Jeronymo

Revisão: Rubenio Marcelo

Impressão e Acabamento: Gráfica Viena



Diretoria (2008/2011)

Presidente: **Reginaldo Alves de Araújo**

Vice-Presidente: **Abrão Razuk**

Secretário-Geral: **Rubenio Marcelo**

Secretário: **Valmir Batista Corrêa**

Tesoureiro: **Guimarães Rocha**

Segundo Tesoureiro: **Augusto César Proença**



Life Editora

Rua Américo Vespúcio, 255 - Santo Antônio

CEP: 79.100-470 - Campo Grande - MS

Fones: (67) 3362 5545 - Cel. (67) 9263 5115

A reprodução de qualquer texto desta Revista é permitida,
desde que citada a fonte, bem como o nome do respectivo autor.



APRESENTAÇÃO

É emocionante o apreciável valor que o público leitor dedica à fantástica produção literária da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, tanto nos lançamentos de livros de seus sócios, na página semanal (suplemento cultural) do Jornal Correio do Estado e nas edições de revistas que, no dizer de muitos, o nosso sodalício é um luminoso repositório completo e perfeito das aplaudidas atividades da cultura literária do Estado de Mato Grosso do Sul, nesses quarenta anos de existência. Há inefável admiração e estima nesse reconhecimento.

Em nossas obras literárias, especialmente nas publicações das revistas, temo-nos esforçados para oferecer aos leitores os meios mais hábeis e fáceis de aquisição do pleno uso da palavra escrita na utilização de textos e na formidável arte do dizer poético.

Como sempre fazemos nas edições de nossas revistas, homenageamos um acadêmico que – por suas atuações – se destacou (ou se destaca) na história do nosso sodalício. Assim sendo, desta feita contemplamos o saudoso acadêmico ARASSUAY GOMES DE CASTRO, um dos luminares da literatura sul-mato-grossense, tido como erudito cronista, autor de quatro livros e articulista de vários jornais, especialmente o Jornal Correio do Estado. Um dos expoentes da cultura literária do Estado, confrade dos mais dedicados, presidiu com entusiasmo a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, falecendo logo depois, deixando nos anais do nosso sodalício seus escritos que servem de consultas para pesquisadores e estudantes.

Latente e profunda é a gratidão que temos e se faz justa ao Excelentíssimo Governador André Puccinelli, que, honrosamente, nos estendeu a mão firmando o glorioso projeto da edição de nossa Revista

e, bem como, ao Excelentíssimo Prefeito de Campo Grande, Nelsinho Trad, pelo expressivo apoio possibilitando, assim, mais um avanço literário de MS.

Ao Acadêmico Rubenio Marcelo (Secretário-geral da Academia), arrojado e brilhante organizador de mais esta edição da nossa Revista da ASL, registramos os sinceros agradecimentos desta Diretoria e dos nossos demais confrades.

Reginaldo Alves de Araújo

Presidente



SUMÁRIO

Homenagem a Arassuay Gomes de Castro . 09

Textos de Arassuay Gomes de Castro . 13

Antologia . 19

Abílio Leite de Barros . 21

Abrão Razuk . 27

Adair José de Alencar . 35

Altevir Alencar . 43

Américo Calheiros . 49

Augusto César Proença . 55

Eduardo Machado Metello . 61

Flora Egídio Thomé . 63

Geraldo Ramon Pereira . 67

Guimarães Rocha . 75

Hélio Serejo . 81

Heliophar de Almeida Serra . 87

Hernani Donato . 95

Jorge Antônio Siúfi . 99

José Couto Vieira Pontes . 103

José Pedro Frazão . 111

Maria Adélia Menegazzo . 117

Maria da Glória Sá Rosa . 127

Nelly Martins . 135

Orlando Antunes Batista . 139

Paulo Coelho Machado ▫ 145

Paulo Nolasco ▫ 149

Raquel Naveira ▫ 157

Reginaldo Alves de Araújo ▫ 165

Rubenio Marcelo ▫ 173

Ulisses Serra ▫ 181

Wilson Barbosa Martins ▫ 185

Zorrillo de Almeida ▫ 191

Relação dos Acadêmicos ▫ 199

HOMENAGEM



Arassuay Gomes de Castro

“O professor Castro, como cuiabano de raiz, adorava uma boa conversa, atitude que o tornava agregador, pois era de dar atenção às pessoas, aconselhá-las e, sobretudo, valorizá-las, tanto que, ao que se sabe, não escreveu uma só palavra sequer criticando ou desabonando alguém. Assim deixou, por onde passou, amigos e admiradores de seu jeito simples, às vezes até ingênuo – em verdade, espargindo aquela santa ingenuidade dos sábios”.

(Hildebrando Campestrini – in Apresentação do livro “Escritos – Arassuay Gomes de Castro” - IHGMS - Série Terra e Gente, 2011)



Foto da pág. anterior:
Capa do livro “Escritos - Arassuay Gomes de Castro”
- IHGMS - Série Terra e Gente, 2011



ARASSUAY GOMES DE CASTRO

Esta edição da Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras homenageia o nosso saudoso e ilustre confrade Arassuay Gomes de Castro (1926 – 2005), que foi titular da Cadeira nº 24 da ASL (tendo inclusive ocupado a presidência deste sodalício literário). Também filiado à União Brasileira de Escritores (UBE/MS), Arassuay Castro demonstrava sempre ser uma pessoa realizada na vida e afirmava: “Continuo produzindo materiais como, por exemplo, artigos para o informativo do Fiscosul e Sindifisca. Minha vida é diferente de muitos aposentados que se consideram improdutivos. Gosto de tudo que fiz e faço até hoje”.

A seguir, transcreveremos trechos das relevantes informações biográficas do homenageado constantes nas páginas 7 e 10 do livro “Escritos - Arassuay Gomes de Castro” – editado pelo IHGMS, Série Terra e Gente, 2011 (Breve biografia, por Heitor Freire):

Nascido em Cuiabá, em 16 de abril de 1926, Arassuay Gomes de Castro estudou na Escola São Pedro e no Ginásio São Gonçalo. Graduou-se em línguas neolatinas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da cidade de Lorena, estado de São Paulo.

Castro chegou a Campo Grande, vindo de Corumbá. Casou-se com Maria José Carvalho, em 1956, com quem teve três filhos: Jair, Jary e Flávio. Os três se graduaram no Rio de Janeiro: Jair, médico otorrinolaringologista (reside no Rio de Janeiro); Jary, engenheiro civil, empresário do ramo da construção civil, é presidente do Conselho regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Mato Grosso do Sul (CREA-MS); Flávio, administrador e bacharelado em Direito, é servidor público federal concursado, atualmente lotado do Tribunal Regional do Trabalho (24ª Região).

Arassuay Gomes de Castro lecionou no Colégio Estadual de Campo Grande, no Colégio Osvaldo Cruz e no ginásio Barão do Rio

Branco, colégio onde foi diretor por muitos anos e onde também conheceu sua esposa, Maria José. Foi professor de latim e de português no Ginásio Barão do Rio Branco, que funcionava no período noturno no prédio do Colégio Joaquim Murtinho, na Avenida Afonso Pena.

Após passar no concurso para fiscal de rendas, ele escreveu o seu primeiro livro, A PREVIDÊNCIA SOCIAL POR PERGUNTAS E RESPOSTAS; a seguir, publicou MANUAL DOS CONCURSOS PÚBLICOS, compartilhando a sua experiência e orientando futuros candidatos a cargos públicos. E lançou, ainda, INFRAÇÕES E PENALIDADES DO ICM. Castro ainda tinha prontos para publicação: LIÇÕES DA LÍNGUA VERNÁCULA, HISTÓRIA DOS IMPOSTOS, PANORAMA DA LITERATURA NACIONAL e UMA JANELA SOBRE O TEMPO.

A par de suas atividades profissionais, começou a colaborar com os jornais Correio do Estado, Jornal do Brasil Central, A Crítica, Folha de Campo Grande e Edição Extra e na Revista Destaque.



As manifestações do estilo arcádico no Brasil

1. Este estilo literário predominantemente poético, vigorou em nosso país durante o período de 1768 a 1836, ou seja, da segunda metade do século XVIII às três primeiras décadas do século XIX. Durante esse período a Europa viveu uma fase de grandes transformações sociais, entre elas, em 1750, a subida de Sebastião José de Carvalho, o Marquês de Pombal, ao cargo de Primeiro Ministro de D. José I, rei de Portugal; os pensadores franceses Voltaire, Diderot e D'Alembert republicam em 1751 os primeiros volumes da “Enciclopédia”, símbolo da renovação cultural da época, que recebeu o nome de Iluminismo, além da expulsão dos jesuítas de Portugal e do Brasil, fato esse que provocou o enfraquecimento do ensino religioso, e a substituição pelo ensino leigo, as famosas classes régias.

1.1. Arcadismo – Bucolismo – Neoclassismo – Dentro desse panorama de renovação cultural é que vem surgir um novo estilo poético – o Arcadismo, que foi uma literatura típica da última fase do Classicismo, cujos membros adotavam nomes poéticos simbólicos, reagindo contra os excessos do estilo barroco, propunha uma literatura mais simples e mais espontânea, voltada para a natureza e para a vida simples do campo.

O próprio nome – Arcadismo – tem origem na Arcádia, região, onde, segundo a mitologia, os pastores viviam uma existência de amor e de poesias, sem se preocupar com as coisas materiais da vida. Esse cultivo de paisagens campestres de outros tempos, em que os poetas

arcádios se inspiraram, recebeu também o nome de bucolismo – e constituiu um dos marcos da poesia Arcádia. Ao valorizar também a razão e a simplicidade, os poetas arcádios foram inspirados pela sensibilidade dos autores clássicos do renascimento e da antiguidade greco-romana. Por essa razão este estilo também é designado em literatura pelo nome de Neoclassismo.

1.2. Em nosso país o marco inicial do Arcadismo é a publicação das obras do poeta Cláudio Manoel da Costa no ano de 1768 – cuja tendência é a confissão de aspectos sentimentais e amorosos, prenúncio do estilo romântico que viria a surgir no século XIX. Esse movimento encontrou eco entre um grupo de poetas ligados de uma forma ou de outra, aos fatos históricos que deram origem à Inconfidência Mineira: Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Basílio da Gama.

2. Cláudio Manoel da Costa – Este poeta foi preso pela sua participação na Inconfidência Mineira, por ordem do Conde de Assumar, Vice-Governador do Brasil – Colônia, tendo se suicidado na prisão. Escreveu poesias líricas, publicadas em 1768, com o título de “Obras” e um poema épico “Vila Rica” publicado em 1837. Seu pseudônimo árcade era Glauceste Satúrnio.

3. Tomás Antônio Gonzaga – Português de nascimento, viveu alguns anos no Brasil, tendo sido desterrado para a África, pelo seu envolvimento na Inconfidência Mineira. Usando o pseudônimo de “Dirceu” escreveu vários poemas líricos, declarando seus amores por Marília, linda jovem da sociedade Mineira chamada de Maria Dorotéia de Freitas. Esses poemas vieram a formar o livro “Marília de Dirceu” onde se nota a vida simples entre os pastores e o contato direto com a natureza. Além desse livro, escreveu uma obra satírica em versos, denominada de “Cartas Chilenas”, onde sob nomes supostos, o autor satiriza o governador da capitania D. Luis da Cunha Menezes, por suas arbitrariedades.

4. Basílio da Gama – Dos seus trabalhos literários, merece destaque o poema épico “O Uruguai” lançado em 1796, cujo enredo foi a guerra movida pelos Portugueses e Espanhóis, contra os índios,

instigados pelos padres jesuítas, na região de Sete Povos das Missões. Este poema, escrito em versos decassílabos brancos é composto de cinco cantos. O episódio mais emocionante deste poema é a morte de Lindóia, bela jovem indígena que preferiu a morte ao casar-se com o inimigo, deixando-se picar por uma serpente.



A Origem da Mitologia

Mitologia – História fabulosa dos deuses, semideuses e heróis da antiguidade greco-romana. Narrativa dos tempos fabulosos ou heróicos. Narrativa de significação simbólica, geralmente ligada às origens do mundo e referente a deuses encarnadores das funções da natureza e/ou de aspectos da condição humana. Representação de fatos ou personagens reais, exageradamente pela imaginação e pelas tradições populares (Dic. Aurélio).

Nos tempos antigos, sobre tudo na Grécia e depois em Roma, esse tipo de narrativa oral sempre foi útil ao ser humano, quando, na infância da humanidade, os homens, sem as informações científicas de que hoje dispõem, não conseguiam entender nem explicar os fatos que presenciavam. Não sabiam se a Terra era redonda ou quadrada, ignoravam de onde tinham vindo, o que estavam fazendo naqueles lugares, qual o seu destino, e tinham a sua imaginação voltada apenas para o sol, a lua, os dias e as noites, aterrorizados pela escuridão que se seguia após o pôr do sol. Então, para cada dificuldade surgida, eles inventaram um herói e para cada mistério um deus, nascendo dessas situações a lenda, a crença e o mito. Assim, a mitologia veio para inspirar a arte nos artistas e a fé nos homens, que, através dela, criaram as histórias e construíram as civilizações de que temos conhecimento.

Em razão disso, os povos da antiguidade, desde os mais primitivos até as civilizações mais desenvolvidas como a Grécia, largaram-

-nos uma das mais ricas mitologias de que se tem notícia. Seu poder de criatividade foi de tal forma impressionante, que os outros povos – os romanos – vieram a se apoderar de muitas de suas divindades, batizando-as com nomes latinos. A literatura clássica, baseada no culto dos deuses, semideuses, heróis da antiguidade, constantemente lançava mão dessas divindades mitológicas, divulgando seus nomes e façanhas no mundo ocidental. Por isso, e como a nossa cultura e tradição são de origem latina, os nomes dados pelos romanos aos deuses, semideuses e heróis gregos tornaram-se tão comuns em nossa literatura.

Para explicara origem do mundo, de todos os seus mistérios e fenômenos cujas causas não podiam compreender, esses povos usavam histórias cheias de imaginação, absurdas crueldades e brutalidades próprias do ser humano. Eles criavam os deuses à sua imagem e semelhança. Assim, a origem do Dia, da Noite, do Céu e da Terra era representada por um deus com o nome de Caos e a origem de todas as coisas era representada por Cronos, que era o pai dos três principais deuses gregos: Zeus, Poseidon e Hades.

- Poseidon, o deus dos mares, era Netuno em Roma;
- Hades, o deus dos infernos e das profundezas da terra, era Plutão;
- Ares, o deus da guerra, era Marte em Roma;
- Hefesto, o deus do fogo, era Vulcano em Roma;
- Apolo, o deus da luz, das artes e das adivinhações, era Febo;
- Hera, a deusa do casamento, era Juno;
- Héstia, a deusa da divindade do lar, era Vesta em Roma;
- Atena, a deusa da sabedoria, era Minerva;
- Deméter, divindade da agricultura, era Ceres;
- Artêmis, divindade da caça, era Diana;
- Afrodite, deusa da beleza e do amor, era Vênus;
- Mercúrio era o mensageiro dos deuses;
- Baco era o deus do vinho;
- Têmis era a deusa da justiça;
- Eros, o próprio amor, era cupido entre os romanos.

Moravam ainda no Monte Olímpo quatro grupos de filhas de Zeus:

a) as Graças, que eram: Aglaé – brilhante, Tália – verdejante, Eufrosina – alegria da alma; todas elas eram companheiras de Afrodite;

b) as Musas, que eram as deusas protetoras e inspiradoras das artes e dos poetas: Clio – a musa da história, Euterpe – a musa da música, Tália – a musa da comédia, Melpômene – a musa da tragédia, Terpsícore – a musa da dança, Érato – a musa da poesia lírica, Polímnia – a musa da retórica, Urânia – a musa da astronomia; Calíope – a musa da poesia épica;

c) as Horas eram: Eunômia, Diceia e Irene e representavam as estações do ano. Eram só três porque os gregos, no início, conheciam apenas a primavera, verão e inverno.

d) As Parcas eram: Cloto – que tecia o fio do destino das pessoas; Láquesis – que colocava o fio no fuso da fiandeira; e Átropos – que cortava o fio que tinha a medida da vida de cada um. As Parcas é que decidiam sobre a sorte e o tempo de vida que uma pessoa poderia ter nesta Terra.

Todos os fatos acima relatados constituem um dos mais belos exemplos de criatividade que a história e a literatura registraram desde os primórdios da civilização até nossos dias. E ainda servirão de exemplo para as gerações futuras.

ANTOLOGIA



Antologia em prosa
e versos

(Textos de Acadêmicos)

“A literatura, como toda arte, é uma confissão de que a vida não basta.”

(Fernando Pessoa)



ABÍLIO LEITE DE BARROS



Nasceu em Corumbá (MS), em 1929. Advogado, professor universitário e pecuarista. Obras: Gente Pantaneira, Uma Vila Centenária, Opinião e Histórias de muito antes, Gente Pantaneira - Crônicas de sua história. Ocupa a cadeira nº 32 da ASL.

Claricianas

Ao me sentir tentado a escrever sobre o livro “Claricianas” de autoria de Lucilene Machado e Edgar Nolasco, achei que antes deveria buscar um reencontro com Clarice Lispector, ela mesma. Na minha desarrumada biblioteca já não havia nem vestígio do meu “GH”, mas eu sabia que Clarice andava por lá. Insistindo, milagrosamente, descobri um livrinho amarelado, triste e envergonhado, fora de lugar, como tudo, que fora o meu primeiro encontro com Clarice. Encontro juvenil: eu tinha 23 anos, ela 32, mas já madura na arte do conto e festejada pela crítica. Trata-se de uma publicação do Ministério da Educação de 1952. “Alguns Contos” era o nome; contos que depois apareceriam no livro “Laços de Família”. Declarado meu antigo relacionamento com a romancista, penso ter algum crédito para falar desse Claricianas.

O livro é instigante e, se quisermos prendê-lo em nossas categorias literárias podemos nos frustrar. A indefinição parecer ser a categoria lógica que melhor define a obra. É feita em prosa, mas pode ser poesia, não são contos, não são crônicas, menos ainda reflexões lógicas. Divagações? Mais do que isso, são claricianas. Isso me permite definir: o livro é de prosa, são contos, são crônicas, poesia, reflexões e divagações à maneira de Clarice Lispector.

O que é ser à maneira de Clarice? Não é imitar, não é copiar – é ser. Isto é, introjetar e viver a sua percepção trágica da vida, as suas angústias, suas desesperanças e, principalmente, sua linguagem cortante, emocionalmente forte, sem preocupação com a sintaxe e divorciada da lógica. Lispector representa no Brasil uma corrente literária renovadora que vem de James Joyce, muito citado e pouco lido, passando por Virgínia Wolf muito mais lida e, com razão, melhor citada. Fugindo da narrativa bem comportada com começo, meio e fim dos nossos clássicos, a nova proposta é a linguagem livre da obrigação conceitual. O importante não é o que se diz, o que se conta, mas sim as emoções, fantasias e sonhos que o texto evoca. Nessa linha da sobreposição da linguagem sobre a narrativa, Clarice Lispector se propõe, em aparente delírio, a violentação do discurso, da linguagem e diz-nos: “o que atrapalha ao escrever é ter que usar palavras” e, em outro momento, “se eu pudesse escrever (...) por intermédio de alisar a cabeça de um menino ou passear pelo campo, jamais teria entrada pelo caminho da palavra”. Parece um limite.

Lucilene Machado aceita o limite, e num ato declaratório da adesão à violentação do discurso, nos diz poeticamente: “o amor está no silêncio, onde as palavras não se atrevem. Cada palavra é um atentado”. “Sou especialista em misturar palavras e construir um grande desespero”, (...) haverá um livro sem palavras para contar minha história”. E reafirma: “Tudo que escrevo é para dizer nada”. Junto a esta declaração clariciana, sinto-me tentado a fazer mais citações da Lucilene, pois ela conseguiu fazer textos de rara beleza evocativa sem quase nenhum traço conceitual. Que o leitor busque o livro, que na sua apresentação fala no “propósito certo de tragar o leitor curioso para dentro de um Vórtice irremediável”. E isso aconteceu em Lucilene.

O trabalho de Edgar Cezar parece ser menos exuberante sem ser menos clariciano. Seus pequenos contos em técnica e composição estão próximos de Lispector. Partem do fato trivial, desimportante e banal para pouco a pouco nos levar ao envolvimento emocional sempre mais evocativo que expresso. Ao acabar de ler os seus contos quase sempre, eles continuam em nós.

Alguns autores entendem que há duas Clarices: a dos contos e a dos romances. Nos contos ela é mais contida. Mas é no romance que ela se solta nos delírios abismais da busca interior. Para tentar uma comparação entre os dois autores aqui examinados eu diria que Lucilene é mais abismal e Nolasco mais teórico.



Políticos Messiânicos

Antes da eleição do FHC, em quem votei, fiz uma espécie de avaliação do meu desempenho como eleitor. Minhas escolhas sempre foram tomadas com exagerado cuidado. Nunca quis me enganar, mas entre prós e contras, descobri que em mais de cinquenta anos de exercício democrático eu só havia elegido dois presidentes: um louco e o outro quase – nessa ordem – Jânio Quadros e Fernando Collor. Lutei com todas as armas por esses candidatos. Via neles um caminho de salvação solução nacional e combate à corrupção. Na eleição de Lula cometeu-se o mesmo erro – eu não mais – acreditando-se na ideia, também salvadora, do festejado operário que moralizaria a nossa pátria amada, salve salve.

Essas colocações acima exigem algumas reflexões: o que havia de comum entre os três presidentes acima nomeados? O que explicaria o enorme engano eleitoral? De comum, entre eles, havia uma luminosa auréola divinatória messiânica de salvadores da pátria. Jânio varreria a corrupção com a sua mágica vassoura; Collor com uma varredura maior expulsaria os vendilhões do templo; Lula, trazendo a magia do operário humilde, promoveria a salvação da pátria e ascensão do proletariado.

Acho que aos meus leitores não necessitaria dizer a história recente do país, mas, pensando nos jovens, devo contar que o Jânio foi eleito com minguada oposição, como um esperado messias. Depois de vários soluços esquizofrênicos, a que não dávamos importância, aos seis

meses de governo, em um ataque apoplético renunciou à presidência. Collor, com postura de um santo rei messiânico enlameou-se antes mesmo da posse, trazendo para sua gaveta as sobras da campanha, os milhões doados ao partido. Lula, o esperado messias redentor, em poucos meses desfraldou a bandeira do mensalão, deixando-nos com o mais corrupto governo da nossa história.

Como nascem os messias da pátria? São frutos de geração espontânea em uma sociedade de pouca autocrítica e exuberante ingenuidade afetiva. Isso, entre nós, é um traço genético pois, nós latinos, adoramos adorar. Mas, ao contrário dos messias bíblicos, mandados por deuses, os messias políticos têm tratos com os demônios e por aí sempre foram desastrosamente nocivos ao país, como vimos com os três exemplos dados. Hoje há um coadjuvante muito forte na criação do messianismo político - o venenoso marketing. Na realidade, não mais elegemos presidentes, mas sim uns bonecos que a propaganda nos impõe. O marketing é hoje cientificamente orientado com dados da psicologia social que, promovendo o bombardeio publicitário, transforma o pecado em virtude e os safados em anjos de candura. Assim, ao votar, temos que nos proteger dos marqueteiros cada vez mais competentes na arte do convencimento.

Ao lado do poder do marketing, facilitando o messianismo político a nossa legislação adotou a chamada eleição direta para presidente. Facilitou para o marqueteiro, pois tudo centraliza em um único candidato, uma única personagem que, na realidade, passa a ser um ator que treinado pela publicidade transforma os púlpitos em palcos de estudada farsa eleitoral. E o povo adora.

Ao terminar o regime militar, os políticos que administravam a mudança, inteligentemente, introduziram o regime parlamentarista. Mal pudemos experimentá-lo, pois logo surgiu uma avassaladora campanha pela eleição direta do presidente: “Diretas já”, era o pedido. O povo que se sentia, por muito tempo, privado do direito de voto na ditadura, emotivamente, jogou-se na campanha de forma totalmente irrefletida. Sem saber estavam nos privando do uso da forma mais

democrática de governo. O parlamentarismo é hoje responsável pelo absoluto sucesso dos países europeus. Hoje sabemos que a empolgante campanha das “Diretas já” foi um dos momentos mais burros da nossa história, uma patriotada. Estamos pagando caro pela burrada e, aqui, quero concluir dizendo que eleição direta e o marketing são os criadores do nosso messianismo político.

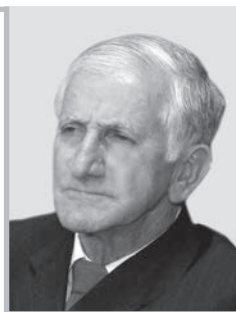
Sempre que se inicia um mandato pensa-se em reformas políticas. Está acontecendo agora, pois estamos vivendo um momento de absoluta vergonha. Com exceção do PT, está desaparecendo todo conteúdo programático dos partidos. Sem nenhuma legislação reguladora funda-se, a todo tempo, partidos de aluguel, propagandistas de nossa estupidez em programas gratuitos de televisão. Acho que chega. A Câmara está renovada. Elegemos aqui, em Mato Grosso do Sul, um grupo jovem de quem esperamos muito. Não tenho esperança na volta do parlamentarismo, tornou-se um sonho, mas a eleição distrital já será um bom começo. Reforçando o sonho, espero sim que algum dia possamos eliminar esse messiânico presidencialismo presente nesta estúpida América Latina, onde sempre terminam em regimes ditatoriais. Chega de Jânios, Collors, Lula, Hugos e Evos.





ABRÃO RAZUK

Nasceu em Campo Grande (MS) em 1940. Advogado. Escreve para jornais do Estado. Publicou as seguintes obras: Enfoques do Direito Processual Civil, e Da Penhora. Ocupa a cadeira nº 18 da Academia, da qual é Vice-Presidente.



Reflexões sobre a justiça

27/06/2011

Sede: A.S.L às 18:00.

Constitucionalmente falando, o poder é constituído pelo Executivo, Legislativo e Judiciário. Esse é a tricotomia de Montesquieu.

Vamos Enfocar o Judiciário. É o poder que deve distribuir justiça. Pertence a esse poder, os operadores do Direito: os magistrados, advogados, promotores, procuradores e os serventuários da Justiça. Todos eles compõem a máquina judiciária, cada qual tem sua função específica.

Há dois graus de jurisdição, ou seja, a 1ª Instância, e a 2ª. A 1ª é composta de juízes de direito que prolatam sentença. Na 2ª instância, em vez de sentença o julgamento chama-se acórdão.

E os tribunais superiores – STJ, STF, STT, ST Eleitoral, ST Militar, são compostos por magistrados de carreira concursados no 1º Grau. O 1º grau é formado por juízes concursados, exceto juizado, a figura do preparador no juizado especial, mas a palavra final é do juiz togado.

O Tribunal do Júri é formado pela sociedade, e os jurados são selecionados dentre os homens de bem do local, mas presidido pelo juiz togado.

O Conselho de Sentença é formado por sete jurados. O 2º grau - na justiça comum há os tribunais de justiça, e na Justiça Federal em via recursal há os tribunais federais regionais compostos por desembargadores, sendo sua sede na capital de São Paulo.

Sentença e Acórdão pressupõem 1ª por juízo monocrático e a 2ª por colegiado, composto de turmas e câmaras etc. Cíveis e Criminais. Existem turmas por matéria específicas do direito. Em Brasília ficam as sedes das instâncias superiores. A mais alta Corte do país é o SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL e denomina-se CORTE CONSTITUCIONAL.

O Recurso Especial é interposto para o STJ e o Recurso Extraordinário para o Supremo Tribunal Federal.

À luz da CF/88, vigora o princípio constitucional do duplo grau de jurisdição, o vale dizer: o reexame da sentença do juízo monocrático pelo Tribunal de Justiça em razão da falibilidade humana e da segurança jurídica das decisões.

Os recursos mais interpostos são Apelação, Agravo de Instrumento, Recurso Especial e Extraordinário.

O Estatuto da OAB, o Tribunal de Ética e o Instituto do Desagravo.

A OAB é regida pela Lei 8.906/94, chamada de Estatuto da OAB e o artigo 34 tipifica as infrações disciplinares do advogado. O advogado que infringir o artigo 34 em seus XXIX parágrafos fica sujeito ao processo disciplinar e é processado e julgado pelos seus pares e pelo **Tribunal de Ética**, e fica sujeito às penas, que são: suspensão, expulsão etc. Sem objetivo é o respeito à ética, que deve nortear o advogado.

Há equivalência para magistratura da famosa **LOMAN-Lei Complementar n.35. de 14.3.1079 (Lei Orgânica da Magistratura)**.

O advogado, quando atingido em sua honra, tem o direito ao **DESAGRAVO** contra qualquer abuso por parte de autoridade, visando dar conforto moral ao advogado que foi atingido em sua honra no

exercício profissional, na defesa de seu constituinte. O advogado tem direito a várias prerrogativas pelo Estatuto da OAB na defesa de seu constituinte, inclusive sigilo dos documentos, dos arquivos e de seu escritório contra abuso de poder, exceto mediante ordem judicial, no caso de praticar alguma figura delitiva.

Sobre o quinto constitucional.

Os tribunais superiores são compostos por magistratura de carreira, advogados e membros do MP. Seu fundamento é a oxigenação dos tribunais aproveitando-se da experiência dos advogados e dos membros do Ministério Público.

O Quinto Constitucional deveria sofrer profunda mudança para que a escolha na formação da lista a ser levada aos tribunais seja mais por merecimento e qualificação profissional e preparo da ciência jurídica do que de política classista.

Seleção dos Magistrados.

O critério de seleção de magistrado é dos mais complexos. Nossa CF/88 prevê o concurso público. É o mais seguro e democrático. Seleção dos Magistrados, todavia, também sofre críticas porque nem sempre seleciona os melhores, salientando-se que é requisito fundamental a vocação. Outro ponto: que seja o candidato de conduta ilibada. Deve ter ética e boa postura social e boa conduta. Gostar da profissão, competência, coragem, independência, trabalhador, e **compromisso com a jurisdição**.

E não sei qual é o melhor, mas eu sei qual que é o “menos ruim”, que é o concurso público.

Os advogados torcem para que ingressem à magistratura, juízes que tenham esses atributos, inclusive educação no trato com os advogados e urbanidade com o público e seria ótimo se a medicina

descobrisse alguma vacina no combate da doença chamada no meio forense de juizite.

Sobre os pontos críticos da justiça.

A morosidade, a demora dos julgamentos. A sociedade reclama muito da justiça em virtude da demora das decisões. Alguns atribuem ao CPC e outros da existência de excesso de recursos e a falta governamental de apoio financeiro e mais concursos públicos de seleção de magistrados, de material de trabalho e má remuneração dos serventuários da justiça.

Como ficou no passado e como ficou no presente - da máquina escrever à Internet.

No passado, os juízes trabalhavam com precariedade de material e funcionários, inclusive os despachos e sentenças e acórdãos eram feitas pela máquina de escrever. Em algumas comarcas de MS, faltava energia elétrica (luz), e o juiz e o escrivão trabalhavam a luz de vela.

Atualmente a Internet enterrou a máquina de escrever. O papel está sendo substituído pelo processo eletrônico. É a era digital. Mas precisamos ter cuidado sempre com a segurança jurídica das decisões, pois a justiça trabalha na maioria das vezes com conflito de interesses dos bens da vida.

Onde existe dinheiro sempre pode haver a tentação e o canto da sereia. Felizmente, a justiça tem bons propósitos e é composta de homens de bem, com raras exceções, como tudo na vida.

Pergunta-se:

Com os juízes, promotores, alguns advogados ganhando bem, com internet etc, por que ainda o sistema não debelou esse câncer que é a morosidade dos julgamentos?

É exatamente na seleção de magistrados e algumas falhas do sistema legal e estatal. Nem sempre são escolhidos os melhores, e grande

parte desse complexo problema é a grande quantidade de demandas e ações coletivas e dos bancos, acima das forças dos magistrados e inadequação da máquina judiciária, bem como a colaboração do homem. Lembrar do célebre livro do “**Acesso à Justiça**”, de Mauro Cappelletti, que exerceu profunda influência, aumentando excessivamente o número de lides e o Judiciário não estava preparado para tal mister. Nem todos os magistrados correspondem a esse magnânimo mister e, às vezes, por receio de reforma de suas sentenças, e perda de pontos para a futura promoção a desembargador, às vezes, por covardia e medo de represálias e receio de contrariar interesses ou preguiça, falta de saúde e desilusão de alguns, pelo cargo.

Parte, portanto, está também no juiz e no sistema. A meu ver, o problema está na conjugação do sistema e do Homem, salvo melhor juízo.

O CNJ e seu limite.

Ele é necessário, mas não pode interferir nos julgados e nem intimidar os magistrados. Deve ficar no campo disciplinar e administrativo, deve ficar consoante o que determinou a Constituição Federal/88. Veio pela Emenda Constitucional nº 45, de 8/12/2001, em seu art.5º. É preciso reformar o CPC com inteligência e conservar os principais recursos, e eliminar, como por exemplo, os embargos infringentes e os supérfluos.

Crítica à PEC n.15/2011

Combater a PEC nº15/11, do Sr. Presidente do STF, que após o julgamento do TJ a sentença ou acórdão, **antes do trânsito em julgado, ainda pendente o recurso interposto ao STJ e STF, poderão ser cumpridos.**

Este fato viola os mais elementares princípios do direito e da coisa julgada e do princípio de inocência etc. Trata-se de absurdo jurídico, em nome do mal da morosidade da justiça e da impunidade, criar e fazer vigor nesse país o maior absurdo jurídico da história jurídica desse

país. É flagrantemente inconstitucional essa PEC 15/2011 e, portanto, a comunidade jurídica deve impedir a aprovação dela por fundadas razões de ordem legal e constitucional.

O tema reforçado pela opinião sempre inteligente e pertinente do inteligente e culto ministro Marco Aurélio de Mello, extraído do site www.iams.adv.br, de julho de 2011, assevera:

DE ACORDO COM A NOTA, MARCO AURÉLIO DE MELLO DISSE AO JORNAL DA OAB PARANAENSE QUE A PEC DOS RECURSOS NÃO FOI PENSADA PELOS MINISTROS DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. NA ENTREVISTA, MARCO AURÉLIO QUE A PEC ENTRE EM CONFLITO COM OS PRINCÍPIOS BÁSICOS DA CONSTITUIÇÃO. NO MEIO JUDICIAL NÃO SE PODE BUSCAR A CELERIDADE EM DETRIMENTO DO CONTEÚDO’.

Adoção e já em prática pelos tribunais superiores da **jurisprudência defensiva** no combate à morosidade em prol da celeridade do Judiciário proporcionando injustiça de alguns julgados pelos seus indeferimentos de plano pelo relator do recurso, quando mereciam ser submetidos à apreciação dos demais julgadores. No termo médio está a virtude. Nem acatar recursos protelatórios e infundados somente para se ganhar tempo daqueles justos e que foram produtos de error in judicando.

A tal jurisprudência defensiva, ela deve ser revista e bem aplicada sob PENA de cometimento de injustiça.

A lei deu poder ao relator e, antes que vá para o colegiado, podendo decidir monocraticamente, e sequer o mérito do recurso é examinado ante o volume de recursos, embora haja muitos recursos protelatórios e de má fé e só para retardar seu término, constituindo-se em verdadeira chicana e recurso repetitivo. Esses devem ser repelidos, mas alguns são indeferidos liminarmente de forma absurda e com o excesso de formalismo e de forma injusta. Que venha a reforma processual e da justiça, debelando seus defeitos, e melhoria técnica do sistema, mas não com o cometimento de absurdo e falta de bom senso e lembrar do cuidado da seleção dos magistrados, com muita cautela e se possível, selecionar profissionais com o mínimo de prática profissional experien-

te, que colocaram a barriga no balcão dos cartórios. Advogados que sofreram na vida profissional muitos aborrecimentos e desaforos, mas o sofrimento traz grandeza espiritual e grandeza de caráter e também equilíbrio emocional.

Enfim, poderíamos abordar incontáveis temas do direito desse fascinante ramo do conhecimento que é o Direito.

Aí resumimos, ainda atual não que a internet e o processo eletrônico substituíram a máquina de escrever e os processos que se amarravam com barbante, todavia, dizer que o problema está mais no sistema do que da conjugação do elemento humano em nome do combate da morosidade e da impunidade trata-se de visão equivocada. O problema é mais profundo e complexo, quiçá uma das soluções seria reduzir a carga de trabalho do magistrado e estabelecer um limite razoável do processo de acordo com suas forças como na Alemanha. Acima desse limite o magistrado perderia a jurisdição de julgar e seria remetido para outro desse limite preestabelecido.

Também os operadores do Direito, juiz, advogado e promotor, devem estudar constantemente, fazendo reciclagem cultural e do conhecimento jurídico que evolui constantemente para ser aplicado no labor profissional e o aperfeiçoamento e melhoria do nível das faculdades de direito.

A manutenção do exame da ordem ante o mal da proliferação da faculdade, inclusive com a má administração do ensino, visando apenas o ganho financeiro, com algumas exceções.

Melhoria no quadro de professores pagando o salário melhor e valorizando-os.

A mudança de metodologia do ensino, fazendo o aluno ser um intérprete da lei e não um mero decorador da lei, e sim, um hermenêuta.

É preciso que o acadêmico de direito raciocine mais e de acordo com a lógica formal e da lógica jurídica, pois a justiça ainda, baseia-se nos princípios e ensinamentos dos grandes juristas: e sobressai o de ULPIANO, em dar a cada um o que é seu. Não lesar a outrem. Viver honestamente.

Conclusão:

O ideal seria efetividade do princípio da duração razoável do processo com a redução da morosidade da justiça a nível tolerável ou da negação da justiça, sem prejuízo da qualidade da justeza da sentença. Correspondência do anseio do jurisdicionado com a celeridade e julgamento justo.

Celeridade aliada com a justiça das decisões. Essas são algumas reflexões sobre alguns problemas complexos da Justiça.

Campo-Grande (MS), 4 de julho de 2011.





ADAIR JOSÉ DE ALENCAR

Nasceu em Cruz Alta (RS) em 1924. Professor e Advogado. Morou em Campo Grande, quando foi secretário de educação do município e também diretor-proprietário do Colégio Osvaldo Cruz. Publicou, dentre outros títulos: Sarabico e Tico-Tico (infantil), Crônicas de Ontem e de Hoje, Rimas e Ritmo. Ocupa a cadeira 26 da ASL.



A morte do imortal

Parece uma contradição. Não é. Quando muito um paradoxo. A morte biológica, a morte do corpo não mata nem sepulta a vida perene das lembranças e da saudade. O “lembra-te, ó homem, que és pó e ao pó retornarás” da sabedoria bíblica, não atinge as recordações daqueles que ajudaram a escrever a história dos homens. A memória desses fica depois da tristeza solene dos funerais. Eles, na verdade, morrem em obediência à regra natural, mas são imortais, eviternos, permanecem através de seus feitos, das suas obras, das suas realizações, numa convivência sentimental com os que lhes admiraram a existência e as virtudes, a capacidade de trabalho e o esforço pela arte, moral e cultura.

É assim que vejo e recordo o companheiro Otávio Gonçalves Gomes. Seu passamento abalou os confrades da Academia, não os surpreendeu com o vazio da ausência. Tenho certeza de que, em cada reunião do sodalício Sul-Mato-Grossense, como de costume, ele estará presente pela dedicação e exemplo que deixou, pelo muito que fez e que desejou fazer, pois foi sempre um símbolo de eficiência, uma bandeira de entusiasmo, pesquisador, historiador, poeta, escritor, conferencista infatigável celebrando a sua terra natal.

Os Guaicurus, hoje, realizariam a dança comemorativa dos heróis e as seriemas solitárias haveriam de clarinar o toque de silêncio!

Quando tive a honra de ingressar na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, para ocupar a Cadeira n° 26, sendo patrono o poeta Pedro de Medeiros, foi Otávio Gonçalves Gomes quem fez as honras da casa, recebendo-me com bonito e estudado discurso. Em julho de 1977, ao procurá-lo em seu escritório, para assuntos imobiliários, disse-me compenetrado: não venda tudo, lembre-se dos filhos. Foi a última vez que o vi. Depois, trocamos várias correspondências.

Agora, o amigo e confrade partiu. Deixou, porém, a alma entre os seus pares, sobretudo, na exaltação da sincera amizade que a todos devotou. Otávio Gonçalves Gomes morreu, mas é um imortal.



Na casa da vovó

A gente pode de tudo
Lá na casa da vovó,
Comer, brincar, ela deixa,
Pintar o sete, olha só.

A vovó parece um anjo,
O castigo é só beijar.
Imaginem, a velhinha
Não sabe nem castigar.

Não pode é fazer maldade,
Aí, ela vai ralhar.
Pegando a nossa mãozinha,
Ela ensina a rezar.

A vovó é tão bacana,
É só lhe pedir perdão.
Ela nos põe no seu colo
Nos beija com um beijão.

Vovó, lá na tua casa
Não consegui aprender
A tirar leite das vacas.
Nunca mais pude esquecer.

Te dava café na cama,
Tu eras o meu xodó.
Agora, quanta saudade
Da casinha da vovó!

Deus espalhou as sementes
Nasceram muitas vovós.
A minha é uma delas,
Aliás, as de todos nós.

É preciso ter cuidado,
São frágeis como uma flor.
Não são de aço, nem pedra,
Vovós são feitas de amor.

O relógio

Eu ganhei um relógio de algibeira
Folheado em ouro. E em ouro a corrente,
Para que eu usasse a vida inteira,
Foi o desejo escrito no presente.

Naquele tempo, eu tinha a companheira
Que, hoje, já se foi infelizmente.
O relógio parou. Não há maneira
De vê-lo a marcar horas novamente.

Marcando o tempo de felicidade,
Não quis marcar, porém, esta saudade,
Amargas horas desta minha dor.

Agora, aqui parado, em minha mesa,
É o meu companheiro de tristeza,
Comigo relembrando o teu amor.



O soldado

Quando ele partiu, ela chorava. O pelotão em marcha cadenciada, mochila às costas, fuzil em riste escorado no ombro esquerdo, escoltado pela banda de música do Quartel que tocava um “dobrado” marcial.

Ele na testa do pelotão, ainda a viu em lágrimas, ao passar em direção à estação ferroviária, para o embarque.

Ela, com o seu pressentimento angustiado o coração. “sabia” que ele não voltaria mais. A guerra o roubou do seu amor para sempre.

O nazismo hitleriano e o fascismo de Mussolini, somados ao comunismo de Stalin, queriam dominar o mundo, formar uma nova raça humana superior, sem judeus, sem idosos, sem deficientes, sem capitalistas, um império de super-homens. E parecia que estavam conseguindo!

Os dias que se seguiram, para ela, a cidade era triste e vazia como o seu coração. Vivia numa espécie de madorna, mal conseguindo assistir às aulas na Faculdade, sem ouvir nem entender nada do que o professor ensinava.

Seu pensamento andava distante, vagando por mundos de lembranças e saudades, como num sonho sem fim.

Transcorreram dias, semanas, meses, quando recebeu a primeira carta. Aí chorou.

Ele estava numa frente avançada, na Itália. Preparava-se para entrar em combate, mas dizia que estava bem, que não se preocupasse, que voltaria para ela, um dia. Que a amava. Contava ainda que o padre capelão, um sacerdote brasileiro, gaúcho, havia dito, na preleção feita à tropa: quando se entra em combate, não existem ateus. Ele confiava em Deus.

Mais algumas vezes, recebeu cartas do seu expedicionário e sempre chorou ao lê-las.

Ficava até altas horas rolando na cama, com os olhos fitos no nada, relembando momentos que passaram juntos. Como ele era amoroso, apaixonado, carinhoso ao beijá-la alisando-lhe os cabelos!

Ferido em combate, foi retirado para um “hospital de sangue” e as cartas cessaram.

Ela nada sabia e rezava muito, suplicando à Virgem do Perpétuo Socorro que o trouxesse de volta são e salvo.

Foi assim que o tempo passou. Restabelecido, começou novamente a escrever para a sua amada. Uma, duas, três vezes, sem obter resposta. Porque ela nunca recebeu essas cartas.

Um novo Bispo tomou posse numa Prelazia, no extremo Norte do país e, em seu programa de organização episcopal, anunciou, pela imprensa da época, que precisava muito de padres e médicos para o hospital deserto.

Recém formada, ela inscreveu-se e foi, assumindo a direção daquela Casa de Saúde.

Longe de sua cidade natal, onde tanto amou e sofreu, aquietava o coração no trabalho intenso e, nas horas de folga, na quietude ensombrada da floresta amazônica. Quantos anos transcorreram, sepultando o seu passado sofrido, ela nem sabia mais. Sabia que o amaria para sempre, estivesse ele onde estivesse, talvez numa daquelas estrelas que fogoneavam na imensidão do firmamento.

A guerra cruel que o levara havia, há muito tempo, terminado. Os Governos beligerantes, inclusive o Brasil, ainda envolvidos em sequelas da catástrofe que abalou o mundo, procuravam reorganizar o seu país.

A cidadezinha e o Prelado ainda viviam a novidade da chegada do novo missionário brasileiro, recentemente formado em missiologia, na Gregoriana de Roma.

A recepcionista bateu à porta da Diretora e anunciou: Doutora, está aí o padre que quer fazer uma visita aos internados.

Muito bem, pode entrar.

Aquilo foi uma faísca. Um relâmpago que fulminou a alma dos dois, quando os olhares se encontraram! E ela chorou outra vez! Ele voltara, como havia prometido!

Os valores humanos

Introdução: Tarefa de relevância e nada fácil definir o homem e o valor, sem situá-lo no ambiente em que ambos são sumamente importantes e sem relacioná-los entre si, para que adquiram, “in concreto”, significação objetiva.

Os conceitos, a respeito da matéria, em todo o longo percurso da História, têm sofrido múltiplas acepções e há os que ousam afirmar não terem ainda compreensão claramente delimitada.

Fundamentalmente, Homem e Valor são realidades recíprocas, ricas em determinações fenomenológicas que, da sua má, boa ou ótima análise e interpretação, tem dependido toda a realidade fática da humanidade.

Efetivamente, o Homem e o Valor sempre estiveram presentes na ciência e nas preocupações do mundo.

Na Filosofia, eles provocaram o ressurgimento de todos os problemas clássicos e de várias teorias que tentaram desvendar sua natureza e fixá-los nos parâmetros da casuística do conhecimento e da ação humana.

Em Economia, os encontramos, suscitando encontro e desencontro de opiniões e tentando o equilíbrio entre o ser e o realizar.

Na Antropologia e na Sociologia, como ponto de referência e noção-base, timbrando na armação e estruturação de sistemas que, tendo por objetivo, não só a ontologia, como ainda a hermenêutica da vida, terão forçosamente que lhes descobrir e lhes analisar a gama de verdades de que são portadores.

No Direito, como ciência por excelência dos relacionamentos, Homem e Valor afloram num pedestal de capital importância, fundamentando e orientando a ação jurídica, de tal modo e com tal e inelutável veemência que, sem o Homem como sujeito do Direito e o Valor como conteúdo da regra normativa, não se pode falar em elemento jurídico nem conceber o Direito Subjetivo ou Objetivo.

Valor: na Filosofia dos Valores, são muitas e diversas as indagações a respeito do Valor: o que é Valor? Qual a importância do Valor? O Valor é algo objetivo ou puramente subjetivo? O Valor é algo por natureza relacionado? O Valor pode variar de lugar para lugar ou de época para época? Terá o Valor outras conotações temporais, espaciais ou culturais?

Podemos afirmar que o pensamento humano sempre, através do tempo e do espaço, nas invencíveis tergiversações históricas, repetimos, sempre se ocupou da questão dos Valores. Nem sempre, todavia, chegou a uma conclusão unânime, o que tornou a questão, já de per si não fácil, de extrema dificuldade.

Valor vem de valere, que significa ser forte e ter boa saúde. A expressão latina que formula votos de boa saúde e de bondade e bem em geral é “Vale”. Bem pode corresponder ao nosso: passe bem! Vele tudo, em Latim, é saúde. Em alemão, Wert e consequentemente Wertheorie quer dizer a teoria dos valores. Em inglês, italiano e francês respectivamente é value – valeur, mas vaillance que significa o preço de alguma coisa, o valor guerreiro, proeza, riqueza que se dispõem ou qualidades que se possuem.

Laudelino Freire afirma que Valor é preço, coragem, estimação.

Para Aulette, Valor é resignação, paciência, bondade. Em Portugal, Valor significa grau de aproveitamento escolar, termo que junto a um número gradua e qualifica o aluno. Obteve dezesseis valores.

Valor é também tido como grau de utilidade ou aptidão das coisas para satisfazer necessidades, proporcionar bem estar ou deleite.

Percebe-se, em todos os conceitos, a ênfase ao aspecto do Valor como um bem, uma virtude, uma qualidade rara que satisfaz e realiza.

Um de nossos autores assim se exprimiu: “Valor é uma qualidade da alma que a leva a cometer grandes empresas e enfrentar os perigos sem medo.” Ainda com referência às pessoas, entendemos que tem valor se são capazes e se empregam adequadamente suas capacidades, se são pessoas de bem. Uma pessoa de valor é a que tem virtudes e méritos.

Daí, o que afirma, com muita propriedade, o filósofo Edmundo Luís Kunz, quando diz: “É difícil definir o Valor sem relacioná-lo ao bem. Valor, no entanto, não é bondade abstrata, mas bem concreto, bondade em um sujeito. O bem concreto, para se erigir em valor, deve estar relacionado sempre e exclusivamente ao homem, sujeito espiritual. À água, por exemplo, é boa para o boi, mas “vale” só para o dono do boi. O espírito humano é quem atribui valor aos objetivos e aos atos que os atingem”.





ALTEVIR ALENCAR

Nasceu em 1934, em Teresina (PI). Radicou-se em Mato Grosso do Sul, chegando a ser prefeito de Nioaque (MS). Reside na cidade natal. É exímio poeta sonetista. De suas obras, destacam-se: Poemas da Solidão, Poemas pra quem sabe amar, Algumas Poesias, Êxtase, Anda vem cá, Livro de Sonetos. Ocupa a cadeira nº 34 da ASL.



As mãos do Destino

O que tem de José de Ribamar no Maranhão, de Francisco no Ceará, de Severino em Pernambuco, de Sérgio no Rio e de Ramão no Mato Grosso do Sul, não está no gíbi. Em 1990, ainda moço mas já aposentado, por que comecei a trabalhar quando adolescente, e depois de longa peregrinação por terra alheia, retornei ao Piauí com ânimo definitivo. A ideia era me recolher a Alto Longá, onde teria um começo de velhice calmo no recesso do meu povo, lendo e escrevendo meus livros “longe do estéril turbilhão das ruas”. Mas decidi ficar em Teresina. Montei escritório no Edifício Oeiras, no centro da cidade. Criminalista, estava trabalhando de graça: os constituintes ricos, em nome de uma cretina “amizade”, não pagavam meus honorários advocatícios; os pobres, por não terem com que pagar e porque no Piauí há poucos Defensores Públicos, remunerados pelo Estado exatamente para assistir esses infelizes na justiça – que são muitos -, principalmente na área criminal. Atuei intensamente no Tribunal do Júri sempre na Defesa, em Terezinha, Alto Longá, Porto, Paranaíba, Floriano, Campo Maior e Timon, sem ganhar praticamente nada, até que um dia fiz um Júri em São Luís (MA), caso rumoroso, com grande repercussão na “Atenas

Brasileiras”, quando defendi um rico empresário, que surpreendeu a esposa num motel, trancada num quarto com um amante, matando a mulher e ferindo, a tiros de revólver, seu parceiro. O réu foi absolvido. Ganhei ali, subitamente, por força da mídia eletrônica, nome e renome em todo aquele Estado. Passei a ser convocado para atuar no Tribunal Popular em Caxias, Bacabal, Imperatriz, Peritoró, Coelho Neto, Pedreiras, Codó, Brejo, São João dos Patos e outras comarcas. Resumindo: meu escritório era aqui, mas advogava exclusivamente no Maranhão.

Tive um cliente, José de Ribamar Costa, vulgo Olho de Bomba. Analfabeto, sobrevivia na mais completa miséria num casebre de palhas e chão batido, nos arredores de Timon, com a mulher esquálida, Dona Perpétua, e cinco filhos: Isabel, de 16 anos, loirinha, magra e suja, a única que estudava. Os outros eram quatro meninos amarelos, famintos e barrigudos. Olho de Bomba era ladrão por imposição incoercível da própria miséria. Mas só assaltava farmácias, e de madrugada. Os receptadores, farmacistas inescrupulosos. Um desses patifes comprou duas sacas cheias de caixas de medicamentos por R\$ 10,00 (dez reais). Tirei Olho de Bomba da cadeia mais de dez vezes, impetrando Ordem de Habeas Corpus por extrapolação do prazo legal na conclusão dos inquéritos policiais, o que transformava essas prisões em constrangimento ilegal. Em 1991 ele e a família desapareceram, sumiram, como se diz. Anos depois desativei meu escritório, deixei de advogar, entrei para a família judiciária – com muita honra -, e atualmente sou o secretário-geral do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado do Piauí.

Há poucos dias recebi, no meu gabinete, a visita de um casal de médicos de Brasília: Dr. Álvaro Milanez, anesthesiologista, e sua esposa Dra. Isabel da Costa Milanez, cirurgiã. Ele, moreno claro, elegante; ela, loira, alta, bonita, de olhos verdes: “Doutor Altevir, vim a Teresina com o Álvaro, a serviço. Fizemos uma cirurgia de grande porte e de extrema complexidade, assistidos por dois médicos locais. Eu sou a Isabel, filha do Olho de Bomba, lembra-se? Meus pais moram em Brasília (Ceilândia). Meus irmãos moram em São Paulo. Todos trabalhando e estudando. Um, casado com uma dentista, cursa Odontologia na PUC.

Papai está aposentado, por um acidente no trabalho. Era operário da construção civil. Nunca esqueceu do senhor e do bem que tanto fez a ele no seu infortúnio. Pediu-me que lhe desse este abraço e este beijo”.

Roubou a Igreja

COSME DE FARIAS nasceu e morreu em Salvador (1875-1972), quase completando 97 anos de idade, portanto. Atravessou 77 anos de sua atribulada existência “dedicado ao benefício dos seus semelhantes, trabalhando sem cessar como Advogado dos Pobres”. Parlamentar, polemista, orador tenaz, palavra enternecedora e cortante ao mesmo tempo. O Tribunal de Justiça da Bahia conferiu-lhe o título de Rábula, já que era autodidata. Deputado Estadual desde 1914. Chegou a ser o deputado mais idoso do Brasil porquê – é lógico – passou 58 anos como Deputado. Suas campanhas eleitorais eram feitas diretamente com a pobreza, em permanente visitas aos casebres mais humildes da periferia daquela cidade. “Fácil seria ter dinheiro suficiente para uma velhice tranquila e confortável”. Casou-se. Não teve filhos. Ficou viúvo. Recolheu-se ao isolamento, à sua solidão, aos seus livros. E intensificou ainda mais a atividade advocatícia. “Todo quanto ganhou na vida deu para os necessitados”. Viveu muitos anos, até à morte, em estado de completa miséria, numa pequena casa de sala e quarto, alugada. Quase não se alimentava. Fundou a Liga Contra o Analfabetismo (embrião do malfadado e famigerado MOBREAL), e, com a avançada idade de 93 anos, doente, ainda atendia de 04 a 08 pessoas por dia, auxiliando, confortando, orientando e defendendo na Justiça.

FOLCLORE POLÍTICO Nº 03 (Editora Record, Rio de Janeiro) e REVISTA DOS ADVOGADOS BRASILEIROS, (nº 62, 1º semestre de 1984), registram este caso, com o título de “SENHOR DO BOMFIM”.

Estava na vigência da Consolidação das Leis Penais (CLP), quando, por qualquer delito, o acusado era julgado pelo Tribunal Popular. Aconteceu isto:

Um ladrão entrou na igreja do Senhor do Bonfim e roubou as moedas que o povo colocara lá dentro. COSME DE FARIAS foi para o júri. O promotor passou uma hora acusando. Pediu 8 anos de cadeia para o desgraçado, e terminou dizendo que “Quem comete o sacrilégio de roubar dinheiro de uma igreja vai montar um Banco no inferno em sociedade com o diabo, para emprestar dinheiro, com juro de 100%. Quem rouba de Deus vai para o inferno quando morrer!”. Com a palavra o velho advogado fez uma defesa até breve:

“Senhores jurados, não houve crime! Houve um milagre. O Senhor do Bonfim que não precisa de dinheiro, é que ficou com pena da miséria dele (do ladrão), com mulher e filhos passando fome, e lhe deu o dinheiro assim: ‘Meu filho, este dinheiro não é meu. Eu não preciso de dinheiro. Este dinheiro foi o povo que trouxe. É do povo com fome. Pode levar o dinheiro.’... e ele levou. Que crime cometeu? Se houve um criminoso, esse criminoso é o Senhor do Bonfim, que tem autoridade para distribuir o dinheiro da Igreja. Então, Dr. Promotor, vá buscá-lo lá na Igreja, agora, e o ponha sentado aqui no banco infamante dos réus! E tem mais: o Senhor do Bonfim é Deus, não é? Deus pode tudo. Se ele não quisesse que o acusado levasse o dinheiro, teria impedindo. Se não impediu, é porque deixou. Se Deus deixou, não há crime. Quem vai para o inferno, data vênha, e com todo o respeito, é Vossa Excelência!”.

Tem que casar

“Há moralistas imoralíssimos” - Oscar Wilde

O rapaz namorou direitinho. Ficou noivo. Comprou uma casinha, móveis, cozinha. Tudo certo. Um dia quis almoçar antes da merenda. A noiva disse: “Alto lá! Você sabe que sou de família direita, unida, educada. Sexo comigo só depois de casar, de papel passado. Agora, depois de casados eu faço com você até a folhinha verde” Saiu dali invocado com aquele negócio de folhinha verde. Já tinha lido Kama Sutra, A Arte do Sexo, Tratado de Sexologia (de Marta Suplicy), Na Cama Vale Tudo, Os

prazeres da Carne. Mas aquela posição, sacanagem ou esculhambação ele desconhecia. Estava vidrado: folhinha verde não lhe saía da cabeça. Perguntou a um, a outro, a outro..., nada. Uma noite foi à casa de uma caceteira velha com quem ele transava há vários anos: “Querida, hoje você vai fazer comigo a folhinha verde”. “O quê? Crie vergonha na cara, seu safado! Desapareça e nunca mais me procure!”. Saiu dali assustado e mais encucado. Outra noite foi a um bordel: “Boa noite, madame! Por favor, me indique uma rapariga tarimbada, experiente, passada na casca do alho”. A cafetina apontou e disse. “Aquela mulher que está sozinha naquela mesa. Tem mais de dez anos de zona”. Foi até à mesa, cumprimentou a mulher, pediu licença, sentou.

- Qual é seu cachê, meu coração?

- Trinta reais.

- Pois eu lhe dou cem reais para você fazer a folhinha verde comigo.

- Você não é besta não, seu patife? Vá pedir a sua mãe para fazer a folhinha verde com você, seu tarado!

Chega o leão-de-chácara: - “Que está acontecendo aqui?”. Ela contou. O “leão”: - “Olhe, seu cretino: Isto aqui é um puteiro de respeito! Caia fora do ‘estabelecimento’ antes que eu lhe quebre a cara!” Saiu dali humilhado, mas com o pensamento fixo na folhinha verde.

Antecipou o casamento. Terminadas as cerimônias o casalzinho saiu daqui no carro dele, “cantando pneu”. Iam passar a lua de mel numa pousada que fica à margem de um lago numa cidade do interior. Viajando de noite, chovendo muito, a rodovia cheia de buracos e de curvas, rodando na base de 120 Km/h, naquela expectativa angustiante, perdeu o controle da direção, o carro capotou. Ele não se feriu, mas a noiva morreu ali mesmo.

Até hoje, nem ele, nem eu, nem quem leu este texto, sabe o que é folhinha verde.



AMÉRICO CALHEIROS

Nasceu em Goiana (PE), em 1952. Professor e teatrólogo, criou o Grupo Teatral Amador Campo-Grandense (GUTAC). Atual diretor-presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. Dentre suas obras literárias, destacam-se: “Memória de Jornal”, “Da Cor da sua Pele”, “A Nuvem que Choveu”, “Poesia pra que te quero” e “Na Virada da Esquina”. Ocupa a cadeira nº 7 da ASL.



O ofício do ator

“Entender o significado completo da vida é obrigação do ator, interpretar isso é problema dele, e expressar isso é sua dedicação. - (James Dean)

Nasce-se ator ou faz-se ator? A nem todos mortais é dada a capacidade nata de interpretar outros seres, viver, no faz-de-conta, outras vidas, brincar com o ato de representar. Esta brincadeira séria tem motivado tantos homens e mulheres, desde que surgiu na antiga Grécia, a decifrar através de peças de teatro as mil faces do ser humano e descobrir o que se esconde atrás da máscara humana, ela que é o símbolo do teatro. Com toda ludicidade que esse jogo possui, o teatro tem sobrevivido a toda sorte de intempéries e se renova em outras faces da dramaturgia a cada tempo. Ele alimentou o cinema, hoje a televisão e se não sumiu de cena inegavelmente disputa com as novas mídias o mesmo público (e nem sempre tem levado melhor sorte).

O alimento maior do teatro e dessas novas mídias indiscutivelmente é o ator, a atriz. Esses rodeados de todo glamour, ou não, são na essência operários da interpretação. E esta não cai do céu. Nem todo

mundo nasce uma Fernanda Montenegro que sem aprendizado acadêmico imprime, na ousadia do simples e complexo ato de representar, a fantástica força de seu talento a serviço de contar uma história com a necessária verdade. Outras, honrosas exceções como ela, existem no Brasil e pelo mundo afora, entretanto, a regra é outra.

O ator forja-se no estudo, na pesquisa, na experimentação, no exaustivo ensaio, na busca contínua do melhor tom, na percepção de cada nuance de uma personagem. Ator decididamente não se constrói no grito. O domínio da técnica, ou técnicas do ator, é condição indispensável para o exercício desse ofício. Esse conhecimento, aliado à permanente observação das personalidades humanas à afinada intuição e à obstinada procura das performances que melhor traduzem as emoções dos personagens, é um descomunal e permanente desafio. O principal instrumento do ator é o corpo, isto significa que os cuidados básicos com a saúde, em primeiro plano, são preponderantes. Boa alimentação, exercícios físicos, cabeça boa, são ingredientes que contribuem para o domínio do corpo, condição indispensável nessa arte. A voz, com seus exercícios, cuidados e conhecimentos específicos em respiração, articulação e projeção sustentam e colaboram com uma interpretação de qualidade. E realmente não é fácil. Além de tudo isso é fundamental que o ator esteja plenamente sintonizado com as antenas do mundo, com as novas energias sociais, com os novos movimentos artísticos e humanos. O ator não pode se dar ao direito de descansar sob a glória. Atuar é estar na correnteza, a favor ou contra, dependendo das circunstâncias, mas sempre na correnteza.

A construção de um personagem, que revela no palco o aprendizado real que um ator tem do seu ofício, é o fruto maior de todo seu empenho e trabalho. Não adianta todo um conhecimento técnico rebuscado se na hora H isto não fluir em sua plenitude.

Seja recorrendo às memórias afetivas preconizadas por Constantin Stanislavski ou a tantos recursos de interpretação propostos por pensadores do teatro como Bertold Brecht e Peter Brook, dentre outros, abrem-se as cortinas, ou não, como no caso de certos espaços alternativos e o decifra-me ou devoro-te acontece.

Ser ator é dominar cem leões por dia. Na sutil ou desbragada luta para dar vida a tantos personagens, o ator às vezes esquece-se da própria.

O ofício do ator, não resta dúvida é repleto de magia. Incendeia a própria imaginação e a do público, traz brilho ou escuridão, sucesso ou amargor. A serviço do entretenimento, do imaginário coletivo, das ideologias vigentes ou não, das transformações sociais e políticas, cada qual com sua opção, o ofício do ator demanda inexoravelmente em quem o assume, o intenso ato de vencer, a cada encenação, seus próprios medos para, nas luzes da ribalta, fazer brilhar outras vidas.

O ofício do professor

“Mestre é aquele que de repente, ao ensinar, aprende”. Guimarães Rosa, o escritor, tem toda razão em seu breve pensamento. O ofício de ensinar seja como mestre ou simples professor que se dispõe a desvendar com os alunos os segredos das letras é antes de tudo uma arte. É comum se ouvir dizer: “fulano sabe muito, mas não sabe repassar seu conhecimento”. Aí está uma das chaves de quem exerce o ofício de professor, a arte de se comunicar. A comunicação fácil, direta e encantadora é que propicia o aprendizado, atiza a curiosidade, desperta a sede do conhecimento. A capacidade de compartilhar o seu saber com os outros descobrindo, novos ângulos desse saber, se colocando permanentemente nesse processo como professor e aluno ao mesmo tempo, é próprio dos sábios, dos professores, das professoras com todas as letras maiúsculas. É próprio dos mestres. Ensinar é contar histórias. Histórias da geografia, das ciências, das artes, dos números, da humanidade, dos livros, das tecnologias, história das histórias e provocar, por meio dessas, o raciocínio, a dúvida e o imaginário em suas infinitas possibilidades. Ensinar a pensar, se é que isso se ensina, é o pulo do gato do ofício do professor. Quem não pensa não existe. Quem pensa, faz sua cultura, faz seu destino, energiza sua vida, reinventa o mundo. Quem pensa é livre e liberta.

O domínio dos conteúdos ensinados é essencial. Domínio, de verdade, resultante do estudo, da pesquisa, da reflexão, da compreensão que permite aceitar ou negar conceitos estabelecidos, deixando assim de ser um mero repassador de ideias para ser um gerador de ideias, um formador de opiniões e um líder. Sim, o professor que entende do riscado, naturalmente se instala como uma liderança capaz de colaborar na projeção de novas perspectivas sociais, políticas, profissionais, humanas e assim, exemplarmente, despertar a liderança que cada um possui dentro de si e que é fundamental para a construção de uma caminhada de realizações e sucesso.

O professor tem que ter preparo, e isto é indiscutível, (pois não se compartilha o que não se tem), mas tem que, acima de tudo, ser dotado de aflorada sensibilidade e de fina intuição. Dotes que lhe permitem perceber em seus alunos as potencialidades e os talentos que, a um estímulo seu, podem desabrochar, mudando rumos de vidas e construindo novos homens e novas mulheres para uma nova sociedade.

Um outro traço significativo para o professor no exercício de seu ofício, é a capacidade de saber desafiar seu aluno. Falando aqui, não do desafio que envolve o domínio de milhares de informações, muitas vezes desnecessárias e descartáveis, e sim daquele que pega o indivíduo no cerne maior da sua inteligência criativa e o transforma em um domador de serpentes, ou seja, um vencedor.

Ensinar não é exercer um sacerdócio, como durante séculos se proclamou. Ensinar é antes de tudo labuta, participação ativa no cerne do tecido social, buscando na compreensão do agora, as lições que embasam as transformações futuras, sem abrir mão do que é certo, justo e de direito. Ensinar não é professar ideologias e sim discuti-las, renová-las e ultrapassá-las se preciso for, sem tirar, entretanto, os olhos dos conteúdos que dão sustentação ao desenvolvimento do raciocínio lógico, ao espírito crítico e a criatividade.

Por fim, tal qual o ator que segundo Shakespeare é feito da matéria dos sonhos, o professor não pode se afastar dos sonhos, matéria imponderável, porém necessária à edificação do ser humano que raciocina, mas não deixa de sentir, que é crítico, mas não perde a compaixão,

que domina o conhecimento mas não oprime os que não sabem. E que carrega, com essencial carinho em seu fardo de vivências, a paixão por seu ofício, pela vida e pela utopia, sonho maior de todos que creem num mundo onde a felicidade tenha espaço assegurado.

Ofício de escritor

O ofício de escritor é um fazer solitário em comunhão plena com os desatinos do mundo. Escrevo, às vezes, para comunicar, muitas vezes para não enlouquecer. Abraço a solidão do mundo. As ideias todas, as visões, os insights, as opiniões que preciso emitir saltam para o papel e eternizam esses momentos passageiros. Fazem a história, a minha e a do meu tempo. É um fazer em contínuo confronto com a burocracia própria de qualquer serviço em que você, virtualmente ou literalmente tem que bater o ponto. Entretanto há momentos em que a burocracia e esse ofício se encontram: é no domínio técnico. O escritor, o completo, tem que ter o profundo conhecimento das estruturas linguísticas em que se manifesta, seja até para afrontá-la, mas é o que o estabelece, com propriedade, em seu ramo de atuação. Que coisa feia um texto, um livro escrito com crassos erros. Com desconhecimento nítido das estruturas formais da língua.

A escrita une o exercício da criação em que inspiração e transpiração se confundem. É inexplicável e inquestionável que em determinados momentos, raros, certos textos brotem integralmente da mente para o papel. Se, entretanto o escritor ficar dependendo desses momentos especiais, morre de inanição literária e no caso dos escritores profissionais, morre de fome. Escrever é dominar a tal ponto o ofício que a principal musa inspiradora chama-se trabalho. É preciso estar continuamente, lendo, pesquisando, estudando e acima de tudo estar observando as pessoas, registrando os fatos, as atitudes, estar antenado com os acontecimentos: dos mais importantes aos mais banais. É preciso estar em permanente sintonia com seu tempo. É preciso sentir a vida correndo nas veias do mundo.

Claro que cada escritor acaba criando seu método de trabalho que normalmente não se encontra em nenhum manual de como ser um bom escritor.

Desde muito criança sou apaixonado pela leitura, a escrita entretanto entrou em minha vida bem mais tarde, aos dezoito anos quando iniciei o curso de Letras e ao mesmo tempo comecei a trabalhar como professor. O curso me abriu para os grandes autores: poetas ou não e me iniciou na dolorosa e deliciosa via crucis de mergulhar nas vísceras literárias brasileiras e estrangeiras. O magistério me obrigou a escrever de tudo principalmente porque em todos os lugares em que trabalhei sempre sobrou alguma coisa para eu escrever. E o pior ou melhor, fui gostando cada vez mais. De ofícios a relatórios, tracei tudo. Daí para meu primeiro livro: “SEM VERSOS” foi um pulo. Hoje escrevendo meu sétimo livro, a escrita faz parte da minha rotina, como a necessária ingestão de oxigênio para manter-me vivo.

Escrever não deve ser necessariamente e apenas uma tarefa de escritores. Um país que escreve bem, pensa e vive melhor. Isso chama-se educação com qualidade, mesmo porque leitura e escrita se entrelaçam cada vez mais e emergem como necessidades incontidas de comunicação. Os novos veículos, as novas mídias aí estão prontas a absorverem as idéias. Quando ainda quase 14 milhões de analfabetos, fora os funcionais, também no absurdo número de 32 milhões, povoam o cenário educacional e cultural do país é sinal que um alerta muito forte precisa ser detonado.

A leitura e a escrita não podem ser inseridas no terreno dos bens descartáveis, afinal o crescimento de uma nação passa necessariamente pela leitura e entendimento que os cidadãos têm dessa nação, do que ela necessita e para onde ela caminha.

Junto com o ofício do escritor caminha o compromisso do cidadão, ambos de relevância. Não é à toa que os pensadores que mais representam uma nação são os escritores. Exemplos como: Shakespeare, a Inglaterra; Miguel de Cervantes, a Espanha; Luiz Vaz de Camões, Portugal; Machado de Assis, o Brasil; e Mário Vargas Llosa, o ganhador do prêmio Nobel da Literatura 2010, o Peru. Que responsabilidade!



AUGUSTO CÉSAR PROENÇA



Nasceu em Corumbá (MS), em 1940, filho de família tradicional do Pantanal da Nhecolândia, universo que explora em seus livros. Dentre suas obras, destacam-se: “Pantanal - Gente, Tradição e História”, “Memória Pantaneira”, “Corumbá de todas as Graças” e “Rodeio a Céu Aberto”. Ocupa a cadeira n° 28 da Academia.

A Virgem de Coimbra

O dia não podia ter amanhecido pior.

Um denso nevoeiro cobria a superfície do rio e impedia a boa visibilidade das sentinelas naquele alvorecer de 27 de dezembro de 1864. Mesmo assim, os soldados da guarda conseguiram avistar fumaças saindo das chaminés dos vapores inimigos e deram o alarme.

Vicente Barrios, tenente-coronel paraguaio, comandando uma poderosa esquadra, aportava nas proximidades do Forte de Coimbra, mandando um ultimato ao também tenente-coronel Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero, comandante do forte, para que se rendesse num prazo de uma hora.

Portocarrero, militar de comprovada experiência, respondeu que não se entregava e ia lutar até o último cartucho; apesar da inferioridade de homens e de armas.

Eram 11h da manhã, quando desembarcaram as tropas e os canhões das chatas e das peças de campanha começaram a romper fogo contra as muralhas do forte.

O dia inteiro houve violenta troca de tiros. A infantaria paraguaia atacava sem pena, abrindo brechas nas macegas das margens, rolando pelas escarpas da morraria, tentando escalar as muralhas, mas não

consequia. Granadas, estilhaçadas, provocavam estrondos e entusiasmo nos paraguaios, que já contavam com a vitória.

Porém, à proporção que a tarde caía, cada vez mais crescia no inimigo a certeza de que alguma força atuava em favor da guarnição brasileira, fazendo com que as balas batessem nas grossas pedras e ricocheteassem arrancando faíscas de fogo, perdendo o alvo, caindo nas águas do rio.

Barrios, então vendo a desilusão tomar conta dos seus soldados ordenou que voltassem aos vapores para passar a noite, dando, assim, uma trégua ao bombardeio do dia 27.

Uma Heroína

Mas se o desânimo e as dúvidas abatiam os soldados de Barrios, o mesmo não acontecia por trás daquelas muralhas que resistiam como ferro. Fizeram um balanço na munição existente e chegaram à conclusão de que algo precisava ser feito com urgência. Dos 12 mil cartuchos apenas 2.500 sobravam, coisa bastante insignificante para prosseguir a luta.

E foi aí, que na calada da noite uma mulher surgiu como heroína. Chamava-se Ludovina e era a esposa do comandante. Dando exemplos de fibra, dedicação, coragem e patriotismo, reuniu 70 outras mulheres de militares que se encontravam recolhidas no forte e passou a noite toda preparando cartuchos, conseguindo entregar aos soldados brasileiros mais 6000 para a defesa do dia seguinte.

De modo que uma esperança ainda existia quando a fuzilaria começou naquela manhã do dia 28. Os paraguaios tentavam o assalto com mais vigor. Alguns soldados alcançaram as muralhas, iam saltá-las, mas foram varadas pelas baionetas. Um pelotão, descendo as íngremes escarpas, se aproximava, quando foi atingido pelas balas dos canhões da Anhambaí, velha canhoneira, a única a defender o forte nesse episódio histórico. Os paraguaios gritavam freneticamente: rendam-se! Rendam-se!... E avançavam. E lançavam granadas que se estilhaçavam

nas pedras. E davam vivas a Lopez, à República do Paraguai, aos soldados que ali estavam a lutar tentando invadir o reduto desguarnecido.

Todavia, como no dia anterior, a desilusão foi tomando conta dos soldados de Barrios: como uma força tão insignificante resistia com tanta bravura? Os paraguaios não entendiam. E gritavam: rendam-se! Rendam-se!

Rodeio a Céu Aberto

Estamos no início do século XX, quando o gado do Pantanal da Nhecolândia ainda é o “Tucura”, também conhecido como Guabiru (nomes de origem indígena), e as saídas para a “lida” com esse gado europeu que se degenerou no Pantanal, de tipo atarracado, feioso, de cor avermelhada e chifres pontudos voltados para frente, em forma de lira, passa a ser um confronto, uma caçada perigosa, necessita de grande e morosa preparação: espécie de ritual.

A prática de rodear o gado, dar um rodeio, como se diz, é coisa praticamente impossível. Os campos macegosos, as cordilheiras, os capões fechados, exigem do pantaneiro muita habilidade e paciência para a pega das reses que se alongam por falta de cercas e se tornam selvagens.

Os vaqueiros, chamados de camaradas, são homens guapos e corajosos. Carregam nas veias o sangue dos seus antepassados e na pele a cor da inclemência de uma natureza inconstante e bravia. Acordam cedo, no primeiro canto de um galo e conhecem os benefícios que as fases da lua trazem à criação, as ervas medicinais, as mudanças do tempo, a idade de um “touro orelha” só de olhar o chifre do erado.

Com a mesma perícia que domam um potro bagual remam canoas indisciplinadas. São os mestres de um tempo em que a amplidão dos campos ditava ordens aos seus instintos.

Antes de saírem para o campo, “mexer com a pega” desse gado alçado, passam dias na preparação. Verificam se tudo está “no jeito”: as peias, os laços, os maneadores, os arreios que engraxam com sebo

caso estejam ressecados de sol e chuva. Curam a tropa de montaria. Escolhem os cavalos de “reforço”, (os da reserva). Separam, com muita economia, é verdade, o que de comer e o que de tomar: o açúcar, a farinha, o sal, o guaraná ralado, a erva para o tereré -- para que não fiquem limitados apenas ao churrasco de carne seca, assado à beira de um capão, perto de uma baía, ou de um corixo, ou mesmo de um “pirizeiro” de água fresca e sombria.

Tudo pronto. A “traia” toda ajeitada. No escuro ainda, arancuãs gritando lá na mata, esses vaqueiros partem! Sabem que o “tirão” é longo”. Mais de quinze dias passarão em campo-fora, seguindo as “batidas das brabezas”, aquelas que correm para dentro do capão “no que vê gente” e muitas vezes se escondem, desaparecendo nos altos das macegas. O Trabalho é duro. Bruto. Selvagem. E quem não tem espírito de aventura será bom “largar de mão” dessa vida errante de vaqueiro, um dia aqui outro ali, varando espinheiros, passando sede nas secas, atravessando léguas alagadas nas enchentes, suportando o isolamento de tudo o que podemos imaginar de conforto e civilização.

Toda a “pega” tem que ser com a ponta do laço. “Pará-rodeio” no meio de tantas brabezas, nem pensar. Quando um touro orelha é laçado ele fica na peia, amarrado num tronco de árvore até o dia seguinte, “pra quebrá o orgulho do corno”. Depois, já acovardado, “o inútil” é levado à sede da fazenda, juntamente com o gado mais gordo, que dele preparam a carne seca para vender no porto de Corumbá, a preço de banana.

A luta do dia a dia é extenuante, quase mortificada no trabalho insano, justifica-se apenas pela imensa fé e resignada paciência de esperar dias melhores com a chegada do progresso. E o progresso chega devagarinho. O gado não vai ser mais criado “à larga”, com liberdade, ao sabor da natureza. Ficará limitado ao rigor frio e imparcial dos aramados que se esticam a cada ano que passa, dividindo e subdividindo os campos, coisa que faz aumentar a produção, melhora a economia, mas bota tristeza no coração do bezerro que se separa da mãe.

E as transformações do início do século XX não param por aí, continuam a chegar com o progresso: os primeiros touros nelores são

adquiridos para o cruzamento natural e seletivo. O curral-modelo e o brete, tipo australiano, implantam-se para auxiliar o nhecolandense no trabalho do gado, daquele velho e degenerado Tucura que cada vez mais se anelora, “branqueia de pelo”. O sal se faz mais do que necessário e os cochos, geralmente acomodados no meio de um largo de se perder de vista, debaixo de uma árvore sombrosa, são fabricados para recebê-lo.

Aliás, o sal será o ponto de convergência, de atração, em torno do qual a criação começará a se reunir para passar a noite na “malhada”. Agora o pantaneiro deixa de percorrer grandes distâncias a cavalo e passa a encontrar o gado loteado ao redor de um cocho, ainda no escurinho da madrugada, e a prática de “pará-rodeio na malhada” se intensifica. Vira rotina de trabalho: sinalam o bezerro alheio, curam bicheiras, observam e manejam as reses antes de levá-las à sede da fazenda para que sejam separadas e trabalhadas no curral, digamos, no brete australiano.

Muitas vezes, num Rodeio a Céu Aberto, há sempre uma rês caborteira que dá jeito de “furar”. Escapa do lote. Causa esparramo, um redemoinho “aloucado”. Puxa as outras reses que, de repente, também acompanham a fujona e saem do rodeio dando chifradas no ar, metendo as paletas de encontro aos mais lerdos, tropeçando na bezerrada miúda, tomando o rumo do capão mais próximo.

Então é a hora do grande espetáculo. De um espetáculo digno de se ver, quando as armações dos laços se soltam no ar e as gritarias, os atropelos, o corre-corre, as cruzadas dos laços, o ânimo das “porfias” começam a encher os nossos olhos de emoção. Não dá para descrever as proezas que esses vaqueiros-camaradas oferecem às seis horas da tarde, a hora do sol entrante. Cada qual tem orgulho (na guerra das porfias) de ser o primeiro a estirar a corda e fazer a argola do laço cantar nas guampas de um “gran-puta”, numa cruzada de laço, o cavalo em disparada.

Houve alguém, pantaneiro dos antigos, que “chegou de falar” que o tal do curral-modelo ia acabar com a arte das laçadas no Pantanal. E acrescentava: “nunca ia ter um curral-modelo na sua fazenda, por-

que o seu maior prazer era ver um touro virar de patas pro ar com a pealada certa”.

Dito e feito. A profecia dele deu certo. Tudo ficou diferente. As laçadas no curral ficaram para história contar. Laçadores, laqueadores, trançadores de laços que trabalhavam e produziam nas fazendas, cadê eles?... Não sobrou nem a sombra dos velhos vaqueiros daqueles tempos.

Falam que muitos pantaneiros hoje vão ao rodeio de caminhonete, de trator, até de helicóptero. O gado, manso, ao escutar o ronco do motor associa-o ao sal, berra, lambe o beíço e vai se aproximando do cocho; uns correndo, outros, lentamente, passo a passo, encordoados como numa procissão de chifres que se roçam confiantes na tradicional buzina (berrante), que alguém ainda faz por bem soar nas planuras do Pantanal, enternecendo o presente sem resvalar no saudosismo do passado.



EDUARDO MACHADO METELLO

Nasceu em Campo Grande (em 1930), cidade onde também faleceu (em 2000). Advogado, professor, escritor, pecuarista. Publicou as obras intituladas: “3 Casos” e “Meu Amigo Autonomista”. Ocupou a cadeira nº 32 da ASL.



3 Casos de maneiras erradas de falar

Há pessoas que, desavisadas, começam a contar alguma coisa de maneira completamente desastrosa, provocando nervosismo ou angústia no ouvinte, enquanto não completam a informação.

Tício, afobado, chegou perto de Chico dizendo: - Tenho uma notícia ruim para lhe dar.

A cabeça do Chico começou a rodar. O seu coração disparou, as pulsações chegaram a cem por minuto. Um suor frio escorreu, pelo seu corpo, os olhos quase se fecharam, sentiu que ia desfalecer. Será que acontecera algo com as crianças? Algum acidente de carro? Sua mãe fora atropelada? A esposa acidentada? Quem teria morrido?

Criando coragem, falou: - Diga logo o que foi que aconteceu!

- Não encontrei a peça do trator. Procurei pela cidade inteira e não achei. Está em falta, eu penso – tornou Tício.

Chico suspirou aliviado. Que se danasse o trator!

Passado o susto, desferiu o maior pito em Tício: - Nunca comece a dar uma notícia dizendo ter que contar uma coisa ruim. Diga logo do que se trata, seu! Você pode matar a gente do coração!

Chico tinha toda a razão.



O ano se acabava. A cidade, animada, se preparava para as festas de fim de ano. Até que o período não fora de todo ruim. Muita coisa boa tinha acontecido.

Pena que vovô, tão velhinho, estivesse com a saúde abalada, inspirando cuidados. Aquele que sempre fora um forte, amigo, mostrava-se agora frágil, quase não reconhecendo a gente.

Fui comprar uma mercadoria na loja da esquina, a Casa Bom Gosto. O balconista, sorridente, me falou: - então, o velho está morrendo?

Levando um susto, fechei o cenho, perguntando ríspido: - Que velho?

- O ano velho, ora!

Só então percebi que ele, brincalhão, estava se referindo ao ano que se findava e não ao meu avô. Fazia esse troça com todos os fregueses.

Mas não gostei da brincadeira.



Teresa deixara em casa, contrariada, o filho Ronaldo doente, de cama. Tendo que trabalhar, não teve outro jeito a não ser incumbir a filha mais nova de cuidar do rapaz.

Daí a pouco a filha a chamou ao telefone, dizendo em prantos: - Mãe, o vô morreu!

Teresa, alarmada, ouviu mal a notícia. Entendeu Rô e não vô. Rô era o apelido de Ronaldo, o filho acamado.

Esclarecido o engano, Teresa, mais tarde, ficou com remorsos por se sentir aliviada ao saber que quem tinha morrido era o avô de sua filha, pai do seu ex-marido, e não seu filho, Ronaldo.

Coitado do Velho!



FLORA EGÍDIO THOMÉ

Nasceu em Três Lagoas (MS). Professora universitária aposentada (UFMS). Dentre suas obras destacam-se: Cirros, Antologia Dimensional de Poetas Trêslagoenses, Cantos e Recantos, Retratos, Haicais e Nas Águas do Tempo. Colaborou com a revista MS Cultura e, atualmente, nos jornais de Três Lagoas e região. Ocupa a cadeira n° 33 da Academia.



Lá vem um trem...

Lá vem um trem
correndo vem
fazendo curva
jogando apito
cheio de trem.

Eu vejo um trem
um outro trem.
Trem. Muito trem...

É trem que chega
trazendo gente
cheia de trem.
Trem. Muito trem

Que tenho eu
com esse trem
que longe vem
se não me traz
nenhum alguém ?

Menino moleque

Menino moleque
é gente de fato
é esperto
é danado
é briguento
é falaz...

Menino moleque
de mãos sempre sujas
de cabelos longos
de roupa emendada
não usa sapato
nem mesmo botina
não “ dorme no ponto”
não topa preguiça
remexe... revira
é tremendo... é audaz !

Menino moleque
metido a ser grande
que fuma e namora
já entende da vida
já entende mulher
ninguém o tapeia
ninguém o engana
pois sabe o que quer !

Menino moleque
de alma febril
de estilingue no bolso

roubando laranja
roubando galinha
que faz confusão
e muita miséria
miséria de fato
é az... é vilão!
traz o diabo no corpo
e Deus no coração...

Menino moleque
de infância distante
do mundo da escola
e aprendeu a ler
na escola da vida
foi moço de fita
sem fita fazer!

Menino moleque
de ponta de rua
de beira de rio
de porta de bar
de casa vadia
O que esperas da vida
O que te espera o amanhã ?
- eu te pergunto agora :
- o quê ?



GERALDO RAMON PEREIRA



Nasceu em Maracaju (MS), em 1939. Professor universitário (área biomédica). Dedicase também à música regional. Autor de “Poemas Íntimos”, “Estrelas de Sangue”, “Caroço de Manga”, “Álbum de Sonetos”, e “Auroras e Crepúsculos”, entre outras obras. Ocupa a cadeira nº 39 da Academia.

Amor – Liberdade

*“Amor é aquilo que, aos que
estão livres, reduz à escravidão,
e aos escravos põe em liberdade.”
(Raimundo Lúlio)*

Minha cabeça rodava. Bem... a cabeça não rodava. Um turbilhão de coisas é que rodava nela. E eu rodava as mãos automaticamente no volante. E o carro rodava na rua. O tempo rodava. Minha vida rodava no tempo e na rua. Ou a rua é que rodava sob o tempo?

Mas eu via tudo parado. Tudo imóvel. Tudo estático. Casas duras, de janelas duras, faces duras... As árvores paralisadas. Flores de beleza cristalizada. Postes de cimento armado. Um mundo rígido ficando para trás. Ficando para trás porque decerto eu ia para frente... Pelo menos, pensava caminhar para frente. Caminhar, parado, pois o carro é quem caminhava... caminhava... Caminhava para frente ou para trás. Na realidade, quem saberá ao certo a direção das coisas?

Porém, eu tinha minha direção. Havia estabelecido meus referenciais. Pelo menos, sabia me enganar. Convencia-me do meu destino... Estava convicto de que me encontraria com ela. Ah!... Ela! Tinha que ter um

“ela”!... Perdoe-me, você. Mas, sem “ela”, eu deixaria de ser “ele”. Seria um ser assexuado. Porque somente “ela” me faz sentir o “ele” que existe dentro de mim. Você deve estar sorrindo. Deve pensar como todos: o homem é polígamo, por excelência e por natureza; homem no sentido de “homo sapiens”, macho; o homem não tem “ela”, mas sim “elas”. E eu lhe afirmarei: não existe homem polígamo. Existe homem frustrado a procura d “ela”...

Você ainda não se convenceu? Pois o azar é seu! Meu pobre amigo ainda está no rol dos que ainda não se encontraram. E você só irá se encontrar quando encontrá-la. Quando encontrar a mulher da sua vida. Daí você deixará de ser desavergonhado, um desrespeitoso. Um aventureiro, um Don Juan. Bem, tudo isso no conceito do povo. Você mesmo não é nada disso. É apenas um ser humano mutilado. Desequilibrado. Pois a gente só se equilibra sobre o tripé: e-l-a. “Ela”. Aquela a quem buscamos para afinar com nossa estrutura psicossomática.

Pois bem, “ela” apareceu. Depois que a encontrei, senti que de nada valeu ter encontrado o restante das coisas. Ou, pensando de outro modo: as outras coisas ganharam valor somente depois de eu a ter encontrado. E então o carro voava só para me ater fisicamente com “ela”. Apenas fisicamente. Psicologicamente, jamais nos separamos. Aí está a vantagem desse encontro singular e misterioso. É um encontro para sempre. Tem algo de divino, pois é eterno. Eu ia, portanto, apenas fundir-me materialmente a “ela”...

Ei-la que surge! A mesma emoção de sempre. Aquela emoção que a gente gozaria se de repente visse Cristo baixando na Terra. Algo mais ou menos assim. Ouço meu coração galopar no peito, ativando-me todas as células do ser. E “ela”, num sorriso enrubescido, fita-me na mais sobeja expressão da felicidade!

Colaborando conosco, o carro parou. Meu braço tornou-se elástico, abriu a porta oposta para “ela”. E “ela”, que já estava dentro de mim, apenas entrou materialmente no automóvel. E eu não entrei em nada, pois já estava dentro do carro e dentro d’ela”.

Agora, formando um todo feliz – eu, “ela” e a máquina – corremos da civilização. Da civilização corremos para o mato. Desejávamos ter um mundo unicamente nosso. Não um mundo pornográfico. Mas um

mundo menos deformado pelos nossos semelhantes. Onde pudéssemos nos desligar dos conceitos e preconceitos. Onde pudéssemos fugir das malícias e tabus. Onde pudéssemos catar flores e capins à beira do caminho e trocá-los com sorrisos de crianças...

Evidentemente, se você desse com um carro parado àquela hora, naquele lugar, fomentaria logo ideias eivadas de maldades. Maldades convencionais. Porque amar não é maldade. O próprio sexo – protótipo da malícia humana – é a maior prova da afeição de Deus: desde que seja realizado como clímax de um amor sincero, absoluto e consciente.

Nesga de caminho

*“Se amor nos faz viver,
amor nos mata.”
(Junqueira Freire)*

O sol derrama ouro na “cidade morena”. Campo Grande, após alguns dias de frio molhado, exibe-se ao céu sul-mato-grossense, cuja limpidez encanta o olhar. Este olhar alvissareiro da minha gente, erguido e esperançoso, quer na injúria das aragens, quer na carícia de um sol de hoje... Hoje de um sol que beija e aquece, exilando do campo-grandense a friagem remanescente dos últimos dias. Por que nós, destas plagas do Centro-Oeste, somos impregnados de todo o calor dos nossos desbravadores, oriundos de outras paragens. E o calor do nosso ser gosta do calor da terra, com o qual se mistura numa alegria quente de viver.

Portanto, como filho adotivo desta mãe extremosa (minha mãe legítima é a inesquecível Maracaju, de cujos braços fui raptado ainda pequenino), sinto-me como todos os meus irmãos devem sempre se sentir: orgulhosos de aqui residir, crescer e colaborar, nesse afã otimista do nosso povo.

Pois foi com tal estado de espírito, cheio de calor de gente e de sol, que saí a divagar pela cidade. Andei observando as nuances de fisionomia plasmadas pelos cinzéis do progresso. Não que eu haja me ausentado. Ocorre

que nossos olhos passam despercebidos pelas costumeiras metamorfoses, a ponto de não as admirarem. É o corre-corre da vida. Porém, quando a gente estala, começa a enxergar o verdadeiro panorama em que vive. E fica estupefato com as coisas rotineiras, como se elas estivessem acontecendo naquele instante. Ou se tem a mesma sensação de um turista, sequioso de novidades.

Pois bem. Eu perambulava qual um turista da minha própria terra. Caminhava a observar as novas residências, alastrando-se pelos matagais periféricos; as redes de iluminação, subindo e descendo, em postes alinhados; as pontes novas, ainda com o cheirinho do cimento armado; enfim, o asfalto caprichado, onde chiavam levemente os pneus do carro... Ah! O asfalto. Por um instante experimentei ciúmes dele. Não, não me taxe de louco. A gente pode ter ciúmes de asfalto. É que, inconscientemente, a rua em que eu caminhava era aquela estrada de chão por onde tantas e tantas vezes eu seguira, até que ela virasse o costumeiro caminho. E eu não queria que o meu caminho houvesse sido apossado pelo asfalto. Era a luta da saudade contra o progresso.

Portanto, embora ao lado de um lugar vazio, num carro triste, desejava eu encontrar do mesmo jeito aquela nesga de caminho... Afinal, aquele pedaço de estrada era o sublime e amargo relicário de uma felicidade partida!

Noites da minha terra

*“Qualquer um sabe falar
com claridade (luz) própria.
Mas, com clareza, pouquíssimos.”
(Galileu Galilei)*

Já escrevera um poeta:
Todos cantam sua terra,
Também vou cantar a minha;
Nas débeis cordas da lira
Hei de fazê-la rainha!

E eis que nas fibras do meu coração campo-grandense vibra também um coração de poeta. Gosto de amar esta cidade de gente-sol... Sol que me acena com seu lenço de ouro ensanguentado, quando foge e me vai salpicando de estrelas, dando-me banho de luar!

E minha vida, empoeirada de saudade, delicia-se à ducha lunar, que a prateia com carinho... Depois, envolvo-me com a toalha do céu, cujas felpinhas douradas me secam e aquecem. Uma pluma de nuvem errante pulveriza-me com talco de vento e me passa a loção do silêncio – o elixir do bem-estar espiritual.

É nesse recolhimento das noites calmosas de Campo Grande – a filha cinderela do sul de Mato Grosso “uno” – que me sintonizo comigo mesmo e com Deus. E me sinto divinizando no milagre da Criação, orgulhoso de integrar as maravilhas de um Pantanal, sentir no meu sangue o refluir da natureza silvestre de um estado que evolui selvagem...

Como é bom ser um pouco civilizado para melhor se poder comunicar com as coisas agrestes! Como é sublime poder guardar, no âmago do ser, uma nesga de mato, um punhado de capim, um feixe de raízes, uns tragos de fonte cristalina... Ou mesmo o rugir da pintada embalado pelos cantos dos passarinhos, crispando os seios dos rios dorminhocos... Pois sei que todas essas características de minha terra, também parte minha, sabem amar e sentir comigo as noites que nos inundam com seus mistérios.

Amo as noites campo-grandenses, porque sempre são elas prenúncios de esperançosos dias... E porque me significam também prazerosos prelúdios de noites inesquecíveis!... Você aí, irmão de outras plagas brasileiras, venha admirar comigo o céu da “cidade trigueira”! Mas, ao partir daí, não diga “até logo”; é bom que se diga “adeus”, porquanto é bem certo que não voltará nunca mais... Campo Grande tem um sei quê que enfeitiça a gente, um olhar de avenidas que seduz, um sorriso de prédios que encanta, uma gente de braços maternos, que o acolherão com calor de seios...

E quando sobrevier a noite derramando a doçura do luar sul-mato-grossense, você se sentirá em sublime lua-de-mel com a morena cidade e reviverá, a cada noite, a divina felicidade de uma inesquecível noite nupcial!

Trevas da minha rua

*“O meu amor é como o
vaga-lume iluminando a
treva em que se esconde.”
(MúcioTeixeira)*

E no princípio não havia luz. Bem. As coisas começam, quase sempre, no escuro. Às vezes acontecem no escuro. Mas... e o que é o escuro? E eu lhes digo que escuro não existe. Escuro é uma luz que foi embora. Uma espécie de saudade, que nada mais é senão a presença de alguma coisa querida que partiu...

Pois bem, minha formosa cidade – Campo Grande – começara também no escuro. Principiara em um sonho de José Antônio Pereira, à noite, num rancho sem luz material. Evidentemente que havia iluminando por ali alguma centelha divina... E lá no alto, bem distante, tremulassem talvez as candeias do céu, exibindo o Cruzeiro do Sul. Não sei, ainda, se na oportunidade era noite de gala no sertão. Quero dizer: não consultei os calendários do passado para saber se naquela noite fazia luar. O certo é que obviamente não havia luz elétrica... Se alguma luz houvesse “inventada” pelo homem, naquele momento, por certo seria a do pito com incenso de José Antônio Pereira, lampejando de quando em quando em seu semblante meditativo.

E quem diria que o tênue lume de um cigarro medicinal de palha seria a centelha das miríades de lâmpadas e holofotes que hoje tornam dias as noites da minha terra!

Campo Grande fora recebendo a luz de Deus e, morosamente, a dos seus filhos. Tanto que, do que me recordo do seu passado, já na década de quarenta, suas lâmpadas elétricas, nos ainda escassos postes centrais da cidade, davam mais a impressão de brasas suspensas ou vaga-lumes moribundos.

Mas, conforme já aludi, o fato é que as trevas notívagas foram se dissipando paulatinamente, como se radiosa manhã de uma época

fosse raiando sobre nossas ruas. É evidente que nem todas as vias poderiam receber ao mesmo tempo o fulgor do progresso. De sorte que continuávamos – como logicamente ainda acontece – com trechos claros e trechos escuros.

E aqui vem minha estória. Infelizmente, ela começa e termina num quarteirão quase na obscuridade. Apenas iluminado à luz dos reflexos das casas residenciais. Foi ali que conheci aquela mulher alta, morena, que arrancaria qualquer homem sério do seu altar humano. Trajava sempre roupa escura como a rua por onde eu a seguia... Acompanhava-a até a altura em que a rua começava a ficar mais clara. Aí me vinha um tremor, uma espécie de medo de enfrentar aquele ser tão formosamente lindo! A mulher era mesmo de abalar famílias. Pois bem. Assim correram meses. No mesmo horário, um homem covarde de ansiedade perseguindo uma dama honesta no escuro...

“Hoje eu falo com ela” – matutei comigo mesmo o dia todo. Era um dia nevoento, mais escuro ainda. Dito e feito. Implacavelmente ela surgiu na esquina costumeira e eu a segui. Vestia enorme capa preta, alguma coisa esquisita a proteger-lhe a cabeleira vasta e negra. Firme na minha decisão, acostei-me a ela e desembuchei:

– Preciso falar com você...

– Algum problema, amigo!? – respondeu, virando rapidamente, o guarda noturno.



Frei gregório, a-Deus!

(Para Frei Gregório de Protásio Alves)

Fé, luta, amor – a tríade da glória
Com que pautaste, Frei Gregório, a vida...
Com Letras, sons e risos deste à História
Messes em oração mais comovida!

O amor é mais intenso na memória,
Se é, quem partiu, a flama mais querida...
E eis que minh'alma, em luz tão alva e flórea,
Voa à Igreja de Fátima, sentida.

Busca-te, oh! Frei, no quarto agora triste,
Onde, só, a sanfona toca um hino
De adeus a quem fez tanta caridade...

Na nave, estás em tudo, e tudo assiste
A um milagre da Santa em desatino:
Fátima chora preces de saudade!

Preferência de Jesus

Sonhei que vi Jesus num lindo prado,
Apascentando homens maus e insanos...
De lira ao peito, orava, em som cantado,
Súplicas de perdão aos vis humanos.

Pela santa canção fui despertado,
Voltei no tempo mais de dois mil anos,
E Lhe roguei em prece, envergonhado:
– “Senhor, vem cá de novo, há novos planos,

Co'esta voz e instrumentos eletrônicos
Vais cativar os homens mais irônicos
E nem precisarás da velha lira...”

Ouvi Jesus: – “Cantarei entre vós,
Mas peço apenas, a tanger-me a voz,
A santa voz da viola bem caipira!”.



GUIMARÃES ROCHA

Antônio Alves Guimarães nasceu em Quixeramobim (CE) e reside em Campo Grande (MS) desde 1980. Poeta, professor, e produtor cultural, é major da reserva da PM/MS. Escreveu 20 livros, dois deles inéditos. Está em busca do reconhecimento pelo Guinness Book pelo recorde poético - www.guimaraesrocha.com.br. Recentemente lançou "Coronel Adib - A História". Autor do CD "Encanto". Ocupa a cadeira n° 4 da Academia.



Andréia/Reginaldo

Colhe em teu coração
A semente plantada com alegria
Nada se desencanta transformação
Reluzente e misteriosa fantasia

Que os anjos do senhor entoem
Lindas melodias celebrando
O que Deus abençoou
Da união marcada pra viver

Dos sonhos a realidade
Juntos comprometidos
Com a fidelidade e o respeito
Que você escolheu o Reginaldo

Juntos em todos momentos
Reproduzindo a lei maior
A felicidade e as adversidades
Encontraram sempre a força do amor.

Bem - Um brinde suave com abençoado licor

Naviraí-MS, 20 de novembro de 2010

Bendito é o encontro de dois seres
Que se elegem num altar de comunhão
Unidos pelos votos da ternura
Consagrados no enlace matrimonial

Saúde aos jovens Juliana e Willian
Envolvidos na linda canção do amor
Valorizando tempo de juventude bela
Diante de Deus Pai com divino sinal

Diz o sábio em Eclesiastes:
“Lembra-te do teu Criador
Nos dias da tua mocidade”

Isto significa compromisso
De bem construir o Bem
Com a boa força dos verdes anos

No sagrado campo de relação
A videira terá cultivo de sabedoria
Boa uva é a gentileza de todo dia
Da colheita resultará vinho bom
Maturado nos tonéis do coração

E quando vier alguma dificuldade
Nós lhes desejamos de verdade
Alegria doce com humilde calma
Em seu lar reinando a concórdia
E as pérolas da luz caindo n'alma
Por vontade da Divina Misericórdia

Permaneça também nessa união
Compaixão renovada para os irmãos
Conforto e água viva do perdão
Erguendo a taça da compreensão
No brinde da paz para o mundo melhor

Três Lagoas cidade sublime

Harmonia sublime
Destino dos fortes
Na têmpera de sua gente
Cultuada na arte de viver

Desenvolvimento e progresso
Futuro na trilha de bem
Administrar com amor
Essa linda cidade
É ter a dimensão exata
Da energia positiva que se respira
Do alento e do pão que se partilha
Do crescimento ordenado e da sua força
Misteriosamente transcendental

Um oásis de beleza exalando sonhos
O ciclo das águas faz despertar
A aurora descrita pelo filho ilustre
Senador Ramez Tebet
Que sempre dizia:
“A nossa querida Três Lagoas
Será um berço de progresso de luz
Que servirá às gerações futuras
Com exemplo da ética na educação

E em todos os momentos
Em que a vida nos exigir a grandeza de espírito”

Três Lagoas!
Que brilhe a vossa Luz
Somando à beleza do nosso ecossistema
Que o canto dessa gente seja de espiritualidade alta
Para um porvir mais promissor

Um lindo olhar

Minha encantadora beleza
De sutil doçura desvelo
Olhar de infinita candura
Dos seus verdes anos realeza

Hanna tens o brilho luzidio
No olhar e a certeza na voz
Esperteza no caminhar
Como tens morada a pureza

Queira sempre mais o que é da vida
Luz, paz, amor e felicidade
Os astros do céu resplandecem
A força interior do vosso amor

Queremos partilhar nesse momento
Especialíssimo, a alegria sublime
Que seu sorriso emoldure sempre
O encantado rosto de menina

União divina

Há quase dez anos
Dois jovens resolvem
Afinar suas emoções
No doce ritmo da ternura
Na emoção forte segura
Que um grande amor estrutura

Ela – nossa filhinha flor
Minha pequena Ludmila
Feita uma linda mulher
No auge da juventude
Na alma beleza plenitude
Que encontra em Deus infinitude

Ele – nosso amigo Rafael
Por afinidade um filho ao coração
Pessoa grata em nossa casa
No caminho simples da nossa história
Na feição humilde desta memória
Que tem no amor sua maior glória

Eles – os dois juntinhos
Neste sonho de alegria e luz
Realizado de consciência em paz
No beijo acalentado com suavidade
Na carícia amorosa por qualidade
Que irradia do olhar serenidade

Construíram um céu de claridades
Recebem as bênçãos de pai e mãe
Para bem cuidarem um do outro
No dia enfeitado sem espinho
Na noite arrulhando em seu ninho
Que se faz de transbordante carinho

Jovens que se casam por amor
Diante do poderoso Deus Pai
Com a graça da Mãe Maria
No signo da união imorredoura
Na coragem na luta porvindoura
Que o sol da boa vontade doura

Bons trabalhadores são eles
Ambos comprometidos com o Direito
Pessoas de bem que fazem o Bem
No saudável espírito de civilidade
Na sementeira do campo da bondade
Que produz a colheita da felicidade

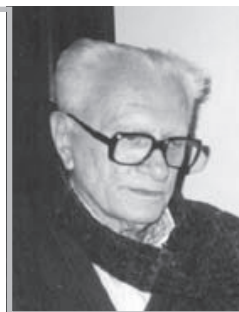
Levem pra sempre consigo
Minha lágrima feliz que cai
Nesta noite memorável que se vai
Guardando um pedaço eterno
Da vida inteira do seu pai

Bendita União Divina
Amém!



HÉLIO SEREJO

Nasceu em Nioaque (MS), no dia 1º de junho de 1912. E faleceu em Campo Grande (MS) em 08 de outubro de 2007. Escritor, jornalista, poeta e folclorista, deixou cerca de 60 obras publicadas, pertenceu a mais de 22 Academias, Centros Culturais e Sociedades de diversos estados. Ocupou a cadeira nº 30 da nossa Academia.



O mês das Folhas Caídas

O outono é a terceira estação do ano “que no hemisfério Norte começa de 22 de Setembro e termina em 21 de Dezembro, e no hemisfério Sul vai de 21 de março a 21 de Junho”. Outono também significa ocaso, decadência, o primeiro passo da velhice, a entrada para o declínio da vivência, o semear de cereais para a colheita regaladora; os pães caseiros de gosto mais apurado; a água da nascente que possui mais brilho; o sereno que alimenta os frutos; as tardes lânguidas que adormecem as feras; os cânticos maviosos dos inquietos pássaros mardrugadores; a canção de ternura que sai da garganta da mãe cabocla na hora de ninar o rebento, seu enlevo e seu bem-querer supremo; o rechinar do carro que corta o ermo no amanhecer sertanejo; os gritos das baitacas que ficam mais alvoroçadas e a fumaça da queima que nunca pega direção.

Mas, outono, acima de tudo, é mês das folhas caídas, das folhas que sujam o chão dos terreiros e entopem os olhos d'água; mês em que o chirriar da coruja é mais lúgubre e amedrontador.

Quem gosta de verdade do mês das folhas caídas, é o vento sulão enraivecido, maroto, negaceador, porque fica fácil levantar o folheto

para formar no alto, o “funil” rodopiante, que é o seu grande envaidecido e a sua alegria diabólica.

Folhame caído meio verde, eco ou retorcido serve, também de trilheiro de lagarto andejo, porque a folha ressequida, produz – como afirma o homem sertanejo – coceira gostosa em sua barriga lisita, sem calombo.

Possui beleza muito grande quando de tardezinha, folhame seco, levantado pelo vento endoidecido, ganha as alturas para formar “canudo” que só perde o formato cilíndrico, quase sempre quando entra no vácuo do diabo.

Folha seca caída no outono, coberta pela barra da chuva, vira, com o tempo, matéria orgânica, que aduba a terra para plantio variado. Se o plantio é no baixadão, onde o “aguerro” da enxurrada ficou acumulado, tempão, a colheita será abundante de entupir paiol de dois corpos.

Quando folha seca começa a cair, no outono, formando montinho para a varredura do vento que aparece inesperadamente – segundo a crença avoenga – é bom fazer-se compromisso de casamento, botar anel nos dedos, pois é mês que abençoa os que se unem para início de uma nova vida.

Folha seca, estorricada, quando sacudida de um lado para outro pelo ventinho preguiçoso, produz uma musiquinha suave e envolvente.

Nas taperas sem portas, de cobertura podre e esburacada, folha seca de outono, forma montão pelos cantos que passa a ser morada de camaleão, perereca e sapo de terreiro, que aprecia a chuva fininha, mas gosta de esquentar o corpo no fofo.

Sempre que na estação outonal as folhas secas começam a cair, uma por uma, cadenciadamente, formando no chão um tapete de colorido variegado, o guaxo, também conhecido por João Congo, aparece desassossegado, para construir seu ninho artístico – graciosa obra de engenharia – pendurado no galho da árvore.

Esse ninho grácil é construído para saudar o outono porque nessa estação, que o guaxo ou João Congo, sente vontade de perpetuar a espécie.

Folha seca começa a cobrir o chão e logo as árvores passam a receber esse enfeite, portentoso, dádiva encantadora da natureza de mil caprichos.

Sou do mês Junino, mas acarinho no impressionável coração matuto a outonada, isto porque, sutilmente me vem à mente, o seco das folhas caídas, os ninhos dos guaxos, a hora dúbia crepuscular mais tocante, o gemer cavernoso do urutágua, o canto do tangará-da-serra, o trotar do campeiro no dealbar ameno e a importância da mamura em flor.

Por que sou assim? Porque sou um misto de tudo isso, pela marcante vivência sertaneja.

Em virtude de ser um profundo observador, essa paisagem vive em mim. É dádiva sublime do Criador. Eu lhe agradeço de mãos postas, no cunho do respeito maior e de minha gratidão cristã que não tem limites...

Moço tropeiro

Sob a chuva ou o sol, você vence as distâncias tangendo a troupilha crioula. Parte quase sempre, com o coração pulsando de esperança, e volta, não raramente, com o véu da desilusão estampado na face escura, tostada pelo sol inclemente.

Você, moço tropeiro, é forte como cerne de aroeira! Sua vida é um rosário de sacrifícios.

Quando o vento gelado do inverno retalha a sua carne moça, você se envolve todo, no poncho de flecos trançados, enterra o “aba larga” na cabeça e avança para frente, sem dar demonstração de fraqueza.

Você sabe muito bem que um tropeiro moço, guapo, destorcido, não pode ficar “pichado”, com um friozinho à toa que nem sequer tem força para queimar o barão verde do porongo.

No pouso você arma a sua rede, na árvore ao lado, e insone, enquanto leva o pensamento até aquela choupana, onde vive a cabocla dos seus sonhos, você vai contando as estrelas maiores que piscam

na concha do céu como se fossem brilhantes fagulhas estralidando no braseiro de Deus Nosso Senhor.

Você, moço tropeiro de minha terra, luta assim, infatigável, de sol a sol, porque sabe que um dia com o laço forte da esperança, armado, com as rodilhas da fé, você poderá pialar o destino caprichoso.

Aí, então, você terá o seu rancho oculto no desvão da mata, à beira da nascente e dentro do qual brilharão, como faróis benditos, aqueles mesmos olhos negros, que tantas vezes fizeram velhaquear o seu coração inquieto.

Você anda, pelo sertão bravio, como uma alma penada, derramando o suor do seu rosto, nessa luta dura e ingrata, em busca de melhores dias.

E esses dias virão, porque dentro de seu peito, o monjolo da fibra está socando, silenciosamente, o milho da constância!

A Lua Cheia

Quando a lua cheia aparecia por detrás da mata, o coração do homem do erval se alegrava.

Com seu clarão que filtrava todos os desvãos, tudo se incorporava num rendilhado de prata que enfeitiçava o cristão, fosse criança, moço ou velho.

Clarão de lua leva longe o pensamento. Faz bem aos olhos também ao coração.

Quando o peão de erval vê a claridade da cheia, iluminando as distâncias, fica cismarento, porque ela “o queijo redondo do céu”, marota e brincalhona, penetra também furtivamente, em seu rancho num gesto de amizade e carinho.

Fica tontão com a alvura, mas envaidecido, pois foi lembrado pela “peregrina” que percorre a estrada do azul infinito, buscando os caminhos do sertão, montes, vales, despraiados, cerradões, tombo de serras, campos nativos, encruzilhadas, brejais, matas e os clorofilados ervais nativos.

Ela surge na época certa para abençoar o seu mundo... o mundo bruto dos ervais. Eis porque ele, o caraí ervateiro, o destemeroso herói da erva, tem-lhe grande consideração e... até respeito.

Absorto, em frente ao rancho – sua morada de solito e sofredor – fica a namorá-la meio desconfiada, com receio de magoá-la ou ofendê-la com seu trato de homem bruto, perdido num inferno de martírios.

Tem esse medo – sabe que tem – mas procura espairer para não confundir o pensamento bom que está dentro de si.

A lua, como companheira, lhe faz bem. O clarão estonteante tem magia que o arrebatava.

Se ela veio, adentrou o seu ranchito pobre, de cobertura desbeicada, desconfortado, meio carapé. Merece receber trato de princesa.

Trato de muito respeito, simpatia e deferência. Principalmente de respeito, porque visita importante tem que ter recepção de gala e da mais elevada cortesia. O peão de erval – qualquer que seja a sua função na ranchada – sabe disso.

Nessa noite, quando a “redonda” apareceu bem faceirona e penetrou no rancho do caraí, ele pensou logo nas buenas venidas e no agrado para poder comprovar a sua consideração e o seu mituê.

Fez até limpeza no interior e ajeitou a tarequeira. Cada coisa no seu lugar o que, na certa, agradaria a visitante majestosa.

Depois rezaria uma reza a sua moda, mas reza de muita fé, seguindo a tradição antepassados. Agradaria com isso a visitante.

Tendo essa atenção, ela, em agradecimento, ficaria por ali, aclarando os recontos e pondo luminosidade em sua morada, que ficaria importantona com isso.

O peão ervateiro, em noites de luar, fica meio abobalhado, pois não se cansa de namorar a paisagem que se transforma em um lençol branco a se perder de vista.

Insone, deixa varar o tempo, não despregando, entretanto, os olhos indagadores daquele imenso tapete branco que põe o pensamento em delírio.

Enquanto absorve o painel, puxa a reza, à sua moda.

Não quer ser orgulhoso, mas fica como tal. Fia porque hospeda a “cheia peregrina” que entrou furtivamente em seu rancho carapé, num gesto de amizade e carinho.



HELIOPHAR DE ALMEIDA SERRA

Nasceu em Corumbá (MS), em 1917 e faleceu em Campo Grande (MS) em 29/07/11. Desembargador aposentado. Residiu em Aquidauana (MS). Escreveu para jornais do Estado. Autor de “A Fascinante Natureza Humana”, “Fragmentos do Cotidiano” e “As Flores que não Morrem”. Foi casado com Dirce Jordão Serra. Ocupou a cadeira nº 3 da Academia.



O modesto

Mesmo não sendo vaidoso, o homem é sempre sensível ao elogio. UNS, mais; OUTROS, menos. Alguns se contentam, de maneira elegante, com uma gota de elogio; outros, porém, somente sentem o sabor quando entornam o garrafão, bebendo aos borbotões...

Na memorável Conferência Rotaria do Gov. Hélio Mandetta, discorriamos sobre o tema “A MELHOR IDADE” quando, vinte minutos depois, acendeu, de chofre, uma lâmpada vermelha à nossa frente. Estacamos, perturbados. Tempo esgotado!

Para disfarçar o embaraço, soltamos uma piada:

“ESSA LUZ VERMELHA PARECE O OLHO DO DEMO A NOS FITAR LÁ DO INFERNO”.

Continuamos a falar por mais uns minutos e encerramos a palestra, sob palmas da plateia, felizmente... Meses depois, topamos com um companheiro presente aquela Conferência, que foi despejando seu entusiasmo, de afogadilho:

- HELIOPHAR, que palestra magnífica a sua! Empolgante mesmo!

- Que palestra? – indagamos surpresos.

E ele continuou no embalo inicial:

- Aquela conferência do Hélio Mandetta, pô, quando você DETO-NOU o demônio. Foi notável aquilo! Foi o máximo!

Ficamos decepcionados! Numa palestra rica de conceitos os mais interessantes emitidos por grandes escritores, o tauroco guardou somente a piada!...

Em outra ocasião, na virada da Rua 14 com a Avenida Afonso Pena, encontramos com um amigo pernóstico, que nos arrastou para um bar e, depois de entornar três doses de Whisky, abriu as comportas:

- Parabéns, Heliophar, pelo seu livro “GRANDES SERTÕES VEREDAS”.

- Peraí, Pangloss! – atalhei surpreso – Quem escreveu “GRANDE SERTÃO VEREDAS” não fui eu, foi Guimarães Rosa!

- Anham, é isso mesmo. Eu me confundi. Seu livro de sucesso (e eu li três vezes) foi “DOM QUIXOTE DE LA MANCHA”.

- Ei, pare com isso. Pangloss! “DOM QUIXOTE DE LA MANCHA” foi escrito há séculos, por MIGUEL DE CERVANTES.

- Tá certo, tá certo! Este whisky falsificado me embaralhou os miolos. Mas agora eu te pego, malandro, e não tem escapatória. Você é o autor daqueles dois livros, que não podem faltar em nenhuma biblioteca, pública ou particular: “HISTÓRIA DE MATO GROSSO DO SUL” e “O ALQUIMISTA”.

- Não, Pangloss. Hoje você está completamente confuso. Os livros que você citou são de autoria de J. BARBOSA RODRIGUES e de PAULO COELHO. Quem me dera tê-los escrito.

- Não, não é possível, meu caríssimo Heliophar. Não aguento mais! Pra mim, chega! – E saiu do bar derrubando cadeiras, e repetindo furioso:

- Vá ser modesto lá pros quintos dos infernos!

Ah! Se eu pudesse viver novamente minha vida...

Na roda do “Casarão”, PANDÓFILO, até então calado, ouvindo apenas o matraquear dos quatro amigos, acendeu um cigarro, tirou uma baforada, olhou para o trançado de ferro da torre da EMBRATEL, e começou a falar, como se dirigisse a si próprio:

- “Ah! Se eu pudesse viver novamente a vida, voltar aos meus 20 anos de idade! Se eu pudesse voltar, eu...”

- “Pare com isso, Pandófilo!... gritou MAICON, o mais gozador da turma. E continuou:

- “Essa poesia é da americana NADINE STARR, atribuída, erroneamente, ao grande poeta JORGE LUIZ BORGES. Já tá muito manjada, pô!

- Pandófilo triscou um olhar zombeteiro, mas não deu a mínima atenção ao amigo, e repetiu a frase inicial:

- “Ah! Se eu pudesse viver novamente a vida, voltar aos meus 20 anos de idade! Cuidaria de muita coisa! Deixaria de tomar o meu “santo” Wisky... deixaria de comer feijoada à noite... pastéis fritos, bacon e enlatados. Faria tudo isso e muito mais, para não ouvir, hoje, a repetitiva e carinhosa ladainha de sempre:

- “Cuidado, Pando! Não beba whisky. É danoso à saúde.”

- “Cuidado, Pando! Não coma carne vermelha, camarões, enlatados. Atum nem pensar. São bombas de colesterol!

- “Cuidado, Pando! Não coma alimentos saturados. Maltratam o coração!”

“Ah! Se eu pudesse voltar aos meus 20 anos,” suspirou Pandófilo! Comería, então, canteiros de alface e rúcula, desprezaria o soberano filé mignon, comería só quilômetros de bife de soja, bolinhos de ricota, strog-noff vegetal, beberia litros de água natural, de leite, de sucos de frutas... Intensificaria minha fé, que produz paz e alegria real, que melhoram a qualidade da vida e a prolongam... De três em três meses, passaria uma semana no “Centro de Vida Saudável” (do Hospital do Pênfigo)...

Ah! Se eu pudesse voltar aos meus 20 anos de idade... Mas estou com 78 anos, saturado de advertências, puxões de orelha, e com a satânica vontade de mandar todo mundo aparar as copas das árvores amazônicas...

E Pandófilo levantou a cabeça, suspirou e, resolutamente, sorveu com volúpia goles do seu whisky, começou a devorar bolinhos de bacalhau, torradinhas de atum e pastéis de camarão...

Falta alguém em Nüremberg

Durante o tempo que exercemos a magistratura, adotamos rígido princípio de não visitar políticos em campanha eleitoral, mesmo que fossem amigos íntimos. Fora da campanha, nós os recebíamos ou os procurávamos com o maior prazer.

Certa ocasião, apareceu em Miranda o grande senador Filinto Muller. À noite, em companhia do cel. Ludgero de Albuquerque, velho patriarca e chefe político do PSD, foi-nos fazer uma visita de cortesia. À saída, o cel. Ludgero, nosso particular amigo, convidou-nos para um jantar íntimo, no dia seguinte, em sua residência.

Por essa época, o jornalista David Nasser, dos DIÁRIOS ASSOCIADOS e da Revista O CRUZEIRO, desencadeava violenta e virulenta campanha contra o senador Filinto Müller, ex-chefe da polícia do (antigo) Distrito Federal, durante a ditadura de Getúlio Vargas. Os seus peçonhentos artigos traziam sempre o título FALTA ALGUÉM EM NÜREMBERG, numa alusão ao Tribunal Militar, que, na Alemanha, julgava os crimes de guerra.

No jantar íntimo, Ludgero pediu ao seu filho Ayrton, estimado e digno tabelião, que fizesse uma saudação ao senador Filinto. Na hora, Aurton ficou nervoso e passou a incumbência ao dr. Esmeraldo Ramalho Bezerra, promotor de justiça, de lúcida e vigorosa inteligência, mas alcoólatra, e que, nesse momento, já estava embriagado. Bezerra concordou e iniciou seu discurso de saudação jogando no salão e para os presentes uma bomba de dois megatons: Falta alguém em Nüremberg!

Falou e passeou, vagarosamente, o olhar pela assistência atônita. O velho Ludgero quase caiu da cadeira; Filinto, de muito controle, levantou a cabeça, como para receber a carga de um búfalo selvagem, arqueou as sobrancelhas, aguardando os acontecimentos.

Quando o silêncio estava já quase intolerável, Bezerra prosseguiu na sua esquisita arenga:

- Esse jornalista leviano, imbecil, que, com tiradas escandalosas, procura macular a honra do excelso senador Filinto Müller, esse jornalista

vil merece o nosso violento repúdio. Filinto Muller é um gigante que aparece na vida de um povo de século em século – prosseguiu Bezerra num altissonante hino de louvor ao senador, para o alívio do anfitrião e de todos os presentes.

No dia seguinte, a notícia espalhou-se pela cidade e chegou truncada a Campo Grande, cuja imprensa, através de um jornal, noticiou que o promotor de justiça de Miranda, com audaciosa coragem, desacatara o senador Filinto, em pleno banquete.

Querendo resguardar a verdade e preservar a figura do senador Filinto, o cel. Ludgero procurou o dr. Bezerra, para que fosse redigido um desmentido. O dr. Bezerra, porém, a essa altura, já empolgado com a repercussão do ato, não quis fazer o desmentido e, daí por diante, assoalhava pimpante por todos os bares de Miranda: - Falei nas barbas do senador Filinto. Falei e tá falado!

O golpe do gelo

Encontrava-se em férias no Rio de Janeiro, engaiolado num apartamento médio de Copacabana. A esposa, os filhos e a sogra foram visitar uns parentes em Saquarema. Ficou sozinho, em lua de mel com a liberdade marital!

Às 21 horas, preparava-se para se juntar à turma de amigos cariocas, quando a campainha tocou. “Que saco!” De má vontade, atravessou a sala e abriu a porta. Ficou surpreso! À sua frente, de short branco e blusa rosa decotada, estava uma linda mulher!

- Boa noite, vizinho! Sou do apartamento 802 – apresentou-se ela, e sorria encabulada. E continuou:

- Peço mil perdões, mas preciso de gelo, porque a nossa geladeira pifou.

Nas mãos, balançava gracioso baldezinho, de laca, todo pintado com motivos chineses.

Wanderley, de boca aberta, ficou indeciso. Não sabia se deixava a mulher à porta – para ir buscar o gelo – ou se a convidava para entrar.

Convidou. Foi à frente, colhendo peças de roupas espalhadas pelo chão. “Como sou relaxado!”, pensava encabulado.

A vizinha do 802 sorria simpática e compreensiva. Wanderley foi à cozinha, encheu o baldezinho de gelo e o devolveu.

- Obrigada, muito obrigada – disse a vizinha. E puxou conversa, e puxou conversa, num convite explícito:

-Não gosto de beber sozinha. E sozinha estou hoje. Meu marido faltou comigo. Só regressa de São Paulo segunda-feira.

Wanderley compreendeu a insinuação. Seu ego machista bateu com força! Vibrou! Nunca tivera tanta sorte assim! Acompanhou, entusiasmado, a vizinha até o apartamento 802. Apartamento simples, despojado de móveis. Só peças essenciais.

- Nós residimos em Belo Horizonte, explicou ela, arranjando os copos e os salgadinhos sobre a mesa. Continuou:

- Meu marido é Engenheiro. Foi transferido para cá, há poucos dias. Ainda não providenciamos a mudança, por isso o apartamento está vazio.

Depois das primeiras doses de whisky, a conversa correu mais, gostosa.

-Mais gelo? – indagou Wanderley à certa altura.

Estavam juntinhos... sozinhos... aquele olhar de mormaço... aquele perfume... Wanderley não resistiu. Num gesto impulsivo, tomou a 802 nos braços e a cobriu de beijos. Ela correspondeu numa entrega bem feminina. Mais beijos... mais beijos, numa sensação triunfante de cidadela conquistada! De repente, a porta foi escancarada com violência (esqueceram de fechá-la, mamma mia!). Surgiu um tipo atlético, moreno, de revólver em punho. Jogou a maleta de viagem no chão e gritou colérico com o revólver na cabeça de Wanderley:

- Cachorro, miserável, aproveitando-se da minha esposa!

A mulher empalideceu, recompôs a blusa e começou a chorar. “Cadela!”, e o marido deu-lhe sonoro bofetão.

Wanderley ficou em pânico! Não aguentava encarar aquele olho negro do revólver a mirá-lo tetricamente. E mais ainda: pensava no

escândalo, envolvendo o seu nome, a sua carreira política, a sua felicidade conjugal, tudo, TUDO seria levado de roldão.

- Não, não faça isso! – implorou Wanderley.

- Somos civilizados. Podemos conversar com calma.

- Conversar o quê? – esbravejou o marido.

Mas... conversaram. De conversar em conversa, (a cabeça de Wanderley rodava numa enorme confusão), surgiu a palavra mágica “indenização”. Wanderley estava desorientado, louco para se safar daquela embrulhada. Entregou 750 reais, em 7 notas de 100, e uma de 50, e mais o seu relógio de pulso, de ouro maciço. Acordo selado, Wanderley saiu em disparada do 802. Chegou em seu apartamento sem fôlego, engoliu uma dose de whisky puro, trocou de camisa, e ainda com pavor de encontrar o marido traído, ganhou a rua. Regressou às 3 horas da manhã. Dormir e acordou somente às treze horas, ainda zonzo. Depois do banho, desceu para tomar um cafezinho no bar da esquina. No hall do edifício, encontrou o porteiro.

- O senhor viu, doutor?

- Viu o quê? – perguntou Wanderley já cercado de um grupo de curiosos.

- O casal pilantra – respondeu o Porteiro.

- Há um mês, os dois alugaram o apartamento 802, como turistas, e desandaram a aplicar o “golpe do gelo”. Faturaram grana grossa à custa dos otários do interior. A mulher servia de “isca”. Houve uma denúncia à Polícia, e, hoje, na fuga precipitada, esqueceram esta relíquia” – e levantou no ar gracioso baldezinho de gelo, de La, pintado com motivos chineses...

Humilhação de uma rosa

Num canteiro, verdejante e florido, uma rosa conversava com um crisântemo.

- Pois é - disse a rosa - depois de longos anos descobri que os homens são maus, por natureza. Sempre foram! Descobri essa verdade

porque, certa vez, o professor Pandófilo sentou-se num banco, aqui no jardim, e começou a ler, em voz alta, o maravilhoso livro de Laurentino Gomes. Fiquei horrorizada com o capítulo XX, que decorria sobre a escravidão. Homens ambiciosos e desumanos aprisionavam negros na África e os traziam para vende-los aqui no Brasil. Era um negocio rendoso, super lucrativo! Dava status aos traficantes, que se tornavam pessoas importantes, respeitadas, bajuladas dentro da sociedade! Os negros – coitados dos negros – eram tratados como animais! Numa dessas viagens da África para o Brasil, o capitão do navio, receoso de perder sua preciosa carga, com as doenças que se alastravam no navio superlotado, mandou jogar ao mar ainda vivos, mais de cem negros! Com o passar do tempo os homens pioraram. Deles eu, Rainha das Flores, sofri amarga humilhação. Fazendo parte de um bonito buquê, fui levada, como prova de amor, para uma charmosa mulher hospitalizada, mas, oh crueldade! Não me deixam entrar sob a alegação de que eu Rainha das Flores, iria pestear o ambiente. Oh! Crueldade!

E a rosa baixou suas pétalas chorando.



HERNANI DONATO

Nasceu em Botucatu (SP) em 1922. Jornalista, recebeu diversos prêmios pelos seus trabalhos em televisão e cinema. Reside em São Paulo (Capital). Dentre suas numerosas obras destacam-se: Selva Trágica (sobre o mundo da erva-mate – transformado em filme) e Dicionário das Batalhas Brasileiras. Ocupa a cadeira n° 01 da Academia.



As 1060 noites do tigre

O chicote estalou.

Elegantemente, o tigre subiu para a banqueta.

O domador, curvado, recolhia aplausos:

- Bravoo! Viva o domador!

O chicote voltou a sibilar. O tigre obedeceu: baixou-subiu-baixou-subiu a cabeça. Saudando o público.

Agradada, a multidão dobrou aplausos:

- Viva o tigreee! Bravoo!

Bocejou enfado de 1060 noites de duas sessões cada. Não tinha o que fazer com os aplausos. Não valiam mais um bife, jaula maior, permissão para devorar o tratador. Valiam, exatamente, um bocejo.

Os aplausos inundaram a jaula. O domador embarçou-se. Deixou cair o chicote, para recolher aplausos e devorá-los. Encheu com eles as mãos e o orgulho. Inflou-se. Tanto, que se lhe arrebutaram os alamares. Domador sem alamares, domador domado.

O tigre, entendido por 1060 noites de obediência, desceu da banqueta e empunhou o chicote. Tão galantemente que a platéia emendou a grita:

- Viva o tigre domadooor!

Não se embarçou. Vibrou o chicote. Como vira fazer, diante do nariz, 1060 noites.

O domador, grávido dos aplausos engolidos, levitou. Planou, conduzido pelo chicote que o tigre esgrimia. Com segurança de veterano. Sob o delírio do público:

- Fora com o domador. Casaca e alamares para o tigre!

O tigre interessava-se por manchas. Por alamares, não. Atirou fora o chicote.

O domador pousou sobre a banquetta, esparramando alamares e aplausos engolidos.

O público bramia:

- Tigre! Tigre! Tigre!

O tigre sussurrou ao homem:

- Meu velho, parece que eles pretendem devorá-lo.

Mas, já que exigiam, pouso uma das mãos sobre o peito do homem. Sinal de mando e domínio. Que fez público enlouquecer. De alegria. Até que o tigre ergueu um polegar: “Clemência, senhores! Nada de comer o homem!”

O povo corrigiu a ordem. Urrava, com voz de mil feras, mostrando ao tigre polegares voltados para o chão.

- Viva o tigre! Morte ao domador! As esporas para o tigre!

O tigre sabia: “o que faz sem seu domador um tigre domado 1060 noites de duas sessões cada? Faz nada. Mesmo com esporas. E alamares. E chicote.”

Ensalivou as mãos e exibiu-as à humanidade: limpas. Polegares para cima.

O domador ouvia a multidão mas olhava o seu tigre. Que apelava:

- Res-pei-tá-vel-pú-bli-coooooo...

O público ergueu-se. Desafiado. Na ofensiva. Revoltado contra a traição do domador e a desobediência do tigre. Polegares para baixo. Com tamanha veemência, que provocaram um golpe de vento.

Com o vento, o domador balançou, balançou e tocou o solo. Os

polegares do público, também.

Com o vento, o domador balançou e tocou o solo. Os polegares do público, também.

- A casaca! A casaca para o tigre!

Chicote? Esporas? Casaca? Ao fim de 1060 noites em que se domar corretamente, profissionalmente?

Ergueu o domador aos ombros e fugiu. Acossado pelos urros da multidão frustrada:

- Pegaaa! Desertor!

O domador gemeu, no galope da fuga:

- Deus lhe pague!

- Não é o caso de incomodá-lo. Não faço isto por você.

- Mas o público exige um novo herói. Chicote, esporas, casaca...
Você pode mudar a história do mundo: um tigre domador. Não quer?

- Quando o público se cansa do seu domador, toma-lhe casaca e esporas. E de um tigre? A pele. Vamos, meu caro.

- Para onde?

- A selva.



JORGE ANTÔNIO SIÚFI

Nasceu em Campo Grande (MS), em 1932 e faleceu em 14/03/2011. Advogado e professor. É co-autor da letra do hino de Mato Grosso do Sul. Cronista. Sua obra principal é “Catiça de Gato”. Recentemente lançou o CD “Jorge Siúfi - Eclético”. Ocupou a cadeira nº 14 da Academia.



Chefe é chefe

Ah, como é terrível, horrível mesmo, assistir-se a uma cena onde participa o puxa-saco, figura sempre em evidência nos meios políticos, sociais e empresariais.

Contam-se inúmeras passagens do tipo.

Uma, que já está se tornando célebre, é aquela em que o puxa-saco, ao ser informado pelo chefe que encetaria uma viagem a São Paulo, de avião, lascou:

- Se espirrar no avião, chefe, saúde!

O que importa é o ar com que o tipo lança seus puxa-saquismos. É um ar triunfal, idêntico àquele em que se vê em filmes, quando o caçador, após a caça, pisa-lhe a cabeça. Saca?

Existem aqueles que decoram frases de efeito como estas:

- 1- O chefe sempre tem razão;
- 2- O chefe não dorme: repousa;
- 3- O chefe não come: se nutre;
- 4- O chefe não bebe: degusta;
- 5- O chefe jamais se atrasa: retarda;
- 6- O chefe nunca lê jornal no escritório: está sempre informado;

7- Quem ousar entrar no escritório do chefe com ideias próprias, deverá sair de lá com ideias do chefe;

8- O chefe pensa por todos;

9- Quanto mais se pensa como o chefe, mais se faz carreira;

10- O chefe é o chefe!

Mas, como ia dizendo no início, como é horrível quando uma pessoa assiste a uma cena dessas, assim, ao vivo, de inopino, como aconteceu comigo dias atrás. Sabia eu que o puxa-saco era mesmo. Tanto que, em outra oportunidade que não presenciei, soube que quando o chefe lhe perguntou as horas, ele não titubeou:

- As horas que Vossa Excelência quiser que sejam!

Mas esta não, eu estava ali quase ao lado dele, sentado à mesa, quando o chefe, escolhendo o que ia degustar, dirigiu-lhe o olhar e a pergunta:

- Será que nesta biblioteca aqui tem ovos?

O puxa-saco, imperturbável, levantou-se calmamente, ajustou sua cadeira fixou bem o chefe nos olhos e, por fim arrematou:

- Vou perguntar ao dono, chefe.

- Caso não tenha ovos, não se preocupe, que eu vou ali aos fundos e ponho uns dois...

Sua Majestade a Doméstica...

Despiciendo dizer que, além da crise de petróleo que abala todo o mundo, o mais grave, ainda, é o problema da doméstica, que se tornou tema central de todas as conversas em rodas femininas.

- Imagine, – comentava Laurinha no cabeleireiro – que eu coloquei uma placa lá em casa, dizendo “Precisa-se de empregada” e me apareceu uma mocinha, assim de seus 19 anos, bonitinha a desgraçada, me olhou de cima em baixo e tascou:

- Posso ver a casa?

- Mandei a bandidinha entrar – continuou Laurinha – e já ao chegar à sala, exclamou:

- Pô, sua casa não é sintecada? Você acha que a boneca aqui é de ajoelhar para passar cera? Negativo. Tchau mesmo.

- Ah! Quase morri de raiva...

Aí Laurinha foi bruscamente interceptada por D. Amélia, pessoa já entrada em anos, e que fazia os pés com a atenção voltada para a conversa.

- Olhe, minha filha, eu que sou mais velha, que venho enfrentando este problema há mais tempo que você, eu poderia escrever um livro, tá ouvindo, um livro, com mais de quinhentas páginas, com ilustração e tudo, do que eu já passei. Um belo dia também me apareceu uma lá em casa e, sem entrar, perguntou se minha televisão era colorida... ah, o sangue me subiu a cabeça e eu nem sei o que foi que eu falei pra ela...

- Xi, meu bem, e eu? Sabe que minha empregada fez outro dia? Usou minha calcinha pra ir a um baileco. Parece até que elas são as donas da casa. (Esta foi a fala de Odete).

Lucinha, que estava quieta em seu canto, não deixou de participar da “tesourada”:

- Olhe que eu tive uma empregada também fogo na roupa. Imagine que eu pedi a ela pra ir à padaria comprar um pão (a entrega falhou naquele dia) e ela, simplesmente, foi ao seu quarto, fez sua mala e voltou pedindo as contas e me explicou que quando ela foi trabalhar em casa, foi só para lavar e passar. Mais nada. E se eu a estava mandando, hoje, comprar pão, amanhã eu poderia abusar, mandando-a à quitanda, ao açogue, etc. E que ela não era burro de carga.

A entrada triunfal de Verinha foi um sucesso. Voz grossa, mulher de personalidade forte, rica, bonita, fez brotar até silêncio no salão.

- Pois escutem aqui: melhor com ela, pior sem ela. Já ouvi tantas histórias de domésticas e já vivi tantas que hoje nada mais me impressiona. Uma empregada teve o desprazo de me perguntar, depois de ver a casa, seu quarto, e de acertar o quanto queria ganhar, se eu tinha filho pequeno. Ante minha resposta afirmativa,

disse que nem tomava conhecimento dele e que eu deveria contratar uma babá! Tive uma outra que, depois de concluir o Mobral, juntamente com a empregada da vizinha, me surpreendeu certo dia dizendo:

- Patroa, vamos estudar ingreis...

- Inglês? Mas e o português?

Então veio a porretada final:

- Portugueis? Portugueis nós já sabe...



JOSÉ COUTO VIEIRA PONTES

Nasceu em Três Lagoas (MS), em 1933. É juiz de direito aposentado. É um dos fundadores da Academia de Letras e História de Campo Grande (1971), antecessora da ASL. Presidente de 1972 a 1982. É autor de “Deste lado do Horizonte”, “Jorge Luis Borges”, “A Erudição e os Espelhos” e “História da Literatura Sul-Mato-Grossense. É contista premiado nacionalmente. Ocupa a cadeira nº 11 da ASL.



Heliophar Serra, um sol que ilumina sempre

Quis a bondade divina que Heliophar de Almeida Serra vivesse conosco por muitos e muitos anos, chegando perto do centenário, a enriquecer o meio familiar, social e cultural com a riqueza de seu espírito, com a opulência de sua cultura literária, e, acima de tudo, com a bondade de seu coração, sua esmerada educação, com que agradava e emocionava a todos.

Mas Deus é tão misericordioso que ele não faleceu. Mudou de domicílio, e agora, então, passou a morar em nossos corações.

Que dizer de um cidadão que recebeu, na pia batismal, um nome que abriga o sol, o astro-rei, Hélios, em grego, o Sol, há milênios a combater a escuridão, as trevas, para que sempre permaneça somente a Luz.

HELIOPHAR DE ALMEIDA SERRA, descendente do bravo militar, Ricardo Franco de Almeida Serra, que se tornou célebre, na defesa do Forte de Coimbra, no início do século dezenove, ao defender gloriosamente o célebre bastião contra os invasores comandados por D. Lázaro Ribeiro y Espinosa, pondo-os em retirada, embora dispondo de maior contingente e armas.

Formou-se em Direito pela Faculdade Nacional de direito, da Universidade do Brasil. Foi Delegado de Polícia, Delegado Especial da Zona Sul, Juiz de Direito das Comarcas de Aquidauana e Miranda

e Desembargador do Tribunal de Justiça de Mato Grosso, a par do desempenho de Rotary Club, Presidente da OAB, de Aquidauana, professor de Filosofia, História e Sociologia. Detentor de inúmeras medalhas, diplomas, medalha de ouro do famoso Colégio Santa Rosa.

Filho de Arnaldo Olavo de Almeida Serra, grande poeta do formoso livro “Aromita”, deve ter herdado do pai as incontestáveis qualidades literárias que demonstra em todas as suas obras, principalmente em “A Fascinante Natureza Humana” e “As Flores que não Morrem”.

Essa herança é incontestável, pois que Heliophar é irmão de Ulisses Serra, talentoso autor de um livro famoso “Camalotes e Guavirais” e co-fundador da Academia de Letras, uma obra magnífica, com sabor de grandes nomes da Literatura, como Guy de Maupassant e O. Henry.

Ainda jovem, recém-formado, tive a honra e a glória de conhecê-lo, tornando-me seu amigo. Admirava muito seu modo de ser, de argumentar, de discutir Literatura, Direito e Filosofia, além de História Geral e do Brasil. Ele era amável, senhor de uma linguagem rica e precisa, nos conceitos que emitia e nas razões que sustentava.

Seu livro “A Fascinante Natureza Humana”, crônicas, revela uma sólida estrutura literária, chegando muitas narrativas tecidas aos domínios do conto, em que colhe fatos reais e os transmuda para o campo fecundo e criativo da ficção, pondo em destaque, como o fizeram os grandes nomes das letras nacionais e mundiais, os mistérios da natureza humana.

Em seu recente livro “Grandezas da Literatura Sul-Mato-Grossense”, nosso escritor, acadêmico Guimarães Rocha, destaca, com bastante acuidade, o valor literário de Heliophar, acentuando, entre outras considerações, que “a mente criativa do escritor funcionou como um agulhão, pescando a realidade oculta nas ocorrências e retendo-a com firmeza na alma sensível”.

No ano de 2008, lançou novo livro de crônicas, intitulado “As Flores que não morrem”, com prefácio do acadêmico Abílio Leite de Barros, que afirma, entre outras análises: “Penso que este é um livro de saudades, memorialista. Não poderia ser de outro modo, pois quando

o futuro já nos parece menor, o que ficou é não somente maior, mas principalmente mais importante”.

Nossa talentosa escritora, acadêmica Maria da Glória Sá Rosa, em seu também recente livro “A Literatura Sul-Mato-Grossense na Ótica de seus Construtores”, acentua, com sua autoridade de eminente mestra da Literatura: “Em seus livros de crônicas, o autor evidencia a capacidade de revelar a alma humana, em suas múltiplas nuances, demonstrando senso de observação, que se consolida na criação de quadros e tipos, que compõem verdadeiros estereótipos da sociedade brasileira, particularmente do sul-mato-grossense, organizados durante sua longa experiência como magistrado”.

Heliophar nasceu em Corumbá, terra de grandes nomes de nossa Literatura, como Pedro de Medeiros e Lobivar de Matos, em 11 de fevereiro de 1917, mas sempre residiu na bela Aquidauana, cantada pelo Visconde de Taunay. Jamais deixou de visitar sua cidade natal e constantemente estava em Campo Grande. Raramente faltava a uma reunião ou solenidade da nossa Academia de Letras. Visitava os colegas acadêmicos da Cidade Morena. É titular da cadeira nº3 de nosso sodalício, tendo como patrono seu ilustre irmão Ulisses Serra.

Nesta modesta homenagem escrita, não vou lhe dizer adeus, Heliophar, porque você estará sempre conosco. Meus sentimentos cristãos a sua digna e talentosa esposa, também escritora, jornalista, membro de nossa Academia, D. Dirce Jordão Serra e aos queridos filhos Arnaldo e Cláudio, e netos.

Sim, meus sentimentos cristãos, porque, acredito, um cidadão como você, HELIOPHAR, deve estar já morando na casa do SENHOR.

A polifonia da palavra: dueto de mestras

Se o grande escritor francês André Malraux afirmou que “a Literatura é a honra da humanidade”, o lançamento do livro de Maria da Glória Sá Rosa, “A Literatura Sul-Mato-Grossense na ótica de seus construtores”,

em memorável noite de autógrafos, nos salões do Museu de Arte Contemporânea de MS, em 31 de março deste ano, confirma essa afirmação.

Com efeito, a referida obra literária, escrita por Glorinha (assim é chamada carinhosamente) em colaboração com a ilustre autora Albana Xavier Nogueira, constitui um marco indubitável do amadurecimento cultural de nossa capital.

Com bastante erudição e cuidadosa pesquisa, ambas as escritoras conseguiram traçar um panorama opulento acerca da obra e da vida dos produtores literários de Mato Grosso do Sul, reunindo figuras de real destaque e incontestável valor.

Ao Marco compareceram ilustres figuras de nosso mundo social e cultural, evidenciando o interesse pelas letras, sinal de amadurecimento, participação e apoio. Parabéns a todos.

Maria da Glória Sá Rosa e Albana Xavier de há muito vêm contribuindo para o progresso e incentivo da Literatura, em nosso meio, mormente entre os estudantes, de que é prova a edição, em 1976, da obra de circulação nacional, pela prestigiosa Editora do Brasil, de São Paulo, em três volumes, fartamente ilustradas, intitulada “Cultura, Literatura e Língua Nacional”, em três volumes.

Nesse livro, as autoras incluíram, entre as produções literárias, para análise quanto à estrutura e linguagem, meu conto “Do Diário de Cândido Hambre del Calabozo”. A divulgação do raconto foi tamanha que, em São Paulo, o renomado crítico literário Benedicto Luz e Silva, em sua obra “Interpretação Críticas”, Editora do Escritor, 1987, assim se manifestou: “A amostra que nos deu com a publicação do conto “Do Diário de Cândido Hambre del Calabozo”, de excelente fatura, faz com que se espere que uma segunda obra no gênero venha apenas confirmar o talento que o livro de estreia demonstrou”.

Maria da Glória Sá Rosa e Albana Xavier Nogueira, graduadas em Letras, com importantes obras publicadas, principalmente com referencia a Mato Grosso do Sul, a par da militância literária em todas as áreas, sendo relevante salientar, ainda, que Maria da Glória Sá Rosa se dedica, com muito talento, ao estudo da música, teatro e

artes plásticas com obras a respeito, devem merecer sempre nossa profunda admiração.

Abordando as obras de 25 autores, o importante livro agora lançado, vem demonstrar que Mato Grosso do Sul já possui um quadro muito rico de escritores e poetas, cujas produções já transpõem os limites de nosso Estado, sendo admiradas em todo o país, e mesmo no exterior, muitas vezes recebendo elogios na Europa e nos Estados Unidos.

Necessário se faz destacar o excelente prefácio do livro, da lavra do eminente cultor da Literatura, JOSÉ FERNANDES, Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro da Academia Goiana de Letras.

Parabéns, Maria da Glória Sá Rosa e Albana Xavier Nogueira, por mais uma obra de alto valor, a demonstrar que nosso querido Mato Grosso do Sul possui realmente um pugilo de autores digno de estudos, já com seus nomes consagrados em todo o território nacional.

Com longa e preciosa militância no campo das letras, essas autoras demonstraram que realmente tinha razão o grande romancista norte-americano, ao proclamar: “Os escritores não são apenas intérpretes de seu tempo, mas também testemunhas”. (Ernest Hemingway)

A eterna 14 de julho

Como dizia o saudoso jornalista, colaborador deste jornal, Júlio da Silva, o popular Julinho, que tudo sabia e conhecia, desde futebol, música, até Literatura de todos os países do mundo: - “Hoje é dia de sair de fraque e cartola, na Rua 14 de Julho, e soltar foguetes”.

Certa feita, quis surpreendê-lo com uma pequena sabatina literária: - “Julinho, já que você nasceu em Rezende, qual é a maior figura literária dessa cidade?”. Ao que prontamente ele respondeu: “Luis Pistarini”. E depois recitou vários versos do celebrado vate fluminense.

Com muito talento e emoção, acredito, nossos jornais relembram, nestes dias, o centenário da Rua 14 de Julho, estampando artigos

e entrevistas dos que viveram nos tempos de antanho e guardam, na mente e no coração, as mais preciosas e emocionantes recordações e emoções, não somente no que tange os aspectos sociais, sentimentais e comerciais da história via, mas também quanto aos curiosos e jocosos.

Várias pessoas foram ouvidas, como a acadêmica, mestra das letras, Prof^a Maria da Glória Sá Rosa, o compositor Paulo Simões, o pecuarista e presidente da Associação dos Criadores de Mato Grosso do Sul, Francisco Maia, o libanês Elias Abdo Karmouche, todos retratando a nossa querida 14 de Julho, em vários flagrantes.

Santo Agostinho, Fustel de Coulanges, Eça de Queirós, e muitos outros eminentes vultos da humanidade ocuparam-se do sagrado dever de relatar nascimento e as fisionomias das cidades, onde os seres humanos se agrupam para a edificação da sociedade e da civilização.

Assim como o corpo humano não sobrevive sem as suas artérias, também as cidades não podem nascer e permanecer sem elas.

Agora, comemoramos o centenário de nossa artéria principal, a 14 de julho.

Eu tive a glória de conhecê-la, ainda na infância, e em grande parte da juventude, quando a cidade ainda era pequena, pouco populosa, com poucos bairros ou cercanias, mas animada sempre por uma vocação de grandeza, como realmente se tornou, agigantando-se, mas guardando carinhosamente seus encantos e atrações sempre vivos.

O grande romancista norte-americano Ernest Hemingway, autor de clássicos como “Por quem os Sinos Dobram” e “O Velho e o Mar”, Prêmio Nobel de Literatura, afirmou que os escritores não são apenas intérpretes de seu tempo, mas também testemunhas.

Com efeito, a Literatura, como “expressão da sociedade”, no dizer de De Bonald, não poderia jamais se esquecer da Rua 14 de julho, em Campo Grande. Assim, desde os nossos primeiros homens de letras, como Rosário Congro, Aguinaldo Trouy, Ulisses Serra, Paulo Machado, J. Barbosa Rodrigues, Nelly Martins, Oliva Enciso, e outros, Campo Grande e sua rua principal estão presentes em todos os sentidos.

Como esclarece o saudoso confrade Paulo Coelho Machado, cidadão honrado, jurista, escritor, historiador, tendo exercido vários cargos públicos, com altivez e cultura, a denominação 14 de julho advém não da Queda da Bastilha, um marco glorioso da história da democracia e da liberdade, cultuado em todo o Ocidente, mas sim à chegada do primeiro trem da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil à estação de nossa cidade, evento este responsável, em grande parte, pelo desenvolvimento e prestígio da Rua 14 de Julho.

Digno de lembrança o cenário da Rua 14 de outrora, do dealbar de sua existência, quando era o local de encontro de comerciantes, políticos, profissionais liberais, do povo em geral, de todas as atividades. Notável, porém, a fisionomia social e poética que a consagrou, quando, ao anoitecer, as moças desfilavam de braços dados umas às outras, indo e vindo pela rua, enquanto, no asfalto, perto do meio-fio, os jovens as contemplavam, parados, em grupos de amigos, numa contemplação simpática e gentil, que muitas vezes findava em namoros e casamentos. Era o coração da cidade a pulsar, com elegância e respeito.

Quando o anoitecer se aproximava, um guarda civil, com sua farda amarela, chegava ao cruzamento da 14 com a avenida Afonso Pena e aí colocava um marco de madeira, redondo no lugar da inscrição, onde se lia I.T. (Interrompido o Trânsito). O espírito jocoso e criativo do campo-grandense não tardou em ler a inscrição, colhendo-a, de outra forma, numa historieda do muito lido “O Gibi”, no capítulo do Ferdinando Buscapé, do Brejo Seco, onde também uma placa indicava o local de veraneio dos habitantes do local “Ilhas do Tamborim” (I.T.).

Também não me esqueço, naqueles passeios pela Rua 14, de um orador religioso, magro, afro-brasileiro, muito simpático, que, nos fins de semana, reunia seus adeptos, no cruzamento da 14 com a Afonso Pena, no horário em que grande parte da população se dirigia ao Cine Alhambra, e costumava iniciar o seu sermão assim: “Meus queridos fiéis. Clara e insofismavelmente, não podemos esquecer que o João Batista não é o João Evangelista”. Era um homem humilde e o seu português era bom, clara e insofismavelmente.

Nesta hora de Júbilo e saudade, pelo transcurso do Centenário da Rua 14 de Julho, não podemos esquecer os nomes dos engenheiros militares, Dr. Themístocles Paes de Souza Brasil, nomeado pelo então Presidente do Estado, Cel. Pedro Celestino, em 1909, para a medição e demarcação das terras reservadas para o rocio da nascente localidade. O Dr. Themístocles, além de oficial do Exército, era formado em Matemática e Ciências Físicas.

O Dr. Themístocles, como afirma J. Barbosa Rodrigues, em sua obra “História de Campo Grande”, “num gesto de abnegação, repleto de espírito de patriótico, nada cobrou pelo serviço profissional”. Assim, mereceu fosse seu ilustre nome gravado em uma das ruas da cidade, nas proximidades da gare da Estrada de Ferro Noroeste. Que seu nome sirva sempre de exemplo aos nossos dirigentes da coisa pública.

Não podemos olvidar, também os nomes de Nilo Javari Barém, também militar, e do engenheiro italiano, Dr. Camilo Boni, muito competente, cujo labor maior se refere ao traçado do bairro Amambaí, tendo aqui vivido por muitos anos, constituído família, assumindo cargos importantes, como Diretor da Delegacia de Terras e Colonização e autor do projeto da formosa Igreja de São José, na Rua Pedro Celestino, tendo residido próximo ao templo.

Parabéns, Rua 14 de Julho!

Sua história merece uma enciclopédia, tanto é bela, comovente, jocosa e inesquecível.

Momentote Maiores Vestrorum, diziam os romanos. Sim, lembremo-nos de nossos antepassados.



JOSÉ PEDRO FRAZÃO

Nasceu em Belém (PA), em 1955. Reside em Anastácio (MS) desde 1980. Professor e jornalista, fundou em 1982 o jornal “O Porta-Voz”, em Anastácio. Foi secretário de Educação e Cultura de Anastácio. Dentre suas obras, destacam-se: “Nas Águas do Aquidauana eu andei” (romance ecológico) e “Tuiuiú My Brother”. Ocupa a cadeira nº 29 da Academia.



O Jogo do Bicho

Setenta milhões de apostas foram registradas pela Caixa Econômica Federal no “jogo da virada do ano”, concurso 1140 da Mega-Sena, no último dia de 2009, em que dois apostadores dividiram uma bolada de R\$145 milhões de reais. Foi o maior prêmio da história da Mega-Sena, mas toda semana se arrecadam milhões de reais apostados por pessoas que se divertem fazendo uma “megafezinha” e de outros que alimentam as muitas lotéricas do governo, na esperança de melhorar de vida.

O Governo Banqueiro leva a maior parte do bolo, na mega, na quina, na loto, nas teles, nas raspadinhas e outros, sem contar a “tele-sena” e o “baú” do Silvio Santos, que invadem o Brasil inteiro pelos correios, internet, rádios, jornais e TV/SBT, todos tomando dinheiro do povo, numa verdadeira operação “caça-níqueis”. Porém, o maior e mais antigo jogo de azar que melhor se identifica com o brasileiro, o jogo do bicho, continua subjugado pela ZEBRA da ilegalidade.

Criado ainda no fim do Império, com o objetivo de salvar um zoológico no Rio de Janeiro, o bem bolado jogo do bicho tem indícios de que nunca vai acabar. O jogo, que faz parte da cultura nacional, tem uma longa história de sucesso mas também de discriminação, por ser popular, arraigado nas camadas mais pobres da sociedade. Por falta

de legalização governamental, o “jogo dos sonhos” sobrevive como GATO na clandestinidade secular e, por esse motivo, acaba atraindo CABRAS de outras atividades clandestinas e até criminosas – pecado que a própria Mega-Sena teria se também fosse proibida.

A cada dia que passa, o jogo proibido cresce como ELEFANTE, fica forte como TOURO, sorrateiro como JACARÉ e escondido como AVESTRUZ. O seu status de contravenção o torna discriminado como VEADO, maltratado como CACHORRO e sem controle como VACA louca, mas enriquece intocáveis ÁGUIAS e perigosas COBRAS da jogatina, ao mesmo tempo em que transforma humildes CARNEIROS cambistas em TIGRES do submundo do crime.

Nas últimas décadas, impossibilitado de acabar com o jogo do bicho, o próprio LEÃO do Governo, que não é BURRO, entrou na concorrência criando outras modalidades de jogos para atrair o COELHO do apostador, quando seria mais fácil legalizar, oficializar e controlar o tradicional jogo da bicharada.

Enquanto políticos PORCOS de BORBOLETAS são bancados pelo jogo proibido e por isso preferem mantê-lo clandestino, no Congresso Nacional tramitam feito MACACOS diversos projetos defendendo a legalização do jogo do bicho. Deputados-GALO de briga e senadores-PAVÃO se dividem, por equívocos e interesses no PERU de Natal. Dentre os argumentos dos contrários vigora a ideia de que “uma vez legalizado, mafiosos criariam o jogo do bicho 2”, conquanto é exatamente essa a melhor estratégia para se acabar com a máfia do jogo. A legalização levaria o apostador a jogar nas lotéricas, ficando a clandestina segunda linha totalmente separada e fragilizada e, por conseguinte, mais fácil de combater.

A questão maior não é o jogo do bicho, mas o jogo que está por trás de outros bichos das jogadas políticas de governantes e empresários, que o impedem de se igualar aos “jogos oficiais”, como as teles e a Mega-Sena.

Enquanto o invencível jogo do bicho for considerado contravenção, todos estamos proibidos de jogar, mas não proibidos de enxergar que URSO não é CAMELO e que o CAVALO da lei é mais BURRO que a ZEBRA da legalização.

Até onde vai a nossa Língua

O título deste ensaio deveria chamar mais atenção pelo uso adequado do advérbio e menos pelo alcance semântico da relação deste com a preposição, o verbo, o artigo, o pronome e o substantivo, na fecunda interpretação da frase. Mas, todavia, é quase sempre no escuro canal de comunicação que se dá o encontro do emissor com o receptor, entranhados em múltiplos entendimentos da mensagem com livre penetração no imaginário nem sempre divino e prazeroso como na arte literária.

A língua do beijo não é o beijo da língua, mas o sobejo vernáculo traído pelo ósculo da hipocrisia linguística que, por incapacidade de enriquecer as distintas correntes idiomáticas, opta por fragilizar uma, achando que se vai melhorar a outra. É o eterno e arriscado confronto entre norma culta e coloquialismo, cada vez mais a mercê dos apedeutas e dos famigerados piratas da linguagem.

A Língua Portuguesa na sua bela versão brasileira não é mero produto do acaso, mas da viva mutação cultural que, ao longo dos séculos, faz nascer do costume a própria lei que a sustenta e a identifica. É assim desde o seu nascimento nos jardins do Lácio, quando a plebeia latina Flor Vulgar rompeu mares e mundos camonianos para desabrochar grandiosa, culta e bela.

Atualmente, no Brasil, a preocupação em reduzir a distância entre a língua que se fala e a que se escreve tem desafiado estudiosos, sobretudo, os sociolinguistas. Mas é a permissividade empobrecedora do vernáculo – já avariado pelos bárbaros galicistas e literóforos – que verbaliza o modismo violentador de padrões que adentra as escolas, rotulado de alvedrio aniquilador de preconceitos linguísticos.

Sob a alegação contraditória de que não se pretende ensinar a norma popular [aprendida em casa e na rua], mas apenas criar vínculos sociais, o Ministério da Educação extrapola suas prerrogativas e acaba de adotar, transgressiva e impositivamente, para o ensino de jovens e adultos o livro didático “Por uma vida melhor”, que dedica um capítulo

à defesa da linguagem oral como instrumento normativo. O pretexto da inovação, compreendido e justificado apenas do ponto de vista psicológico, é desinibir agentes da fala e aprendizes da escrita [ditos vítimas do constrangimento gramatical], mas acaba incentivando a crescente negligência e a criminalização da norma culta, cujo desleixo só se pode combater com o ensino zeloso da Língua Portuguesa no âmbito escolar.

A proposta é, de certa forma, redundante porque o debate sobre a variedade de linguagem, desde a antiga gíriática até a moderna internética, já está presente na escola, sendo respeitada e abordada na transversalidade do currículo como acessório dialetal do estudo comparativo entre a forma popular e a norma culta. Mas, também, a associação meramente política entre essas variantes, através da violação morfossintática [que logo se estenderia à prosódia e à ortoépia] não é construtiva ao ensino e à reputação da Língua Pátria, que tanto preserva a beleza dos diversos falares, quanto se protege da vulgaridade que aos poucos se pretende oficializar.

É verdade que o idioma nacional, que tanto nos orgulha, veio do Latim vulgar, mas evoluiu e chegou ao esplendor que encanta o mundo pela sua riqueza lexical, para nunca mais vulgarizar-se literalmente. E ideias como a do livro “Por uma vida melhor” [mesmo título da comédia do cineasta americano Sam Mendes, sobre responsabilidade social], com certeza, além de não melhorarem a vida de ninguém, só podem confundir e piorar os paradigmas linguísticos, aumentando a ignorância e o desprezo pelo estudo da norma culta, de tal modo que o infausto livro poderia muito bem chamar-se “Por uma Língua Pior”.

Além de se levar em conta que o MEC não tem autoridade determinante sobre a estrutura da Língua Nacional e considerando a boa intenção que leva pesquisadores a buscarem meios de amenizar o choque entre as diversas formas de expressão, vemos que é mais inteligente e adequado consertar o que falta do que destruir o que resta, ou deixar cada uma seguir a sua lei.

‘Aonde vai a nossa Língua’, saberemos amanhã. Mas, hoje, ela vai fundo até a fronteira de suas variantes, promovendo rica e harmônica

convivência entre as formas culta e vulgar, sem, no entanto, confundir-las e despojá-las de suas vitais peculiaridades que tanto a enriquecem.



Pé na Cova

O morto não morre de medo de morrer,
Nem quem dorme pode sentir medo da morte;
A vida e a morte embelezam o entardecer
Quando o sol morre e a lua nasce forte.

Pra que temer, se a morte é destino certo!?
Às vezes, um bem ou um susto passageiro;
Se a luta é cansativa, ela está por perto,
Porque a morte é o descanso do guerreiro.

Há quem morre e ainda vive eternamente,
Ainda há quem vive morto toda a vida;
Depende de um bem-viver inteligente,
Ou de uma estúpida vida mal vivida...

Para provar que a morte é boa companheira,
Que não faz mal a quem com ela vai com sorte,
O dia e a noite nos ensinam, a vida inteira,
Que o sono é ensaio diário para a morte.

Ironicamente, perder sono é perder vida...
Quem mal dorme luta mal e morre cedo;
Viver contente torna a morte mais dormida,
Para que o sono eterno acorde o seu segredo.

Epitáfio

Aqui jaz o pó
Do homem que não foi poema,
Da ema que não põe
E do pão que voou.

No abatido ninho,
O canto da Ave Maria
Reza uma poesia
De pena.

Dia dos namorados

Fiz às pressas um poema de amor
Pra te dar de lembrança na estação,
Mas no caminho perdi palavras pelo chão,
E o trem partiu sem nosso adeus.

Voltei nos meus trilhos da paixão
Pra chorar de amor, poema frio,
Mas no caminho perdi lágrimas pelo chão,
E o meu coração também partiu.

E eu já me perdia pelo chão
Com os meus versos tristes, amassados,
Quando ouvi a tua voz no meu portão:
- Feliz dia dos namorados!



MARIA ADÉLIA MENEGAZZO

Nasceu em Apucarana, PR. É Licenciada em Letras-Português-Francês. Mestrado na UFG, doutorado na Unesp e pós-doutorado na USP. É professora da UFMS e crítica de arte e de literatura. Dentre suas obras destacam-se: A poética do recorte - estudos de literatura brasileira contemporânea e juntamente com Maria da Glória Sá Rosa e Idara Duncan Rodrigues - Memória da Arte em MS - Histórias de vida. Ocupa a cadeira nº 09 da ASL.



Ierecê a guaná, de Taunay - a paisagem e o processo descritivo

Resumo: O recurso da descrição não possui uma teoria autônoma, o que o tem relegado a uma espécie de elemento complementar na configuração do cenário diegético, segundo Gerard Genette. No entanto, não é possível excluí-lo completamente quando o objetivo do texto é criar um “efeito de real”, fundamental para as literaturas de cunho realista naturalista. Enquanto unidade estrutural capaz de assegurar a coerência do relato, conforme Hamon e Reis, a descrição tem sido estudada também na presença de dois sistemas de representação, o linguístico e o imagético, favorecendo a passagem da ecfrase para o iconotexto, na visão de Louvel. Com base nestes pressupostos e na análise textual, pretende-se demonstrar como a descrição assume funções para além da ornamentação do cenário diegético, configurando espaços de reconhecimento e pertença no conto *Ierecê a guaná*, de Alfredo d'Escagnole Taunay. Nesta medida, interessa compreender de quais experiências sociais se alimenta o texto selecionado e como são configuradas literariamente, uma vez que a fatura de uma obra demanda o manejo de imagens e valores, algumas vezes recuperados

da tradição e da memória coletivas, outras de um universo peculiar de experiências individuais.

Palavras-chave: *descrição; paisagem; literatura regional.*

Este artigo apresenta parte das reflexões suscitadas pelo projeto de pesquisa intitulado *Com os haveres de uns e de outros: a paisagem regional, o retrato e o viés da crítica*, que desenvolvemos na UFMS, campus de Campo Grande. O objetivo principal é insistir na discussão do conceito de regionalismo tal como é proposto pela crítica literária, de arte e de cultura a partir das categorias histórico-artísticas e literárias da **paisagem** e do **retrato**, assentadas sobre o recurso da **descrição** e em que medida são responsáveis (as categorias e o recurso) pela criação de uma identidade cultural.

Neste texto, pretendemos demonstrar como o processo descritivo aparece na obra *Irecê, a guaná*¹, do escritor brasileiro, Alfredo d'Escagnolle Taunay, publicado em 1874, nos finais do movimento romântico, para configurar uma paisagem representativa de uma idéia de Nação. Ao lado do pensamento de que a descrição é apenas um recurso complementar da narrativa, utilizado frequentemente para constituir um cenário diegético, afirmou-se durante muito tempo (talvez ainda se afirme) que a paisagem compunha apenas o cenário de uma pintura, ocupando, assim, um lugar secundário entre as artes.

Tanto na literatura quanto na pintura, o romantismo é o momento de valorização da paisagem, seja por sua identificação como espaço de expressão do que há de melhor na natureza humana, pense-se em Rousseau, seja por suas qualidades plásticas capazes de construir imagens de um processo civilizatório, a definição de uma Nação.

É assim que podemos compreender a exuberância da paisagem natural no momento em que se cuidava de encontrar uma origem para a literatura brasileira, uma literatura com características peculiares que, segundo Flora Sussekind, não traduzia apenas “um desejo de investigação

1. TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *Irecê a guaná*. Org. Sergio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2000. Todas as referências textuais reportam a esta edição. O título será enunciado apenas como *Irecê*, seguido do número da página entre parênteses.

crítica ou de reafirmação do nativismo, mas também uma espécie de topos de que se servem escritores e historiadores para remontar com exatidão” a uma “verdadeira fundação artística da nacionalidade e de uma história da literatura nacional²”. Assim, uma literatura brasileira formava-se a partir da descrição dos seus elementos diferenciais, a natureza e o índio, por um narrador-viajante:

*É, em especial, com dois gêneros diversos e às vezes associados, a literatura não-ficcional de viagens – sobretudo a que se refere ao Brasil – e o paisagismo – sobretudo o que tematiza vistas e exuberâncias tropicais ou cenas pitorescas do cotidiano ou da ‘história’ local – que se constrói essa figuração inicial do narrador de ficção na produção literária da primeira metade do século XIX.*³

Assim, a categoria **nação** aparece como conceito de fundo para relacionar a produção intelectual e o Estado, o que pode ser visto, por exemplo, na criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, já em 1838. “De construção ideológica e abstrata a nação passa a ser referência a partir da qual se reconstrói o passado de maneira retrospectiva⁴”.

Ainda que rapidamente posto, este quadro evidencia o necessário diálogo dos discursos sobre o Brasil romântico com a Natureza brasílica.

No conto Irecê, de Taunay, teremos a confluência de todos estes elementos – a Nação, a paisagem, o relato de viagem. Como se sabe, Taunay integrou o Exército brasileiro e, em 1865, na qualidade de segundo-tenente, foi nomeado ajudante da comissão de engenheiros enviada ao sul de Mato Grosso para barrar a entrada do inimigo paraguaio nas margens do rio Apa. De acordo com Medeiros:

2. SUSSEKIND, Flora. O Brasil não é longe daqui. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 16.

3. Idem, p.20

4. A esse respeito leia-se A invenção do Brasil: um problema nacional?, de Afonso Celso Marques dos Santos. In: -----, A invenção do Brasil. ensaios de história e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p.59-69.

A ideia de viajar durante vários meses por ‘sertões imperfeitamente conhecidos e mal explorados’ seduziu imediatamente o jovem Taunay, que passou a acalentar projetos científicos, como o de ‘descobrir um gênero novo de planta, pelo menos uma espécie ainda não estudada e classificá-la. Prestaria assim um serviço à ciência e à pátria, mesmo que nunca atingisse o teatro da guerra’⁵.

Durante a viagem, Taunay toma conhecimento daquilo a que chamará invariavelmente “sertão”, uma região do Brasil quase “despovoada e inculta”, percorrida de Uberaba até a fronteira com o Paraguai. Será então o momento em que irá confrontar imagens do inferno, conforme apresentadas n’*A retirada da Laguna*, e do paraíso, como podemos ler em *Inocência* e em *Irecê*. Vejamos alguns exemplos. Na companhia de soldados, já em retirada e guiados por Lopes, após serem surpreendidos por uma chuva torrencial, o relator afirma: *É preciso ter assistido, com a alma já quebrantada de tristeza, a estas terríveis crises da natureza para avaliar corretamente sua influência sobre o organismo humano. Não tínhamos recurso algum*.⁶

No caminho para Miranda, o narrador, através dos olhos do jovem Alberto exclama: *O ar ali é puro, e a brisa sopra constante e quente, escandecida que foi pela reverberação dos campos desabrigados de Camapuã*⁷.

Taunay é um narrador-viajante, um relator, etnólogo, autor, ainda, de um *Vocabulário da língua Guaná ou Chané e de Os índios do distrito de Miranda*⁸, cumprindo o que dele era esperado. Passaremos a demonstrar, em seguida, como a paisagem se configura por meio de processos descritivos no conto *Irecê*.

5. MEDEIROS, Sergio. In: TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle. *A retirada da laguna*. Trad. e org. Sergio Medeiros. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.13

6. TAUNAY, *Retirada*, p.167.

7. TAUNAY, *Irecê*, p.25

8. Idem, p.57-86.

A descrição

O recurso da descrição não possui uma teoria autônoma, o que o tem relegado a uma espécie de elemento complementar na configuração do cenário diegético, segundo Gerard Genette⁹. Por outro lado, não é impossível conceber textos puramente descritivos com o objetivo de representar objetos na sua singularidade e existência espacial, fora de qualquer acontecimento ou dimensão temporal. No entanto, não é possível excluí-lo completamente quando o objetivo do texto é criar um “efeito de real”, fundamental para as literaturas de cunho realista naturalista. Ainda para Genette, o que separa a narração da descrição é uma diferença de conteúdo, pois a narração se relaciona com as ações e acontecimentos considerados como processos puros e, por isso, acentua os aspectos temporal e dramático da narrativa; já a descrição, ao contrário, *porque incide sobre objetos e seres considerados na sua simultaneidade, e ela considera os próprios processos como espetáculos, parece suspender a passagem do tempo e contribui para espalhar o discurso no espaço. Estes dois tipos de discursos podem então aparecer como exprimindo duas atitudes antitéticas diante do mundo e a existência, uma mais ativa, outra mais contemplativa e, segundo uma equivalência tradicional, mais poética.*¹⁰

Assim, a descrição desempenha um papel operador de legibilidade e coerência, agindo na unidade estrutural do relato, assegurando a lógica das ações, a configuração das personagens e os condicionamentos do meio. Assim, conforme Reis, a descrição “delimita o horizonte de

9. GENETTE, Gérard. Frontières du récit. In: -----. Figures II. Paris: Seuil, 1969, p.56-61.

10. Parce qu'elle s'attarde sur des objets et des êtres considérés dans leur simultanéité, et qu'elle envisage les procès eux-mêmes comme des spectacles, semble suspendre le cours du temps et contribue à étaler le récit dans l'espace. Ces deux types de discours peuvent donc apparaître comme exprimant deux attitudes antithétiques devant le monde et l'existence, l'une plus active, l'autre plus contemplative et donc, selon une équivalence traditionnelle, plus "poétique". GENETTE, 1979, p.59-60. Este confronto em nada difere da posição lukacsiana entre narrar e descrever.

expectativa do leitor, relativamente ao destino da personagem, no plano sintagmático¹¹, delimitando, ainda, o subgênero a que o texto pertence.

O processo descritivo tem sido estudado também na presença de dois sistemas de representação, o lingüístico e o imagético, favorecendo a passagem da ecfrase para o iconotexto, na visão de Louvel. Em Ierê, no entanto, embora as descrições da natureza configurem verdadeiras “pinturas de paisagem”, estamos sempre no âmbito das figuras retóricas, onde constantemente são ligadas ao termo pictural ou visual, “uma descrição é uma pintura verdadeira e animada dos objetos”, conforme um manual de retórica citado por Louvel, bem como a definição dada pela Enciclopédia, no século XVIII: *a descrição é uma figura de pensamento por desenvolvimento que, em lugar de indicar simplesmente um objeto, o torna de algum modo visível, pela exposição viva e animada das propriedades e das circunstâncias mais interessantes*.¹²

Esta definição pouco se alterou, bem como sua função no texto, vista como ampliação da cena. A depender do objeto descrito e do efeito de sentido pretendido, enquanto figuras de pensamento, a descrição poderá ser denominada topografia, cartografia, prosopografia, cronografia, etopeia e descrição psicológica. Veremos, então, como a descrição aparece em Ierê e quais suas funções.

O narrador de Ierê não se dissocia do papel de viajante e de etnólogo e dá início à narrativa como um diário de campo:

Em meados do ano de 1861, o vaporzinho Alpha, subindo da capital da província de Mato Grosso, desceu para Corumbá e, (...) demandou a foz do rio Mondego ou Miranda, cuja corrente foi cortando águas acima para conhecer das condições de sua navegabilidade durante a estação seca até a vila de Miranda, a qual assenta na margem direita e a mais de 40 léguas do ponto em que o volumoso e revoltoso caudal faz barra no grande Paraguai. (p.15)

11. REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. Dicionário de teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 1988, p.23-24.

12. LOUVEL, Op. Cit., p.199

Pode-se afirmar com base no texto que se trata de uma descrição com função crono- cartográfica, ou seja, o narrador procura situar o leitor a e si no caminho para um determinado espaço no tempo. Traça-os com precisão, utilizando uma linguagem objetiva, própria do naturalista-viajante, figura comum na época. Abre para o leitor o mapa da região e o acesso “daquela distante localidade”. Em seguida, acede ao solo e o descreve:

Núcleo mais povoado de toda a imensa zona que, sob a denominação de distrito de Miranda, se estende ao sul da província desde o rio Piquiri até o Apa e o Paraná, nesse tempo gozava a vila de foros de importância que nem as febres endêmicas em determinados períodos do ano, nem o desenvolvimento rápido de Nioaque, situado a 25 léguas mais ao sul, haviam podido lhe tirar. (p.16)

Localizados, assim, no tempo e no espaço, o narrador passa a descrever os habitantes da vila, bem como delinea minuciosamente o espaço circundante em termos geográficos e históricos. Neste exercício as configurações de paisagens começam a ser apresentadas:

No tempo das cheias, essa estrada aberta na mata do Miranda desaparece, invadida pelas águas que vêm então lamber o limiar das primeiras casas da vila, mas naquela ocasião era uma larga avenida de chão um tanto lodoso e ensombrada por um magnífico arvoredor. (p.18)

Verificamos nesta passagem o recurso da prosopopéia, invariavelmente presente quando se trata da descrição paisagística; águas que vêm então lamber o limiar... Nessa medida, o narrador vai, aos poucos apresentando o cenário no qual se desenvolverá a história de Irecê. É interessante observar que, segundo estudos de Sergio Medeiros, incluídos nesta edição da obra de Taunay, o autor se utiliza das notas do

diário de campanha incluído em suas Memórias, publicadas em 1898, pouco antes de sua morte, para a elaboração do conto. Daí uma possível explicação para a adoção desse modo de narrar entre o mimético e o diegético. Neste sentido, chama a atenção os exemplos de prosopografia, a descrição exterior de personagens apresentadas no texto, a partir do ponto de vista de um narrador europeizado, primeiramente a de Alberto: *Chamava-se Alberto Monteiro e viajava por mera distração. Homem no pleno vigor dos anos, e bastante rico para satisfazer os seus caprichos, empreendera extensas viagens por simples distração e pelo prazer do movimento (...) (p.20) A apresentação de Ierecê: O que, porém, mais pronto e doce sobressalto causava em quem para ela deitasse os olhos, era, em vez da apatia estampada geralmente no rosto das mulheres de sua raça, a expressão de meiguice e tristeza que lhe pairava na fisionomia. (p.31)*

O narrador vai se obrigando a apresentar quadros cada vez mais detalhados daquilo que está a conhecer, ao mesmo tempo em que a admiração ante ao que percebe lhe turve um pouco as lentes objetivas. O personagem, no entanto, não se basta à admiração das coisas novas, mas também assume a postura do etnólogo, tratando de aprender a língua chané e de elaborar um vocabulário. Além dessa busca de aproximação com aqueles índios com os quais estava vivendo, Alberto sentia-se feliz e integrado à natureza que o rodeava:

A paisagem que o cercava era restrita, mas amena. Densa cintura de mata virgem limitava logo o horizonte; em compensação, porém, os olhos eram obrigados a parar demoradamente nos grupos de buritis e taquaruçus que acompanhavam o percurso do córrego e que mais se condensavam em torno de uma bacia larga e natural em que as águas se espriavam sobre um fundo de areias prateadas. (p.39)

Esta relação de proximidade entre o sentimento do sujeito romântico e a natureza que a ele reage é própria do romantismo em todas

as suas fases. Mas a exuberância da paisagem é um traço próprio dos românticos, inclusive brasileiros, como Alencar. Taunay não foge ao modelo e o que se lê em Ierê são “cenários da natureza brasileira”, (hoje lidas como cenas da natureza sul-mato-grossense), que ao mesmo tempo em que valoriza o seu aspecto “selvagem” ou “exótico”, o faz com os filtros de uma mirada hegemônica.

É este o caminho adotado pelos escritores que participaram de um projeto de nação. A referencialidade é fundamental para a investigação das representações e seus contextos histórico-artísticos e estéticos. É neste sentido que visualizamos no exercício descritivo uma importante vertente na definição de uma estética regionalista. Sabemos que a descrição pode representar uma sobrevida do naturalismo, mas, diferentemente da tradição, não se trata apenas de uma certeza de domínio do mundo natural que se compraz na reprodução das formas e aparências do mundo orgânico, real, tridimensional. Trata-se também, de uma quebra de estereótipos, evitando a repetição de motivos, temas e fórmulas que poderiam levar a uma figurativização aceita pelo leitor para todo o sempre. Podemos nos defrontar com distorções, deformações, contrapontos que traduzem uma nova forma de mimese crítica, impondo-se frente às noções sedimentadas da representação regional,



Bibliografia

GENETTE, Gérard. Frontières du récit. In: -----, *Figures II*. Paris: Seuil, 1969, p.56-61.

MEDEIROS, Sergio. In: TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *A retirada da laguna*. Trad. e org. Sergio Medeiros. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

SANTOS, Afonso Celso Marques dos. *A invenção do Brasil. ensaios de história e cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *Irecê a guaná*. Org. Sergio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2000.



Maria da Glória Sá Rosa

Nasceu em Mombaça (CE). Radicou-se em Campo Grande, onde exerceu o magistério, transformando-se em excepcional agente cultural na segunda metade do século passado: criou o Teatro Universitário de Campo Grande, organizou inúmeros festivais de música e de teatro. Seu nome está ligado a todas as iniciativas culturais a partir de 1960. Seu livro mais recente é “Música em Mato Grosso do Sul” (2009) em parceria com Idara Duncan. Ocupa a cadeira n° 19 da ASL.



O caso de Joanita/conto e filme

“Desse modo a cidade repete uma vida idêntica, deslocando-se para cima e para baixo em seu taboleiro vazio”. – (Italo Calvino)

“O caso de Joanita” é um conto de Augusto César Proença, figura das mais importantes no panorama de nossa literatura, que Reynaldo Barros adaptou para o cinema. O enredo, extremamente simples, decorre no plano da memória de um narrador, que se vale do fio das lembranças para com elas tecer as obsessões despertadas na comunidade de Corumbá, por uma mulher muito bela e sensual, cuja história de vida pode ser apreendida em recortes extraídos de conversas nas calçadas, encontros nos bares e relatos de sonhos adolescentes.

Detentora de segredo, que determinava a razão do estranho comportamento, Joanita é, de certa forma, o símbolo metonímico de uma cidade onde angústias interiores convivem com vícios, falta do que fazer e desajustes familiares, como se ali a vida percorresse os lances de um taboleiro vazio.

Vocabulário preciso, ideias e cenas articuladas com inteligência e sensibilidade atraem o leitor a participar da construção dessa realidade.

de invisível e poderosa, que é o domínio da literatura. É fácil observar a atração exercida pela ficção sobre o narrador, compelido a contar história supostamente vivida por ele, refletida no espelho deformante dos sonhos de uma população situada às margens do rio Paraguai.

A virtualidade cinematográfica do texto determinou a transposição de “O Caso de Joanita” para o domínio da cinematografia, graças ao olhar inteligente e sensível de Reynaldo Barros, que ampliou os domínios da narrativa e do cenário, ao transformar Corumbá em cidade de fantásticos poderes submetida a secretas leis mágicas.

Sequências iniciais de avião, barco, cenas da cidade no esplendor da beleza interiorana, preparam a chegada de Joanita, que passeia na rua principal da cidade o andar sensual de quem se sabe admirada. O banho de São João, a lavagem do santo, a dança do chamamé (em performance admirável pelos atores principais) envolvem o espectador, que se sente participante dos dramas dessa estranha mulher, que gosta de ler Clarice Lispector e Erico Veríssimo, mas é obrigada a conviver com marido brutal a quem tenta esfaquear em cena captada com extrema competência pelo diretor.

Valendo-se das infinitas possibilidades que a linguagem cinematográfica lhe oferece Reynaldo Barros trilha os caminhos da liberdade e, sem deixar de ser fiel ao conto original, recria personagens, dá-lhes nova cor e dinâmica, transforma artistas e pessoas da vida corumbaense em heróis e até ousa sugerir a origem do segredo de Joanita, peça fundamental da história.

Os lances dramáticos do filme nos atingem, tornamo-nos parte deles, apropriamo-nos das interrogações do desaparecimento de Joanita, das razões de sua volta à cidade, enquanto tomamos parte nos rituais religiosos da festa de São João e participamos da explosão das paixões desabrochadas ao calor dos desejos pontilhados por trilha sonora das mais significativas extraídas de chamamés platinos e brasileiros.

Surgido, em parceria total com o reino da fantasia, o amor desesperado ao cinema, “O Caso de Joanita”, média metragem de 30 minutos, é marco na carreira de Reynaldo Barros, que, em 1971, dirigiu

e roteirizou o clássico “Pantanal de Sangue” e depois disso já produziu mais de dezenas de filmes recheados com o talento e a coragem de produzir temas instigantes.

O filme, que será lançado dia 29, às 20 horas, no Marco, em Campo Grande, conta no elenco com os atores Luciana Kreutzer, admirável no papel de Joanita, João Dittmar encarnando, com segurança, Nicanor, o marido possessivo e brutal, e, em papéis menores, Bianca Machado e Bruno Lopes.

A transposição admirável da linguagem literária à cinematográfica permitiu o surgimento de obra em que tramas de amor, ódio, sonho, desejo resultaram em criação emblemática da realidade corumbaense e sul-mato-grossense.

A infância revisitada na literatura

Às vezes eu lamento não ter escrito sobre tudo que vi. A memória humana não dura muito tempo e logo se apaga dela a grande massa de lembranças que, se persistissem, fariam a vida insuportável. - Nicolas Guillén

Imaginem o que seria de nós se a memória não tivesse o filtro mágico de deletar lembranças. Abarrotados de recordações, transformados em computadores ambulantes, viveríamos atormentados pelo excesso de sensações, sem possibilidade de sepultá-las no mar do esquecimento, condição básica de sobrevivência mental. No entanto, à medida que o vento do tempo vai varrendo tudo, como diz o poeta, existem lembranças que o mais forte dos produtos químicos não consegue apagar. São os acontecimentos ligados à aurora de nossas vidas, quando abrimos os olhos para o mundo e vai-se desenhando em nosso íntimo o esboço do que vai ser nossa trajetória pelos anos afora. Daí resulta o fascínio dos autores pela infância, responsável por algumas das mais belas histórias que a esse respeito se escreveram, como a narrativa **Conto de Escola**,

de **Machado de Assis**, transcorrido na escola primária da palmatória, em que o comércio ilegal da compra de uma lição e o consequente castigo deixaram marcas indeléveis na alma de um menino, sujeito ao autoritarismo dos adultos (pai e professor), obrigado a sentar-se imóvel na sala de aula, enquanto lá fora o sol brilhava, convidando-o a correr, a jogar bola, a ouvir o canto livre dos pássaros. É significativo o final, com a criança, concluindo tristemente que seu primeiro conhecimento da delação e da corrupção veio de dois companheiros escolares.

Tendo presenciado na tenra idade o assassinato da mãe pelo próprio pai, o personagem de **Menino de Engenho**, de **José Lins do Rego** que reaparece depois em **Doidinho** cresce marcado pela tristeza, pelo terror da doença e da morte, dependente de adultos que se encarregam de introduzi-lo nos mistérios do sexo, com os quais convive, entre arroubos de ternura e insensibilidade, analisando com olhos de criança o ambiente de um **Brasil** rural onde a beleza natural contrasta com a miséria da seca e os horrores da escravidão.

A falta de carinho, os castigos físicos, a que era submetido, sem nenhuma lógica, a não ser as mudanças de humor dos que tinham o dever de educá-lo fizeram de **Graciliano Ramos** um ser de mal com a vida, fechado para o mundo, sem ânimo de lutar contra as perseguições que foram uma constante em sua vida. Em **Infância**, um dos mais belos romances que se escreveram sobre o papel dos primeiros anos na formação da personalidade, ele rememora com amargura, entre lembranças difusas, que parecem brotar de um universo onírico, a paisagem vazia de sua vida familiar tão seca, calcinante e devastadora, como a realidade do sertão, que o rodeava.

No livro de memórias **O Peixe na Água** o escritor peruano **Mário Vargas Llosa** dedica longas páginas aos tormentos que lhe foram infligidos na infância. Ao lado de lembranças emocionantes, como a visão pela primeira vez da paisagem do litoral peruano, de infinitos desertos brancos, cinzentos, azulados ou avermelhados, conforme a posição do sol, está a amargura de só ter conhecido o pai, que julgava morto, quando já tinha dez anos, durante os quais fora

vítima do silêncio e do abandono, resultantes de preconceitos familiares. Escritor famoso, político de renome, outorgado recentemente com o prêmio Nobel, ele rememora com tristeza os anos vividos sem a presença “daquele senhor” a quem foi apresentado como seu pai, um estranho de péssimo gênio que muito sofrimento causou a sua mãe e a ele também.

Porém o livro mais contundente sobre a influência da infância na formação do caráter é sem dúvida **O Ateneu** de **Raul Pompéia**. Reunidos num internato, sob a liderança de um diretor neurótico, autoritário, vaidoso até as últimas consequências, crianças transformam-se em jogadores, ladrões, obrigados a mentir para salvar as aparências, num ambiente em que todos os vícios florescem estimulando o desdém pelas coisas, que realmente valem a pena. **O Ateneu** é a grande metáfora do ambiente corruptor de almas inocentes. Aqueles meninos nunca mais irão recuperar a confiança no futuro. As lições da escola renascerão na idade adulta em forma de revolta, levando o autor a um desajuste social, que conduz à autodestruição.

Num recanto de extrema beleza natural, o menino **Miguilim** incorpora à sensibilidade o desequilíbrio do mundo adulto. Sentindo-se responsável pelo desajuste dos pais, tenta fugir da solidão inventando histórias. **Campo Geral**, do livro **Corpo de Baile** de **Guimarães Rosa** é a mais comovente das narrativas brasileiras sobre a infância, observada pelos olhos de uma criança, que um dia viu o mundo tornar-se claro, depois que lhe compraram uns óculos.

Como imagens de um filme, as lembranças vão, vêm e desaparecem. As da infância persistem mais fortes, porque mais doídas, frutos de um tempo marcado muitas vezes pela indiferença ou pela tirania dos adultos. Os donos do texto conseguem transformá-las em páginas que enriquecem a literatura. Os psicólogos usam-nas para que meditemos com cuidado sobre a importância dos primeiros anos na construção de vidas, a fim de que não se roube da criança o gosto de brincar, a surpresa de encantar-se com o inesperado, o prazer enfim de viver e de amar.

Corumbá ou as alegrias que uma cidade é capaz de conceder aos olhos e ao coração

Arremeda uma gema de ovo o nosso pôr-do-sol do lado da Bolívia. A gema vai crescendo até se desmanchar atrás do morro. (Se é tempo de chover desce um barrado escuro por toda a extensão dos Andes e tampa a gema) - Manuel de Barros

São muitos os fatores que tornam uma cidade singular. Para senti-la é preciso explorar cada pequeno recanto, passear por suas praças e avenidas, percorrer os becos, surpreender-se com as infinitas variedades do pôr-do-sol e principalmente deixar-se tocar pelo carinho das pessoas, que dão significado especial à paisagem.

As cidades respiram, têm sangue, veias, cérebro e coração. Nascem frágeis como qualquer criança, tornam-se adolescentes, crescem, envelhecem e desaparecem um dia, deixando como herança a história dos que as construíram, dos que impregnaram as paredes dos edifícios com o murmúrio das vozes, a força do trabalho, o calor das emoções.

Corumbá é hoje para mim uma cidade reinventada pelas lembranças de suas belezas naturais e acima de tudo da convivência com uma população heterogênea e colorida vinda dos mais diferentes recantos do mundo para construir um espaço de ternura, no qual o prazer de aceitar com carinho os que vêm de fora é traço marcante.

Em **1967** fui pela primeira vez a **Corumbá** com o grupo do **Teatro Universitário Campo-grandense (TUC)** para a apresentação da peça **Arena Conta Zumbi**, no palco do Corumbaense. O carinho com que os jovens artistas, falando de liberdade, foi recebido pela população está vivo em minha memória afetiva como essas sensações que *permanecem intactas na noite sem limites do tempo* de que nos fala **Baudelaire**. O poeta **Clio Proença**, encantado com o espetáculo, assim se referiu ao trabalho dos atores: **“ainda estão em meus ouvidos os sons, ainda estão em meus olhos as imagens**

e as cores, ainda estão dentro de mim as expressões e os movimentos do Grupo Teatral de Campo Grande na encenação extraordinária de Arena Conta Zumbi. ”O TUC ainda voltou a Corumbá com as peças **Liberdade Liberdade** e **Diadorim meu Sertão**, ovacionadas com o entusiasmo de sempre. A partir dali, Corumbá transformou-se para mim no espaço da amizade. As velhas casas do **Porto** contemplaram-me com seu jeito de sabedoria, quando aprendi a desvendar o segredo, que se escondia atrás de cada uma delas, levada pelo discurso sábio de Lécio Gomes de Sousa, autor de **Bacia do Paraguai, Geografia e História**, 339 páginas, nas quais **Mato Grosso do Sul** transparece luminoso em rios, montanhas, monumentos de história e tradição. Certos livros funcionam como tapetes mágicos da fantasia. Os de **Dr. Lécio Gomes de Sousa**, de **Walmir Batista** Correa e mais tarde os relatos de **Augusto Cesar Proença**, e **Abílio Leite de Barros** me transportaram ao reino mágico do Pantanal com sua fauna e flora renovando-se em telas impressionistas. As poesias de **Manoel de Barros**, **Lobivar Matos** e **Rubens de Castro** abriram meus olhos para a beleza que se esconde atrás da fragilidade das palavras. Aos poucos fui descobrindo a força da arte de nosso **Estado** no contato com **Marina Gatass**, **Hebe Albanese** e **Jorapimo**, grandes amigos hoje e sempre, pois para o corumbaense (e também para mim) a amizade é um dom que nem a morte pode destruir. Esses mágicos das artes plásticas, ao lado de **Antônio Burgos**, **Isulina Xavier**, **Wilson Cavalcanti**, **Ruben Dario**, **Peninha** e tantos outros, no silêncio de seus ateliers, reiventaram a paisagem, carregaram a riqueza do Pantanal para suas telas e esculturas, nessa capacidade de transformar as coisas abstratas em matéria tangível, que só os artistas sabem cultivar.

Em 1981 assessoriei **Antônio Callado** e **Newton Carlos** nas palestras que fizeram no **Centro Universitário de Corumbá**, como parte do Projeto da **UFMS Perspectivas do Homem do Século XX**. O relato de **Antônio Callado** sobre os anos negros da ditadura calou fundo nas mentes dos universitários que tiveram o privilégio de

contactar com uma das mais lúcidas vozes de nosso tempo, reconstituindo um pedaço da vida brasileira, que era preciso lembrar para que não se repetisse jamais. Não poderia finalizar este artigo sem falar das personalidades que entrevistei para meu livro **Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul: Padre Ernesto Sassida**, que deixou o nome na história social do Brasil pelo trabalho de reabilitação de crianças da periferia de **Corumbá**, **Irmã Ângela Vitale** e **Magali Baruki** cujas vidas decorreram em função do ofício de lidar com a matéria mais preciosa da natureza – o aluno. **Magali** e seu esposo **Salomão Baruki** habitam as mansões da eternidade mas a filha de ambos, Lygia Baruki, continua dando força à árvore que plantaram e que estende raízes poderosas nos domínios da **Educação**.

Tenho saudades de **Corumbá**. Dos almoços em casa de **Marina**, em que o sabor das moquecas preparadas por seu marido poeta **Fadah Gatass** ainda estão vivas em minha memória gustativa. Revejo o rio **Paraguai**, espelhando-se em prata, por entre palmeiras, recordo o pôr-do-sol *como gema de ovo* é sinto que **Corumbá** permanece cada vez mais viva, nessa reconstituição da memória, em que os contornos ganham novas formas, mas nunca se desfazem.



NELLY MARTINS



Nasceu em Campo Grande (MS) em 1923 e faleceu em São Paulo (SP) em 2003. Ex-primeira-dama do Estado de MS (esposa de Wilson Barbosa Martins). Foi Pintora, Escritora e Cronista, publicou as seguintes obras: “Crônicas de Viagem”, “Vespasiano, Meu Pai”, “Vivência”, “Casos Reais”, “Água Fresca” e “Duas Vidas”. Foi Acadêmica da ASL.

O herói

(22 de dezembro de 1936, Cuiabá).

A noite é quente.

Vespasiano se encontra com o Senador Vilasboas e companheiros de partido na residência onde se hospedam deputados estaduais.

O mundo político do Estado está alvoroçado e conturbado. O governador se preocupa com o Legislativo, que o combate acirradamente.

Políticos da oposição formam a Aliança Mato-Grossense e incomodam.

Não há interesse em que se fale a verdade, tantas são as mazelas e tão grave é a situação política do Governador Mário Corrêa.

Com esse clima de insegurança toma o grupo do governador a decisão de assassinar Vespasiano e Vilasboas.

Ambos deixam o local onde estão, para se recolherem na residência em frente.

Dentro da noite silente estão Vespasiano e Vilasboas tranquilos, em casa, já se preparando para deitar, quando são pegos de tocaia por um grupo de capangas encarregados de assassiná-los. É ordem recebida da cúpula governamental.

A janela do quarto de ambos e a porta da sala estão abertas.

Vespasiano se prepara para aplicar uma injeção no seu anfitrião, Mário Mota, quando ouve tiros e gritos vindos do quarto.

Nessa hora larga o que faz e corre até a cômoda do quarto, onde se encontra sua arma.

Vê Vilasboas no chão.

Só, enfrenta os bandidos que o alvejam pela janela e três que já se acham no corredor de entrada da sala.

Um dos facínoras que atirara da janela desaparece subitamente. Consta que ele, jagunço moreno de cara larga, tenha sido ferido e talvez morrido.

Com cinco balas no revólver, Vespasiano consegue afugentar os atacantes.

No final da luta, perseguindo o último dos facínoras, ele está encostado no muro dos fundos do quintal. Ferido, com uma só bala na arma, aguardando o momento exato para usá-la.

Matar ou morrer... pensa ele.

Recebera três tiros. Um no braço esquerdo, um no ombro direito e outro na coxa.

O fato revoluciona o mundo político.

Nossa casa se enche de ansiedade e aflição. As notícias chegam em doses homeopáticas e todos esperam angustiados.

Ao chegar a Campo Grande, vindo de Cuiabá, em avião da Condor, é recebido por um multidão de amigos, parentes, políticos e admiradores.

Viam todos o acontecimento como um fato altamente provocativo contra o sul do Estado. Seu grande líder sofrera, traiçoeiramente, um atentado contra a vida.

O ambiente é de alegria, mas a revolta é grande. Cresce o anseio de dividir o Estado de Mato Grosso.

Passa Vespasiano dois meses com o braço em uma exagerada armação de madeira como tipoia, para consolidar a fratura.

Eu, menina, ouço-o contar os acontecimentos a jornalistas e políticos, deitado em sua rede, na sala.

O relato me interessa. É ele para mim o herói da história em quadrinhos, valente, arrojado.

A sua história corre o Estado e é aplaudido e festejado como um líder.

Vejo nessa época reforçarem as janelas de nossa sala. Colocam luminárias no jardim, que é um tanto escuro. Procura-se evitar novo atentado, que se julga possível.

O sofrimento de minha mãe é intenso. A companheira dedicada de todas as horas teme pela vida do marido. A ela, que nunca foi política, custa-lhe aceitar o acontecido, na realidade revoltante.

E aos poucos as emoções vão se apagando, Vespasiano se recupera e a vida continua.

Nessa época “O Globo” publica:

“O Senador Vespasiano Martins chega ao Rio e sobe à tribuna do Senado para contar o que foi o atentado que sofreu em Cuiabá, ao lado do Senador Vilasboas: com Mário Corrêa no Governo de Mato Grosso os atos mais hediondos serão praticados em represália às denúncias de oposição.”

Segredos e artimanhas

Ser presidente de várias instituições e associações como o Rotary Clube, Santa Casa, Maternidade e Infância de Campo Grande, Associação Médica e de partidos políticos, aos quais pertence, dão-lhe destaque.

Quatro vezes prefeito de Campo Grande, governador revolucionário, senador com dois mandatos, ocupando duas vezes o cargo de secretário, é esse seu currículo político.

Ao lado disso, não é pessoa que se promova, não procura se relacionar, como usam a maior parte dos políticos. Sua casa é pouco frequentada pelos companheiros de partido. Não é homem de entourage, nem de cupinchas.

Não é destaque em palanque. Sua fala é séria, bem dirigida, tem conteúdo, mas não tem a eloquência do grande orador.

Na sua época de maior atividade, não há telefone nem televisão. Quais os fatores que o mantêm como líder?

Nesse período prevalecem as cartas. Seu arquivo está repleto de missivas, telegramas e bilhetes. A todos que a ele se dirigem não falta a resposta, a informação e a orientação pedidas.

É ele figura carismática, cordial e simpática. Como médico, seu espírito humanitário dá-lhe a imagem de sacerdote.

Com esses atributos consegue ter a maior votação do Estado, para senador.

O Presidente Dutra, na época candidato à Presidência da República, é menos votado do que ele.

Vespasiano aumenta ainda seu prestígio pela coragem e fidelidade indiscutíveis.

Tem também seus segredos e artimanhas.

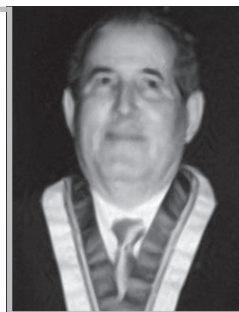
Tenho a oportunidade de ouvi-lo dizer a companheiro de sua confiança e estima: “Se você deseja sair bem em reunião onde se discutem propostas, ideias e soluções para nosso partido, lembre-se sempre disso: ouça. Deixe que todos falem. Não dê apartes. Assista, atento e tranquilo. Ouça, apenas. Quando chegar aquela hora em que todos tenham falado. Aquela hora em que o cansaço e a fome tenham tomado conta dos companheiros. Quando todos estiverem ansiosos para que a reunião termine, é chegada a sua hora. Com propriedade, sem ferir ninguém, exponha sua posição. Proponha suas diretrizes. Seja breve e incisivo e terá chances de vencer.”

Acho graça de sua tática e da cara malandra que faz enquanto fala.

Hoje, ao me lembrar desse fato, sinto sua voz, seu riso, sua presença ao meu lado.



ORLANDO ANTUNES BATISTA



Nasceu em Rancharia (SP) em 1947. Professor universitário, escritor, poeta e compositor, reside na cidade de Três Lagoas (MS). Doutor em Letras pela USP. Livre Docente em Teoria Literária. É autor de várias de obras, dentre as quais: O Espaço da Esperança, Jacaré Porã, Teoria da Adaptação Textual, Madurez no Pantanal, A Serpente Serelepe e Estrela de Pã. Ocupa a cadeira 12 da Academia.

Da figura

Ao Dr. Eliophar de Almeida Serra, para que seja nosso farol na Eternidade e nos guie, de bússola, nas penumbras da Linguagem, até encontrarmos, cada um, a sua aurora.

- Orlando Antunes Batista

Pois a analogia, precisamente, não é senão a faculdade de variar as imagens, de combiná-las, de fazer coexistir a parte de uma com a parte da outra, e de perceber voluntariamente ou não, a ligação de suas estruturas. - Paul Valéry – Introdução ao Método de Leonardo da Vinci.

Ele tem, ó, no nome o pharol
Entre camalotes e os guavirais,
De étimo ‘ presente do deus sol’
Viu dividir em lotes os pantanais!

Dava de almeida a rasgar no agora
A amizade as águas qual um navio.
Ai, nosso irmão da lua e da aurora
Subia ou descia a serra de pavio

Curto no belo raso ângulo obtuso.
Doava a amizade numa confiança
De ânfora. O leitor está confuso?

Tem o hélio gás da arca da aliança?
O farol é de Demétria, Alexandria?
É sol aquidauanastaciando noitidia!

Adamantina (S.P.) 23.07.2011/06.08.2011.

Noturno do boi

*Mas o tempo é firme, o boi é só.
- Carlos Drummond de Andrade*

Sentado no lombo do boi vagarei entre pastos
Pastagens deste meu Pantanal.
Devagar seguirei o sonho, a poesia
E filosofia do boi. Aquidauana às moscas
No domingo: caminhonetas rumam aos pantanais de festas, alegria e
Suspiros lembrando nomes de bois que não retornam jamais.
Entre o pó
Poeira do redemoinho
Na estrada a vaca pantaneira gorda
Apartada pro parto natural acalenta no ventre
Um ente, posto ali, feito semente.
Chegando na fazenda
Em tempo de amanhecência descobrimos o vitelo
Correndo campina a fora cavalgando seguro
Preso
de sua sina.

No churrasco a carne
Vira festim entre baile e nada de pouca polca,
Tudo girando em gritos sem fins.
O leite plastificado entra na conversa sem lembrar
Brumais das manhãs nas mangueiras do Pantanal.

A exposição de maio em Aquidauana entra na emoção, o leilão, os lances ferindo os olhos de lince abalando o coração. O boi pastando, engordando na ração. O vaqueiro tudo olha, sem apelar pra razão. Inseminado, sem pai acertado nascerá, sem a beleza do nome brejeiro, vazio do número vazqueiro, pura branda desindentidade.

Boi amigo, boi de piranha,
Cercando a criança na hora de ninar,
Acalenta o fazendeiro a sestar, sempre a somar bezerrinhos:
Sonhará com o DNA!

O verso atrai o aboio no tempo das vacas magras ou GORDAS! O boi é sombra de tudo, até o Banco chegar abrasando a monotonia da fazenda.

O boi, meu amigo, me ensina o aprender do tempo, do capim seco, pantanal alagado ou tudo esverdeado. Entra também o numerário raras vezes e

L

le

vado.

Quando volto pra Aquidauana não invejo Campo Grande distante das grandes campinas,

Sem o bafo do boi preso no rosto da gente pantaneira.

Se é inveja ou não, nas ruas de Aquidauana boi foi até cidadão. O animal trafegava nas ruelas sem abalar o coração. Boi era povo, hoje só canção. Serve de purificação, política e muita viração. Inventaram até o cheque zebu! Boi pantaneiro agora é gente: viaja

de toalete a bordo. Só não sabe que sua rota termina no Bordon.
A boiada apareceu na televisão, atravessou a Ponte da Amizade,
passou por Anastácio e está pastando num globo rural.

Por aqui se finda minha poesia. No meu quarto uma cabeça de boi
Na madeira esculpida, me levando a sonhar varando léguas sem
tréguas

Até meu passado encontrar.

Meu discurso foi áspero, aparado na língua do boi, regado por
suas babas magro seco ficou.

Fugiu da cantoria o boi e sinal do boi da cara preta só quando
tudo deixar de ser negro. No pesadelo tenho medo da vaca louca,
pedindo um aboio diferente, menos sereno, trazendo o passado
pra frente.

*(I Concurso de Poesia para o Estado de Mato Grosso do Sul - Prêmio
Arnaldo Estevão de Figueiredo - 1982.)*

Análise

No feriado abri minhas entranhas.

Vi nas feridas só teia de aranhas.

Dividiram o grosso mato em duas geografias.

Foram os mitos pulando a cerca

Não querendo um estado de sítio:

Sonhavam o mito grosso.

Saci, curupira, coisa caipora,

Tudo querendo dar o pira.

Lendas, lêmdeas plenas de lemas,

Fantasmas e fant'asias,

Causos e coisas que enchem a cabeça

E não deixam a alma vazia.

Entre duas geografias restou um rio
De águas correntes, algemando passado
Num presente que não se sente.

No meio da página ficou o porã
Correndo por aí afora.

Assembleia geral

Convoco todos os poetas
Do grosso mato no Sul!
Vivos e mortos, convoco os fant'asmas
E declaro: quero o uno, o versal soando no Pantanal!
Nas ocas ainda há o ocre das lendas. Manoel de Barros, que vamos
fazer do livro sobre o nada?
Lobivar de Matos, atravessará meu uivo os reles matos?
Aos berros convoco:
José Fernandes, pode um peixe vivo viver fora de um corixo?
Poderemos viver sem as nossas litânias?
-Convoco Apolinário Lili: não se traduzirão indígenas lendas sem ti!
Nas cabanas ainda ouvem chalanas.
Nas fazendas se dançam as polcas.
Psiu, quando terminarão de retalhar o Gros-
So no mato do Sul? Quando a hora do cio?
Alfredo Chuvarada não virá: ficou sem tribo.
Vive nas invernadas perdido!

O IX DO SONETO

Escrevi um soneto e tenho apenas três rimas em ix. - Mallarmé
Seria possível conservar em espanhol as rimas em ix. - Octávio Paz

Procurando solucionar o enigma do ix
Segue o poeta com a sirinx para o Erix.
O verbo perseguindo qual uma senil fênix
Se fazendo vai de Quixote ou Orgetorix.

Não é durante a caça ingrata um Félix.
Se seu enorme amor pelo som é só Cilix
Onde o brilho não será sempre bela nix
Ele sonha não ser petrificado qual Ampix.

Recolhendo de cada dia o styx
Sem elixir, com jogos de espelhos no cálix,
Sente no texto um sol, oásis, simples ptyx.

Se caindo vai a música ante o Fiat lix,
E a esphinx do ser único com o nada se ônix
Deve o poeta ir se remoendo no cineronix.

Haicaipan

Diz: 'Vou para o Japão e tranca-se no quarto, só abrindo para que lhe levem alimento e bacia de banho, e retirem os excretos. No fim de seis meses, regressa de viagem. - Carlos Drummond de Andrade – Os excêntricos, 2

Bochechos com lixo
Brejo em céu lingual.
Em pânico no lodo Pan!



PAULO COELHO MACHADO



Nasceu em Campo Grande, onde foi vereador, faleceu em 26 de julho de 1999. Foi secretário de Agricultura de Mato Grosso; presidente da Acrisul. Dentre suas obras destacam-se: “Arlindo de Andrade, Primeiro Juiz de Direito de Campo Grande” (1988); e a série Pelas Ruas de Campo Grande — “A Rua Velha” (1990), “A Rua Barão” (1991), “A Rua Principal” (1991), “A Rua Alegre”, “A Grande Avenida”, 2000. Ocupou a cadeira 21 da ASL.

Outros moradores

No início da Rua 7 de Setembro, numa casa misteriosa, sempre fechada, os italianos simpatizantes do Mussolini realizavam reuniões secretas em que eram exaltados o fascismo nascente e IL Duce.

Em local próximo, que não consegui bem identificar, morou, no início do século, o gaúcho, Dr. NILO JAVARY BARÉM, o primeiro Engenheiro do município de Campo Grande e autor da primeira planta da cidade, em 1909, a quem já nos referimos em diversas oportunidades. De estatura mediana, moreno, na época teria uns 50 anos de idade. Usava óculos. Era fazendeiro em Jaraguari. Casado com dona Chininha, deixou sete filhos: Peri, Jaci, Edgard, Osmar, Marina, Jandyrá, e Talita.

Foi importante a contribuição do Dr. Nilo para o desenvolvimento de nossa cidade. Depois que fez a primeira planta, pela qual cobrou dois contos de réis, foi que começou a verdadeira expansão urbana de Campo Grande, dentro de um traçado inteligente, organizado, que obedeceu aos parâmetros urbanísticos das modernas cidades da época. Pena que os loteamentos que se seguiram não acompanharam os mesmos critérios!

Uma invasão de bandoleiros

Na esquina da Rua 7 de Setembro com a 13 de Maio ficava a loja de Lucas Borges, o conhecido boiadeiro de Uberaba, que fazia intenso comércio de bois magros na Vacaria.

As comitivas traziam, em caravanas de numerosas carretas, as melhores mercadorias de Minas, como sal, arame, ferramentas, sementes, tecidos e levavam o gado de volta.

Lucas Borges, como tantos outros, resolveu estabelecer-se definitivamente aqui, por volta de 1911, montando sortido armazém, juntamente com o sócio José Ferreira, um sírio muito cioso de suas obrigações e que tomava conta da loja. Era empregado da casa o irmão do advogado Argemiro Fialho, de nome Olinto, menino na época, que narrou o episódio que segue.

A cidade assistia tranquilamente aos festejos de Santo Antônio, na única Igreja existente, que regurgitava de gente, vinda de toda a parte. Havia um animado leilão de prendas e vendas de salgadinhos em benefício das obras do templo.

De repente apareceram alguns homens estranhos, esquisitos, de melenas sujas, roupa empoeirada e passaram a arrematar tudo que era de comer. O povo desconfiado começou a debandar, voltando a seus lares.

A cidade já mostrava ares de progresso e a Rua 7 de Setembro contava com poucas casas comerciais e alguns bolichos.

No dia seguinte, o grupo estranho ressurgiu. As autoridades e os políticos escafederam-se, sem meios de oferecer resistência e a cidade ficou inerte, entregue a própria sorte.

Pelas 9 horas, os bandoleiros iniciaram o saque no comércio e uns 4 ou 5 elementos sujos, cabeludos e mal-encarados, penetraram na loja de Lucas Borges & Cia. e intimidaram o gerente, José Ferreira, a fornecer-lhes algumas mercadorias.

Um deles pediu chapéus de abas largas. O sírio, muito humildemente, afirmou que não trabalhava com esse tipo de mercadoria. Mas o jagunço correu os olhos pelas prateleiras, localizando as caixas e pu-

xando do machete, que tinha na cintura, deu um golpe rijo no balcão, gritando: – “desça essas caixas, seu turco sem-vergonha”.

O gerente determinou que Olinto fizesse a vontade dos intrusos, que escolheram a dedo as melhores coberturas que encontraram, rindo, xingando e cuspidando.

Aí pediram capas rio-grandenses. O gerente negou mais uma vez que as tivesse, mas a cena do machete se repetiu e Olinto teve que ir ao depósito, nos fundos da loja e exibiu a mercadoria, logo apropriada pelos ferozes bandoleiros, que, antes de deixarem o local, foram apanhando lenços de seda, calças, camisas, goiacas e tudo mais que encontraram.

Montaram em seus cavalos e partiram. A proeza foi repetida no estabelecimento de Abrão Júlio Rahe, assim como na maior parte das lojas da indefesa vila.

Dois dias depois deixaram Campo Grande, identificando o bando como os famigerados NETOS.

Não houve, entretanto, extorsão de dinheiro, nem desrespeitos às famílias, ou qualquer outro ato de violência. Apenas pilhagem de mercadorias e de algumas reses para o churrasco, além de cavalos para a renovação da tropa. Nem mesmo bebidas foram consumidas.

Encontraram na propriedade de João Carpinteiro um bonito garanhão branco, arraçoadado, preso na soga. Um dos bandidos quis cortar o maneador, mas outro impediu, querendo aproveitar a peça e mandou que o laço fosse desatado da árvore. Ao se aproximar do local, um certo tiro o derrubou, o mesmo acontecendo com o comparsa. É que João Carpinteiro postara-se em local estratégico, disposto a não perder seu belo animal de estimação. Era um caboclo decidido e valente, já com algumas mortes nas costas. Montou no cavalo em pêlo e desapareceu, indo esconder-se na cidade. Os demais elementos do bando quando encontraram os companheiros mortos, amarraram-nos pelos pés e mãos, enfiaram uma vara no meio e assim os corpos foram transportados para junto do antigo cemitério, na atual Praça Ari Coelho. Os corpos foram sepultados no cemitério novo e a cidade voltou à tranquilidade.

Os bandidos não pensaram em represálias. Findo o episódio, as autoridades foram chegando à cidade, cada qual com uma desculpa mais esfarrapada para a conveniente ausência.



PAULO NOLASCO

Nasceu em Dourados (MS), em 1958. Formado em Letras pela UFMS, é Mestre em Teoria da Literatura pela UnB e Doutor em Literatura Comparada pela UFMG. Atualmente é diretor da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da UFGD. Publicou: Ensaios farpados: Arte e Cultura no Pantanal e no Cerrado, O Outdoor Invisível: Crítica Reunida, Divergências e Convergências em Literatura Comparada, entre outros. Ocupa a cadeira nº 20 da Academia.



Sonho e desilusão: uma guarânea para Lília Bais

Este texto propõe-se como homenagem à figura da artista plástica brasileira, Lília Bais, evocando “correspondências” entre vida e obra, o sentimento de dilaceração, de gênio incompreendido e o egotismo “errático” que suas produções poéticas testemunharam. Lília Bais, artista plástica sul-mato-grossense que deixou valiosa produção pictórica, reflete o perfil da artista mais ensimesmada. Pois, apesar da sua intensa correspondência com outros intelectuais do início do século, que ainda se mantém inédita e anônima, pode-se reconhecer em sua trajetória os traços do artista que não só se isolou do meio artístico, como forçoso é reconhecer que o fato de ser uma mulher com vocação artística, nascida no início do século, ano de 1901 (morando em Campo Grande, que, à época contava com cerca de mil habitantes e assemelhava-se a uma grande fazenda à qual chegavam aventureiros de todos os credos e raças), fez com que sofresse intensamente as circunstâncias da opressão patriarcal e social caracterizadores dos costumes provincianos. Como testemunha Raquel Naveira, Lília exercia o fascínio que os seres fantásticos exercem em nossa imaginação, quando os vizinhos e parentes contavam histórias sobre ela, seus quadros, seus hábitos estranhos e

escrevendo sobre a forte lembrança da artista, observa: Lidia era tida como “meio louca”, *era uma personagem intrigante: uma artista de alma amarrada e flagelada, talento que desabrochou e foi abafado na marginalidade* (NAVEIRA, 1992, p. 47). Se, no início do século, as nossas relações culturais e intercâmbio comercial, no Oeste brasileiro, eram tanto ou mais intensificadas com o Paraguai do que com a metrópole brasileira, pois, à época eram precisos vários dias para chegar-se a cavalo, ou de carro-de-boi a outros centros, aspecto conformador do nosso isolamento e do nosso destino, cresce em interesse o fato de Lídia Bais ter sido mandada a Assunção para receber educação num colégio interno, onde passou alguns anos. Sua experiência e vivência em internatos foi longa e deu-se repetidas vezes. No Brasil, chegou a perambular por vários deles, sempre retornando à sua cidade natal, sob a vigilância severa da família e da figura paterna sobretudo, que queria moldá-la para a vida familiar e do matrimônio bem sucedido, ao que a artista tentava reagir por meio da pintura iconoclasta que realizava. Reagindo à prisão de um casamento encomendado (fugiu de casa no quinto dia após o casamento, que assim não se consumou), Lídia vai em busca de uma vida de isolamento e de reflexão, cujo claustro ergueu paredes místico-religiosas que tanto caracterizam suas pinturas e os diversos manuscritos emblematicamente marcados pela cruz e pelo cristianismo a que se apegou nas repetidas leituras da bíblia e contemplações de obras de arte da tradição católica. O isolamento dava-se em uníssono à vida e ao trabalho, pois tinha consciência do caráter fugaz e excedível de sua obra: “A pintura faz a gente transcender as misérias da vida. Mas é uma febre que passa. Não deixa nada a não ser a tinta seca na paleta” (BAÍS, apud ROSA, 2001, p. 20). Desse claustro que a artista serenamente construiu e nele se recolheu, poucas são as vezes em que estabeleceu um contato público com a vida social e artística; apenas uma vez organizou e realizou sua primeira e única exposição individual, que aconteceu na *Policlínica Geral do Rio de Janeiro*, em dezembro de 1929. Essa exposição contou com a presença de vários artistas e personalidades da época como Povina Cavalcanti e Murilo Mendes.

Três anos antes dessa exposição, Lília conheceu o poeta mineiro e crítico de arte, Murilo Mendes, com quem manteve interessante correspondência que aqui queremos assinalar. Aliás, as relações da artista com Murilo Mendes vão além da correspondência que recebia em Campo Grande, mas encontra-se entranhada nela mesma no projeto e na poética de fundo religioso que caracteriza tanto a vida e a obra de Lília quanto as de Murilo Mendes. Segundo o historiador da arte Paulo Rigotti, registram-se quatro cartas endereçadas a Lília por Murilo, sendo uma delas dirigida a René de Castro em fevereiro de 1930, onde o poeta mineiro recomenda uma exposição de Lília em São Paulo, incumbindo-o de “apresentá-la em alguns jornais e a alguns críticos ou escritores decentes”. Outra carta foi endereçada por Murilo ao escritor Mario de Andrade, solicitando ao poeta modernista que orientasse a artista na exposição que pretendia fazer em São Paulo, informando ser ela “...uma interessantíssima artista brasileira e universal que pretende honrar a cidade de S. Paulo fazendo aí uma exposição de quadros. Tenho certeza que você poderá orientá-la na exposição. Esta é a razão desse bilhete” (MENDES, *apud* RIGOTTI, 2003, p. 37-38). Uma outra carta, recentemente encontrada e totalmente inédita, integra o rol das correspondências de Lília. Já batizada como sendo a “quinta carta”, foi escrita por Murilo Mendes em janeiro de 1930, e tece importante avaliação prospectiva sobre a obra de Lília, relatando as relações de amizade dos dois com Ismael Nery e René de Castro. À época em que essa carta foi escrita, no ano de 1930, Lília voltara definitivamente para Campo Grande, sua cidade natal, para onde se retira, enclausurada, de uma vida passada nos diversos internatos que compreenderam sua “peregrinação educacional” e que a ensinaram a “ser submissa, passiva, conformada, lições que rejeita, ansiosa de ser ela mesma, capaz de determinar seu próprio destino” (ROSA, 1986, p. 13). Na grande bagagem de volta, Lília trazia consigo a expressiva experiência que ganhara em suas aulas de pintura com Oswaldo Teixeira na Escola Nacional de Belas Artes,

e também com Ismael Nery, precursor do Surrealismo no Brasil e inaugurador do gênero cubista-expressionista, que acaba sendo a matriz mais visível da pintura de Lídia Bais.

Em seu exílio definitivo, Lídia Baís acalentou o sentimento de gênio incompreendido, de ser injustiçado pela família e da necessidade de reconhecimento externo, que, malgrado os minguados trabalhos sobre sua obra, seu próprio nome ainda permanece envolto em imensa penumbra; desditosas condições socioculturais que o cercaram, restringindo e desterrando seu nome para um lugar de mistério e assombro, como sintomaticamente se intitula o valioso trabalho *Territórios do assombro*, sobre a artista, de autoria da professora Alda Couto. Fora isso, o ano de 2005 pareceu ser o ano que projetara a obra desta artista sul-americana em nível internacional, pois, além das vinte e cinco pinturas, atualmente restauradas e hoje em exposição no MARCO – Museu de Arte Contemporânea-MS, integrando a exposição “4 Artistas da América do Sul”, sua obra também foi homenageada durante o Festival da América do Sul, de 21 a 28 de maio de 2005 (www.festivalamericadosul.com.br). Sua casa, para onde a artista se retirou do mundo e da vida social, mais parecia uma ilha da qual nunca mais saiu e nem recebeu ninguém, cujas notícias são parcamente relatadas por Glorinha Sá Rosa e através das lembranças de Raquel Naveira, que, no ensaio “Lydia Baïs”, assim resumiu a figura da artista: *Ficou presa na própria teia como uma aranha trágica e fatal*. O principal elo entre a vida e a obra da artista parece ser o exílio voluntário ou não ao qual se impusera, confinando-se, numa espécie de resposta e atitude às inúmeras dificuldades das condições socioculturais do início do século, no lugar e tempo que lhe coube viver. Lídia Bais realizou, nas primeiras décadas do século XX, um grandioso projeto artístico. Sob as noites estreladas dos céus guaranis e dos primeiros acordes maviosos da guarânea, a história de vida da artista é marcada pelo voluntarismo do sonho e pelo exílio emblemático, metafórico, das histórias que se escrevem à margem, no insulamento, no extremo da civilização.

Referências

COUTO, Alda Maria Quadros do. *Territórios do assombro: a pintura de Lúcia Baís*. Campo Grande, 1999. 103p. No prelo.

NAVEIRA, Raquel. Lydia Baís. In: _____. *Fiandeira*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1992, 95p.

RIGOTTI, Paulo Roberto. *A intertextualidade e o imaginário pictórico no processo criativo de Lúcia Baís*. 2003. 244 fl. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados.

ROSA, Maria da Glória. Lúcia Baís: A arte além do tempo. *Revista MS Cultura*, Campo Grande, a.1, n.4, p.13-18, jan./fev./mar.1986.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco. Viagem ao Paraguai: Josefina Plá e Lúcia Baís. In: _____. *O outdoor invisível: crítica reunida*. Campo Grande: Editora UFMS, 2006, p. 47-59.

Ciranda dos votos ou ciranda de pedra?

Voto tem “Valor”, e de quanto seria este “Valor”? Pela prática cultural mais antiga, no Brasil, esse valor tem sido frequentemente o de uma conta d’água, de luz elétrica, e “coisitas” mais. Pela mesma prática cultural, frequentemente ele também “vale” grandes nomeações e indicações de apaniguados, indivíduos solertes à espera de uma teta do Estado, que resulta na “venda” e negociata das atitudes cidadãos, do cumprimento das leis em prol da justiça e dos interesses, principalmente dos cidadãos iletrados e marginalizados (os menos favorecidos),

que constituem a grande franja e ascendente onda da nação como um todo. Não causa mais nenhuma espécie o fato de os cidadãos não conhecerem os “candidatos” lançados como de estratosferas, distantes e alheios à esfera do povo, ao clima das ruas, ao ambiente de labuta e ocupações diuturnas do cidadão comum, que bem cedo pega ônibus, bicicleta, qualquer locomoção para enfrentar as deploráveis filas dos hospitais públicos, de toda a rede atendimento escolar / da educação, da saúde, da aquisição de benefícios etc.

Enquanto isso, os acordos de bastidores, vazados em retórica que só convence os caciques interessados na causa, e na “casa pública” também, descem em jatinhos como de galáxias estratosféricas. Daí que, o propalado desinteresse dos cidadãos pela querela dos “prefeitáveis” de Dourados, é sintoma e reação de quem já conhece a encenação de uma peça, como a propagação de mais uma das “pestes” de verão, aliás, pestes que retornam com a mesma cara e malignidade de outrora. Uma leitura crítica dos editoriais e matérias de jornais locais oferece gratuitamente a reconstituição dos fatos recentes, marcados por silêncios, ressentimentos e frustrações de certas figuras hoje não reconhecidas nem por companheiros de já antiga estrada e militância. De fato, o descaso dos eleitores não só traduz o cansaço de todo o nhenhêném político, de ver que o palanque continua com as mesmas figuras e discursos, que hoje tenta unir a água ao óleo como se de repente anulassem diferenças de projetos, de interesses, principalmente de histórias, que em algum momento cada um desejará relatar como sendo de sua exclusiva propriedade, esquecido de que toda história e qualquer relato é participativo, é coletivo. Bem, mas esta história mesma ainda está por ser escrita.

As pedras que hoje se atiram à última e malfadada administração de Dourados, à administração rústica do “homem do povo” e à sua câmara de legisladores, não repetindo o rol de adjetivos desqualificadores que às vezes se lê nos jornais, essas pedras já estão retornando ricocheteadas pela vingança, sim, do povo, que tem o poder de escolher e a capacidade de ler com as mínimas letras e mal traçadas linhas – lembrando que

o étimo e o “éthos” da palavra “vingança” também significa “vingar”, sobreviver, renascer em terras áridas. Onde está a moralidade, a ética que governou a última eleição e a desta que agora se alevanta? Há diferenças entre elas? Certamente que os próprios cacifes políticos e os diferentes “partidos” tratarão de responder, escrutinando bem seus atos como tão bem sabem escrutinar seus votos. E além deles, o povo em sintonia com os estudiosos/pesquisadores em ciências humanas (historiadores, filósofos da política, críticos da cultura), amparados e apoiados pela sólida Universidade Federal, democrática e pública da cidade de Dourados, escrutinarão os gestos de escrita e escreverão a leitura desses fatos para a história e a memória, ambas estas que sabem esperar a abertura de todos os arquivos, ainda que passem cinquenta anos.

Como assinante de jornal, ainda espero ler a longa “crônica” desses feitos.



RAQUEL NAVEIRA

Nasceu em Campo Grande (MS). Professora universitária. Formada em Direito. Autora de numerosas obras (quase todas de poesia), dentre as quais: Via Sacra, Fiandeira, Guerra entre irmãos, Abadia, Samaritana, Maria Madalena, Casa de Tecla, Senhora, Casa e Castelo. É membro do PEN Clube do Brasil. Ocupa a cadeira n. 8 da ASL



A rosa e o livro

(crônicas)

“Rosa e livro:
pétalas e páginas.
Se eu me livro
de umas, logo reage nas
outras a alma
sempre desejosa
de uma calma:
Seja livro ou rosa.”

“Um livro a gente olha,
abre, folheia,
e, leia ou não leia,
nunca desfolha.
És um livro, rosa:
livro de poemas.
E, pois, nada temas,
ó temerosa!”

Guilherme de Almeida



A temática da rosa na poesia de Guilherme de Almeida

A rosa é uma das flores mais antigas e conhecidas pelo homem e ainda é uma das mais populares.

Os imperadores romanos enchiam suas banheiras e fontes com água de rosas e sentavam-se em tapetes de pétalas de rosas em seus banquetes e orgias.

A rosa é a flor do amor, a taça da vida, a alma, o coração. É a perfeição acabada. A realização sem defeito. Segundo a mitologia greco-romana, ela foi criada por Clóris, deusa grega das flores, a partir do corpo sem vida de uma linda ninfa que ela encontrou certo dia em uma clareira do bosque. Pediu a ajuda de Afrodite, a deusa do amor, que deu à flor a beleza; Dionísio, o deus do vinho, ofereceu néctar para proporcionar-lhe um perfume doce; e as três Graças lhe deram o encanto, esplendor e alegria. Depois Zéfiro, o vento, afastou as nuvens com seu sopro para que Apolo, o deus-sol, pudesse brilhar e fazer a planta florescer. E, desta forma, a rosa nasceu e foi coroada Rainha das Flores.

A rosa vermelha simboliza amor-paixão; a rosa branca, pureza e amor espiritual; a rosa amarela, enfraquecimento do amor e infidelidade; uma única rosa, simplicidade e a rosa azul, o impossível.

Para os cristãos, a rosa representa a própria taça do Graal, onde José de Arimateia colheu o sangue de Cristo. As chagas de Cristo são rosas. Há uma rosa em cada uma das pontas da cruz e uma ao centro, o coração de Jesus, segundo o símbolo rosa-cruz. Em *Eclesiastes* aparece a “rosa de Jericó” e no *Cântico dos Cânticos*, a “rosa de Saron”.

Para Dante, na *Divina Comédia*, o paraíso é o centro de uma rosa eterna de ouro e a Rosa Mística é a Virgem Maria.

As igrejas medievais eram enfeitadas de rosáceas góticas e a rosa-dos-ventos era um instrumento de orientação de navegação, baseado

nas quatro direções fundamentais, dando volta completa no horizonte.

Para os muçulmanos, Saadi de Chiraz, mestre da filosofia mística da Rosa, escreveu *Jardim das Rosas*, um livro de contemplação: “Irei colher as rosas do jardim, mas o perfume da roseira me embriagou”.

Os tratados de alquimia que estudavam as propriedades das pedras e dos metais chamavam-se *Roseiras dos Filósofos*.

O poema francês medieval, *Romance das Rosas*, de Guilherme de Lorris e Jean de Meung, influenciou o poeta François Villon. Trata-se de um sonho alegórico sobre o amor cortesão e a amada, Rosa.

Todas essas simbologias e obras estavam presentes na formação cultural e no inconsciente profundo do erudito poeta Guilherme de Almeida.



Neste poema “A Hóspede”, Guilherme de Almeida, consegue criar um clima atemporal, suavemente erótico, uma atmosfera misteriosa onde estão presentes a rosa e o livro:

Não precisas bater quando chegares
Toma a chave de ferro que encontrares
Sobre o pilar, ao lado da cancela,
E abre com ela
A porta baixa, antiga e silenciosa.
Entra. Aí tens a poltrona, o livro, a rosa,
O cântaro de barro e o pão de trigo.
O cão amigo
Pousará nos teus joelhos a cabeça.
Deixa que a noite, vagarosa, desça.
Cheiram a relva e sol, nas arcas e nos quartos,
Os linhos fartos,
E cheira a lar o azeite da candeia.
Dorme. Sonha. Desperta. Da colmeia

Nasce a manhã de mel contra a janela.
Fecha a cancela
E vai. Há sol nos frutos dos pomares.
Não olhes para trás quando tomares
O caminho sonâmbulo que desce.
Caminha- e esquece.

Quando o poeta procura metáforas para definir “simplicidade”
e “felicidade” é nas rosas que ele se apoia:
“Simplicidade... simplicidade...
Ser como as rosas, o céu sem fim,
A árvore, o rio... Por que não há de
Ser toda gente também assim?

Ser como as rosas: bocas vermelhas
Que não disseram nunca a ninguém
Que têm perfumes... Mas as abelhas
E os homens sabem o que elas têm!”

.....

“Felicidade- sonho sombrio!
Feliz é o simples que sabe ser
Como o ar, as rosas, a árvore e o rio:
Simples, mas simples sem o saber!”



Lembremos de Guilherme de Almeida. Nasceu em Campinas, no dia 24 de julho de 1890. A influência do pai, Dr. Estevam de Araújo Almeida, foi determinante em sua carreira literária. Foi com ele que se iniciou na cultura humanística, estudando grego e latim, lendo os

clássicos portugueses da biblioteca de sua casa. Em 1908, o poeta ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, trabalhou como advogado e jornalista, escrevendo críticas de cinema e crônicas sociais.

Em 1917, lançou seu primeiro livro de poemas, *Nós*, que antes de ir para o prelo, passou pela atenta leitura e revisão do poeta Vicente de Carvalho. A esse volume, seguiram-se *Messidor*, *Livro de Horas de Sórora Dolorosa* e *Era uma Vez...*, nos quais manteve as orientações românticas e simbolistas de seu livro de estreia.

Guilherme de Almeida participou da Semana de Arte Moderna, o que scandalizou a crítica conservadora, que admirava sua poesia. A linguagem modernista na obra do poeta culminou com a publicação dos livros *A fruta que eu perdi*, de 1924, *Meu e Raça*, ambos de 1925. Segundo Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida foi, “na ação renovadora do Modernismo, um elemento moderado, jamais se entregando à facilidade do verso livre sem freios, jamais renunciando à nobreza dos temas e da linguagem, aos requintes da técnica, chegando, nos seus livros da fase modernista, a uma espécie de compromisso entre os dois processos de versificação, o regular e o livre”.

Entre 1925 e 1947, o poeta editou apenas um livro, *Você*. Todos os outros volumes lançados nesse período seriam reedições de antigos poemas e traduções. Foi exilado em Portugal, por causa de sua participação na Revolução Constitucionalista. Como aponta Alfredo Bosi, “a popularidade do poeta se fundou também em ter sido o intérprete literário de alguns momentos da história nacional, como por exemplo, a ida dos pracinhas à Europa durante a II Guerra Mundial (“Canção do Expedicionário”); as comemorações do IV Centenário de São Paulo (“Acalanto de Bartira”) e um poema em louvor à recém-nascida Brasília.

Guilherme de Almeida exerceu diversos cargos públicos na administração do estado de São Paulo e foi presidente da Associação Paulista de Imprensa. Foi o primeiro modernista a entrar para a Academia Brasileira de Letras, em 1930. Em 1959, foi eleito Príncipe dos Poetas Brasileiros, sucedendo a Olegário Mariano.

Na década de 50, Guilherme de Almeida voltou às suas origens, adotando novamente a linguagem clássica.

Morreu no dia 11 de julho de 1969, em São Paulo.

Fiquemos com estas palavras do poeta: “Minha existência é um plágio da minha arte”.



O querido amigo já falecido, o escritor José Afrânio Moreira Duarte, da Academia Mineira de Letras, presenteou-me com três livros preciosos em *fac símile* do poeta Guilherme de Almeida: *Nós*, de 1930, *Livro de Horas de Sórora Dolorosa*: a que morreu de amor, de 1920 e *Pequeno Romanceiro*, de 1957.

Em *Nós*, poemas curtos de seis ou oito versos, compondo um longo cântico de amor, pinço estas estrofes que citam rosas:

“Chegaste a mim, de rosas coroada.
Então, tomando em tuas mãos macias
A grinalda de flores que cingias,
Coroaste-me a fronte acabrunhada.”

.....

“E a grinalda de rosas, que me trouxe
Tanta felicidade, transformou-se
Numa coroa irônica de espinhos...”



O *Livro de Horas de Sórora Dolorosa* - a que morreu de amor é sublime. Há anos o releio com reverência. Trata-se de um monólogo na

voz de uma monja imaginária, isolada num convento, que vai criando orações, hinos, salmos. São suspiros dolorosos que brotam de uma alma mística, buscando o Amor maior, total, transcendental. Talvez a inspiração de Guilherme de Almeida tenha sido Sórora Mariana Alcoforado e suas cartas apaixonadas, as *Cartas de Amor*, uma das obras mais populares da literatura portuguesa. As cartas trazem à luz uma estrutura de sofrimento no interior da própria experiência erótica.

Sórora Dolorosa, a religiosa que tem íntima e profunda comunhão com Deus, confessa no poema “Mãos postas”:

“Ele falou-me: ‘Tuas mãos são como
Dois alvos lírios na haste de teus braços;
São asas com que voas, num assomo
De amor, pelo infinito dos espaços...
Elas são, entre as folhas do breviário,
Como aves entre folhas silenciosas;
Desfiando as lentas contas do rosário,
São como o vento desfolhando as rosas...”



O *Pequeno Romanceiro*, todo ilustrado com iluminuras, são poemas ambientados num clima medieval com damas, cavaleiros, reis, rainhas, barcos e castelos de um reino antigo. Pequenas histórias, cantigas dramáticas como contos de fadas. Assim é o “Branca Rosa”:

“Branca Rosa, Branca Rosa,
Por que estais tão branca assim?”
“É a neve, que caiu tanta
Esta noite no jardim”.
“Não será neve, que a neve
Não pode ser branca assim”.
“Vesti cambraia lavada

Com aguinha de alecrim”.
“Cambraia, por mais lavada,
Não chega a ser branca assim”.
“Fiei-a em roca de prata
Com meu fuso de marfim”.
“Não há marfim, nem há prata
Que sejam brancos assim”.
“O luar dormiu comigo
No meu lençol de cetim”.
“Não houve lua esta noite,
Nem há luar branco assim”.

“Branca Rosa, Branca Rosa,
Por que estais tão branca assim?”
“Má hora passou o conde:
E o conde olhou para mim.
Vesti vestido de noiva,
Branco do véu ao chapim.
Mandou que eu viesse e esperasse:
E por isso foi que vim.
E, volte ou não volte o conde,
Esperarei até o fim:
Até que daqui me levem
Amortalhada, ai de mim!”

Branca Rosa, Branca Rosa,
Vai tão branca, sem carmim!
Rosa branca desfolhada
Nunca foi tão branca assim.





REGINALDO ALVES DE ARAÚJO



Natural de Itabaiana (PB), nasceu em 1946. Professor e presidente da Associação dos Novos Escritores de MS e fundador do Jornal Arauto. Dentre suas obras destacam-se: "Saga Pantaneira", "Futebol - Uma Fantástica Paixão", "Futebol Campo-Grandense", "O Paladino do Pantanal" e "Águas do Povo". Ocupa a cadeira nº 21 da Academia, da qual é o atual presidente.

Defunto bêbado de Aquidauana

Corria o ano de 1953, no populoso Bairro Alto, não muito distante do centro de Aquidauana, nas proximidades do areião, onde hoje ergue-se majestoso o Colégio CEJAR, existia um cemitério com capacidade para apenas trinta túmulos, atendendo principalmente as famílias pobres e indigentes da cidade. Quando anoitecia, quem morava além do cemitério, tinha cisma de passar em frente devido as histórias de assombração contadas pela população. A molecada do bairro inventava inúmeras diabruras no cimo das sepulturas para assustarem os transeuntes.

Certa feita os meninos tomaram um enorme mamão verde e, com maestria, tiraram-lhe as sementes, improvisaram olhos, nariz e boca, acendendo no interior uma vela transformando, assim, a fruta numa horripilante caveira. Para completar o quadro dantesco, os diabinhos se escondiam atrás dos túmulos, gemendo, miando e balançando a pretensa "assombração". Os pobres moradores, com o coração aos pulos, trêmulos, embrenhavam-se numa picada feita no mato, para fugirem do assédio das "almas penadas". A molecada soltava gargalhadas num divertimento que era aprovado por poucos no bairro.

No túmulo da frente estava enterrada uma senhora que, por motivos inexplicáveis, passou a ser reverenciada como milagreira. Diziam que alguém sofria de dores terríveis na cabeça e ao passar em frente da cova, exatamente ao meio dia, ao olhar para a cruz da enterrada, lhe fugiu a dor, ficando curada para sempre. Logo a cidade tomou conhecimento e quem penava de algum mal, corria para a nova “obradora de milagres”. Não se via outra coisa, o povo em geral, ricos e pobres, ansiosos do amparo e cura da “santa do Bairro Alto”, afluíam em massa.

Frequentava assiduamente o lugar o mendigo papil, considerado o maior pinguço da cidade. Ninguém sabia com precisão a sua origem. Vivia como um cigano, perambulando de rua em rua, dormindo nas sarjetas e até nas calçadas das casas. Para ganhar algum dinheiro se oferecia como roçador de quintal, rachador de lenha, plantador de mandioca e outros serviços do ramo, enfim era um biscateiro. Papil não costumava beber nos bares, porém enchia a cara de cachaça no alambique do Tomasshiro, na parte alta do bairro. Por ser um bêbado calmo, bonachão e amigo dos moradores, a molecada não o azucrinava muito.

Naqueles dias São Pedro abriu as comportas do céu e a chuva caiu torrencialmente no Bairro Alto. As águas rolaram fortes sobre as ruas, levando tudo de roldão. O cemitério foi atingido com enormes valas, trazendo à tona os restos mortais dos defuntos. Os devotos da “milagreira” enfrentaram a fúria da correnteza, recuperaram os ossos da mulher e os depositaram num lugar seguro. Quando a tormenta passou, os transeuntes, ainda cismados, roçavam os olhos na cova vazia e funda, já que esta ficava na beira da rua.

Num belo dia o pinguço Papil descia a rampinha da rua, aos tom-bos, balbuciando palavras ao vento. Ao passar em frente do revirado cemitério, aproximou-se da cova da “milagreira”, olhou para dentro, deu uma fungada de deboche, afrouxou as pernas, desequilibrou-se, marinhou o corpo no espaço e foi ao fundo. Minutos depois, Santos Martinez, o pãozeiro que fazia entrega de pães no bairro, descia a rampa com o balaio abarrotado na cabeça, terrivelmente desconfiado

arrepiou os cabelos ao ouvir palavras desencontradas vindas da cova aberta. O pãozeiro entrou em pane quando a voz cavernosa do bêbado explodiu agonizante no ar.

- Me tira daqui, homem...

Como um furacão de mil demônios, Santos Martinez disparou de rua abaixo, completamente alucinado, aos berros:

- A mulher virou homem na cova... Socorro... Socorro...

O balaio foi jogado no meio da rua. Os pães espalhados eram um espetáculo à parte. A molecada, aos risos e mofas, limpavam os pães nas próprias camisas e mandavam para a boca. Desconfiado de tudo a meninada correu até o cemitério e em meio as gargalhadas e motejos retirou o pinguço da sepultura assombrada.

Ate hoje quando alguns dos sobreviventes daquele episódio, como o ex-deputado Nelson Trad e o Professor Orlando Mongelli (meninos na época se lembram), caem na risada. O bebereão, anos depois, como era esperado, de tanto enfiar a cara na cachaça, foi acometido do mal de cirrose, falecendo como um verdadeiro farrapo humano.

Aplausos para a Literatura de Itaporã

Tenho podido observar nestes trinta anos de literatura vividos no estado de Mato Grosso do Sul que a poesia aproxima as pessoas. Esta é uma grande alegria para mim. A mensagem poética traz sempre um instante de paz, de satisfação para nossos leitores, conhecidos ou desconhecidos, neste mundo amedrontado onde as portas cada vez mais se fecham, como também cada vez mais se fecham os corações nos embates que a vida nos impõe. Necessário se faz dizer que, no sublime ato de confeccionar poesias, não há algo mais radiante do que colocar amor em tudo aquilo que produzimos na arte do dizer poético.

Não se pode negar que o universo poético é um reino mágico e deslumbrante, que fascina e atrai. De longe suas luzes convidam para nos deliciarmos neste contagiante paraíso.

Este reino mágico pediu passagem e aportou na bela cidade de Itaporã (MS), nela fez morada, primeiro com o saboroso “Mão de Poeta”, livro que produziu textos poéticos escritos por alunos e funcionários da Escola Estadual Antonio João Ribeiro e agora este primoroso “Valores Literários de Itaporã”, consagrando quatorze autores do lugar, ambos organizados e laboriosamente dirigidos pela notável professora e cultora das letras itaporanense Nilza Melane.

“Valores Literários de Itaporã”, cujo conteúdo engloba poesias e três contos, é uma bela obra tecida de simplicidade telúrica, mensagens pautadas no exuberante cotidiano local, transparecendo, aqui e ali, a pintura, a luz e a aura que seus autores emprestam navegando na paisagem, no silêncio quebrado pelo grito, no casamento do corpo com a alma, entremeados de lépidos amores, acentuada saudade, extrema solidão, o encanto da natureza e esplendorosos luares.

“Valores Literários de Itaporã” é um livro repleto de informações preciosas, de humanismo e de um considerado armazenamento telúrico. Uma canção poética ornamentada de esperança que se ergue no torrão sul-mato-grossense e que será lançado recentemente na cidade de Itaporã (MS).

De belas serenatas ao hino de Aquidauana

No ano de 1912 a companhia Lírica da Itália foi contratada para realização de vários concertos no Brasil. Os italianos, músicos de fama internacional, aportaram em Corumbá pela via fluvial sendo saudados efusivamente pelos corumbaenses. Após o inesquecível concerto, para elite, a companhia foi ovacionada de pé. Nos camarins, para a surpresa dos músicos, a cantora lírica se desentendeu com o maestro, havendo um acirrado bate-boca. A discussão alastrou-se pelos músicos, resultando daquilo uma divisão e, em consequência, a volta da companhia para Itália. Por não gostarem da ideia resolveram ficar os músicos pascoal Russo, Nicela Di Marco e o magnífico clarinetista Luiz Mongelli. Nicela Di Marco e Luiz Mongelli rumaram para a cidade de Miranda, onde

tencionavam fazer a vida. Os italianos, com sotaque diferente, ganharam a simpatia dos mirandenses, logo acharam serviços. Luiz Mongelli, fazia serenatas para os fazendeiros e numa dessas caiu nas graças do proprietário de terras, o Coronel Antônio Leopoldo Mendes, que lhe propôs sociedade num comércio de secos e molhados.

Com a casa comercial em franco desenvolvimento, Luiz Mongelli faturava por fora, animando as festas do lugar e fazendo serenatas a pedido dos ricos. Aí aconteceu o que ninguém imaginava: Henriqueta, a filha do sócio, apaixonou-se por ele. O Coronel Antônio Leopoldo posicionou-se contra. O cantor italiano aceitou o desafio e topou o romance. Henriqueta por sua vez resolveu aceitar os ditames do coração e suportou a pressão de toda a família. Não tendo outra saída, o Coronel, a contra gosto, fez o casamento.

Dona de incrível fertilidade, Henriqueta presenteou o marido com sete filhos. A sociedade com o sogro estava chegando ao fim. Os desentendimentos eram frequentes. Desgostoso aceitou o convite de um amigo para montar um negócio na vizinha cidade de Aquidauana. Não pensou duas vezes, despediu-se do sogro e foi morar com a família na princesinha do Sul. Lá deu vazão ao seu fabuloso talento musical fundando a Banda de música Santa Cecília, que na década de 1940 foi a maior atração do povo aquidauanense. Nas festividades cívicas, religiosas e sociais a banda se apresentava com galhardia, tendo sempre à frente o maestro-fundador. Às vezes, a banda fazia recital no Cine Brasil e, a pedido da população, realizada retretas na praça Estevão Alves Corrêa.

Entretanto, a maior criação musical de Luiz Mongelli foi o Hino Oficial de Aquidauana. Autor da música, estimulou o poeta Vicente Maurano a escrever a letra.

Da família Mongelli o destaque musical e artes cênicas ficam por conta do garoto Orlando Mongelli, que herdou do pai os talentos necessários para, num futuro bem próximo projetar-se fora e dentro do Estado no mundo das artes. Apontado como a maior inteligência do ginásio local, um de seus cunhados, impressionado com os dons do moço, o levou para São Paulo. Na capital paulista, deslumbrado,

Orlando Mongelli fez, com brilhantismo, os cursos: clássico, teatro, maquiagem, taquigrafia e organização manual de trabalho.

Em 1963, a convite da prefeitura de Campo Grande assumiu a chefia de gabinete da administração municipal. Um ano depois tornou-se secretário de administração e, logo em seguida, o prefeito o incumbiu de dirigir os destinos da educação de Campo Grande. No finzinho do mandato, aceitou o encargo de administrar a Escola Municipal Arlindo Lima. Mais tarde, presidiu o Projeto Rondon no estado e, por oito anos a fio, coordenou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) requerendo, em seguida, a merecida aposentadoria, residindo, atualmente, no bairro Monte Líbano, na cidade de Campo Grande.

Transcrevo, com prazer, o Hino Oficial de Aquidauana.

Viva sempre esta terra
Este belo torrão de Mato Grosso,
E as belezas sem fim deste colosso,
Da minha grande pátria sempre amada.
Viva sempre esta terra encantadora,
E o bom sonho de gênio altipotente,
Desta raça valente e vencedora,
Que um astro bem tirou do céu luzente.
Honra e glória aos heróicos fundadores,
Desta linda Aquidauana fulgurante,
Graciosa filha do Brasil gigante,
Cheia de vida, repleta de esplendores.
Galante sob um céu risonho e azul,
Ela, a cidade, espelha-se num rio,
Que, em formosura, faz-se desafio,
Num calmo deslizar, de norte a sul.
Salve o Brasil, seus homens e sua história,
Que, tornando o sertão bendita terra,
Elevaram o país que tudo encerra,
Belezas naturais, grandeza e glória.

Roberto Rech - um dos luminares do Futsal de MS

Caxias do Sul, uma das mais belas cidades do glorioso e rico estado do Rio Grande do Sul, viu nascer ROBERTO BECH, arqueiro e um dos mais aplaudidos presidentes da Federação de Futsal do Estado de Mato Grosso do Sul.

Nascido no dia 09 de dezembro de 1955, o garoto ROBERTO iniciou seus estudos no tradicional Colégio Estadual Santa Catarina de Caxias do Sul ali permanecendo até concluir o primário (8º série do fundamental) Estudou o 2º grau em escolas particulares da mesma cidade.

Lembra ele que desde a tenra idade o futebol o atraía sobremaneira ao ponto de dar as costumeiras fugas de casa para as inesquecíveis peladas no campinho do Moinho, pertinho de sua residência. Logo percebeu que tinha forte inclinação para ser goleiro e foi o que fez.

Aos 12 anos transformou-se num formidável arqueiro do Santa Catarina Futebol Clube, time do colégio onde estudava. Descoberto, pelas suas belas atuações, transferiu-se para o ITC (Instituto Técnico Caxiense).

Aos 16 anos passou a ganhar títulos de campeão e troféus atuando pelo time do FUTSAL MADEZATE de Caxias do Sul em vários campeonatos disputados.

Ao completar 24 anos veio morar em Campo Grande aceitando ser um dos representantes da grande empresa gaúcha PANAMANTE. Gostou da cidade e resolveu ficar. No final de 1980, participando de um jogo-treino de FUTSAL, agradou em cheio sendo, de imediato, convidado para integrar o elenco do Confiança, através de seu diretor Wanderlei, disputando nessa época a Copa Morena de Futebol de Salão.

Entusiasmado, em 1981, fundou o timaço do PANAMANTE que, no ano seguinte, sagrar-se-ia campeão da Copa Primavera de Futebol de salão.

Como arqueiro disputou vários campeonatos, como a Copa Morena, Copa Canarinho e Taça Campo Grande atuando pelas equipes do Trancoso, Balança Toledo e Rabujento conquistando, com mérito, taças e troféus.

Em 1987 fundou, juntamente com amigos a Associação de Futsal de Campo Grande e no ano seguinte, com o prestígio em alta, foi eleito para presidir a Federação de Futsal de Mato Grosso do Sul.

Dono de um entusiasmante contagiante ROBERTO RECH, com sua garra e determinação, criando e executando projetos voltados para o avanço dessa modalidade esportiva provocou uma verdadeira revolução na história do futebol de salão do estado de Mato Grosso do Sul. Tendo como seu vice o desportista Maurinho, ROBERTO administrou a federação de 1988 a 1994. Ele se orgulha de ter implantado a harmonia e a boa vivência na Federação, atraindo outros estados do país para disputas e conagração de atletas, induzindo-os a prática da camaradagem esportiva.

Alguns atletas de Campo Grande foram jogar fora do Estado, outros até foram convocados para a seleção Brasileira de Futsal. Em sua gestão, em 1992, a seleção Brasileira de Futsal veio fazer uma exibição no Colégio Auxiliadora (quadra). Um momento inesquecível.

ROBERTO RECH, entre 1991 e 1992, foi indicado e atuou brilhantemente como Conselheiro Estadual de Esporte (MS). De 1999 a 2002, foi eleito presidente do Rádio Clube. Administrou o clube social mais tradicional de Campo Grande até o ano de 2008.

Atualmente dirige sua própria empresa no ramo de refrigeração – A PANAN.



RUBENIO MARCELO

Poeta, compositor e revisor, é autor de oito livros publicados e dois CDs musicais. Pertence à Academia Maçônica de Letras de MS, é Conselheiro Estadual de Cultura de MS. Participou - como convidado - da I Bienal Internacional de Poesia - Brasília, que reuniu os grandes nomes da poesia nacional e do exterior. Ocupa a Cadeira nº 35 da ASL, da qual é o atual secretário-geral.



Campo Grande, a nossa querida ‘Morena’, comemora 112 anos

A nossa querida “*Cidade Morena*” (como Campo Grande é carinhosamente conhecida, numa referência à coloração de suas fecundas terras) comemorou 112 anos de emancipação política (em 26 de agosto/2011) ostentando a condição natural de uma das capitais mais importantes do país, detentora de aspectos socioeconômicos destacados e manifestações culturais diversificadas e significativas.

Conforme os anais da história, Campo Grande surge como município em 26 de agosto de 1899 (por meio da Resolução nº 225), e – através da Lei Complementar nº 31, assinada pelo então Presidente da República, Ernesto Geisel, em 1977 (11 de outubro) – é elevada a capital do Estado de Mato Grosso do Sul (que foi instalado oficialmente em 1º de janeiro de 1979).

Ocupando 2,26% da área total do estado e fazendo limites com Jaraguari, Rochedo, Nova Alvorada do Sul, Ribas do Rio Pardo, Siderlândia e Terenos, o município de Campo Grande está dividido em sete regiões urbanas (classificadas de acordo com o respectivo córrego que corta suas áreas): Segredo, Prosa, Bandeira, Anhanduizinho, Lagoa e Imbirussu, além da região central (Centro).

Como é prazeroso e confortante viver em Campo Grande!... Viver Campo Grande... Desfrutar das suas belezas, passear nas suas modernas e arborizadas alamedas, visitar seus pontos turísticos, acompanhar o seu harmonioso progresso, enfim: curtir o fascínio geral que emana naturalmente desta ‘*Rainha do Centro-Oeste*’. A propósito, a estimada amiga e confreira Maria da Glória Sá Rosa, timbrando este intenso amor telúrico, assim asseverou num dos seus maviosos artigos: “*A Campo Grande de meus sonhos – feita de imagens, rostos, paisagens, monumentos – é única em sua configuração. Por isso, marcou-me profundamente e não a troco pela mais brilhante metrópole do universo*”. Já o confrade poeta Geraldo Ramon Pereira assim extravasa no seu soneto “Campo Grande de agora”: “*(...) São teus prédios mãos postas a um bendito / Céu de araras azuis com garças claras... / Teu luar tem o encanto de algum mito! / Nem se sabe o que em ti é mais bonito: / Se as manhãs – que em sorrisos escancararas; / Se as tardinhas – em que oras ao Infinito!*”.

E eu, que fui acolhido tão bem por esta bela “Morena” (e que hoje tenho também a honra de ser um legítimo Cidadão Campo-Grandense), mais uma vez entoo de coração, nesta ocasião especial, este meu singelo tributo-homenagem em versos:

Minha Ode a Campo Grande

Ser estame da flor deste cerrado
Em perfeito e justíssimo prazer...
Partilhar deste encanto abençoado
Que sublima a cerviz do nosso ser.

Seduzir-se perante este eldorado
No fluir natural de um benquerer...
Chamar-se chamamé, mate gelado,
Ou guavira em eterno florescer...

Ter a morena cor deste lugar;
Ser qual trigo fecundo e respirar
Toda beleza inata que se expande...

Verdejar horizontes e sementes
Em segredos e prosas transcendentais...
E ser feliz assim em Campo Grande!



Festa da Farinha de Anastácio

– Mais uma vez foi um grandioso sucesso –

A maior festa de tradição nordestina no Mato Grosso do Sul (e uma das maiores do país), a Festa da Farinha de Anastácio aconteceu – na sua 6ª edição – nos dias 06 e 07 de maio p.p, integrando as comemorações dos 46 anos de emancipação político-administrativa do município sul-mato-grossense.

O primoroso evento – sob a batuta do atual e dinâmico prefeito Douglas Figueiredo e a primeira-dama Cynthia Anastácio – apresentou-se repleto de atrações e novidades, além de também fomentar o agronegócio na região.

A 6ª *Festa da Farinha*, a exemplo das anteriores, foi um verdadeiro sucesso, transformando, por dois dias e duas noites, a cidade de Anastácio [especialmente a Avenida Porto Geral] numa artéria genuinamente representativa do Nordeste brasileiro e da cultura prodigiosa daquela importante região. Cerca de 50.000 pessoas estiveram presentes no memorável evento, que foi prestigiado por diversas autoridades do nosso Estado, inclusive o Governador André Puccinelli.

Várias barracas típicas foram montadas e, nelas, além de outros produtos, uma gama de comidas nordestinas e iguarias originárias da

mandioca e da farinha. Na praça da alimentação – ao lado de delícias como tapioca, beiju, paçocas e sequilhos – o “viagra de mandioca” (bebida energética tradicional da festa) também marcou presença, aguçando a curiosidade dos visitantes.

No majestoso palco montado para as apresentações artísticas, aconteceram diversos shows, declamações poéticas, repentos e outras performances, com realce para a Banda de forró “*Calcinha Preta*”, bem como os versos de improviso ao som das plangentes violas dos cantadores repentistas Oliveira de Panelas e Zé Cardoso (artistas convidados e oriundos respectivamente dos Estados da PB e CE), que – com seus cantos em galopes, martelos, quadrões, sextilhas e motes diversos – encantaram o público. E o evento encerrou-se com o show de Zé Ramalho, que, acompanhado pela sua *Banda Z*, gerou frisson na galera e relembrou grandes sucessos da sua carreira, como “Chão de Giz”, “Avohai”, “Admirável Gado Novo”, “Vila do Sossego”, “Frevo Mulher”, “Táxi Lunar” e outros.

Ponto de destaque da festa foi também o desfile dos temáticos bonecos gigantes confeccionados pela professora de arte Ironilde Frazão: altaneiros mascotes que – a cada edição – passeiam, com galhardia, no meio do povo ávido de lazer. Outrossim, a segurança e organização em geral do evento foram aspectos dignos de louvor.

Festa da Farinha de Anastácio – a Festa de encantos/encontros e também do agronegócio: um acontecimento magistral; a Festa nordestina de todos os sorrisos e para todos os sotaques.

Que venha a 7ª *Festa da Farinha*, em 2012, para celebrarmos novamente, com ênfase e em grande estilo, o pulsar indômito de emoções e regozijo aproximando diversos horizontes e interligando fascinantes expressões culturais do nosso país.



Um inesquecível dia cultural em Itabaiana e Pilar

Dentre os fatos marcantes acontecidos nas minhas mais recentes férias (2011), guardarei na memória o Dia Cultural (como denominei) vivido nas cidades paraibanas de Itabaiana e Pilar, numa visita que, a convite oficial, fizemos (eu e o escritor Fernando Cunha Lima) àquela região. Tudo foi cuidadosamente organizado pelo poeta Antonio Costta, secretário adjunto de Cultura de Itabaiana, com apoio da Prefeitura e representantes da arte/cultura local.

Com população atual estimada em torno de 30.000 habitantes, situada a 70 km de João Pessoa, e conhecida como a “Rainha do Vale do Paraíba”, Itabaiana doou [ao mundo das artes e da cultura] filhos brilhantes, como o poeta popular Zé da Luz (1904 - 1965), o músico compositor Sivuca (1930 - 2006), o cineasta Vladimir Carvalho, e o escritor Reginaldo Alves de Araújo (presidente da nossa Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, autor de 17 livros).

Vizinhando Itabaiana, com uma população de cerca de 11.500 habitantes, viceja a pacata cidade de Pilar, berço do romancista José Lins do Rego (1901 - 1957), o eterno “Menino de Engenho”, emblema fecundo da literatura regionalista do nosso país. O seu livro pioneiro, Menino de Engenho (publicado em 1932), já demonstrava o grande talento do autor. A esta obra de sucesso seguiram-se outros destacados livros de Zé Lins, como: “Doidinho” (1933), “Banguê” (1934), “O Moleque Ricardo” (1935), “Usina” (1936), “Pureza” (1937), “Pedra Bonita” (1938), “Riacho Doce” (1939), “Fogo Morto” (1943), “Eurídice” (1947); “Cangaceiros” (1953), e “Meus Verdes Anos” (1956, ano em que foi empossado na Academia Brasileira de Letras). Num dos trechos do seu discurso de posse na ABL, Lins do Rego assim asseverou: “Aqui não estou para falar mal dos que me antecederam, mas não estaria para mentir às minhas convicções. A Academia merece a verdade de cada um de nós. Isto de engrandecer os mortos com roupa alheia não nos fica bem. Nada de intrujices para ser fiel à convenção”.

O nosso inesquecível Dia Cultural (17/01/2011) teve início às 9h, quando fomos recepcionados, com expressivo calor fraterno, no “Sivuca Cultural Café” (Praça Epitácio Pessoa, Centro, Itabaiana). Lá, tudo já estava diligentemente preparado, inclusive exposições de obras de artistas locais, presença de cerimonialista (com pauta traçada) e um púlpito com microfone, para as falas nossas e das autoridades que nos aguardavam.

Por ocasião desta breve solenidade no Sivuca Cultural Café, permutamos informações com os presentes e recebemos vários materiais (livros, CDs e DVDs) de artistas do município, ao tempo em que apresentamos a nossa obra autoral, bem como também expressamos as nossas considerações acerca do relevante encontro (sempre divulgando, outrossim, a nossa cultura sul-mato-grossense). Após isto, realizamos – em caravana – a seguinte programação na cidade de Itabaiana: - Visita ao belíssimo Coreto da Praça Manoel Joaquim de Araújo; - ao Busto do Poeta Zé da Luz; - à Igreja Matriz; - encontro com o poeta Jessier Quirino; - e entrevista na Rádio Itabaiana FM. Conheci, também, familiares de Reginaldo Alves de Araújo e a casa onde ele nasceu (na antiga Rua da Palha, no topo do Alto dos Currais), a qual me inspirou um soneto* que, emocionado, dediquei ao prezado confrade (reproduzo abaixo).

Já por volta das 14h, dirigimo-nos – na mesma comitiva – para a cidade de Pilar, onde fomos recebidos gentilmente pelo secretário executivo da Cultura, Lucimário Augusto, e pela presidente da Fundação Menino de Engenho, Iranildes Simões, que nos acompanharam em importantes pontos turísticos e culturais do município.

Na Terra de Zé Lins, visitamos – conforme programação preestabelecida – a Fundação Menino de Engenho [um casarão reformado, de dois andares, que foi a antiga Cadeia e Casa de Câmara de Pilar – local este onde, no ano de 1859, o Imperador D. Pedro II concedeu beija-mão (comenda tradicional da época) à sociedade paraibana]. Estivemos na Praça José Lins do Rego, conhecendo o seu Busto – que foi inaugurado em 1951, pelo próprio Zé Lins (acompanhado de Rachel de Queiroz, Gilberto Freyre e outros. Este monumento foi reinaugurado em 2001, nas comemorações do Centenário de Nascimento do escritor, com as presenças das suas três

filhas: Maria Elisabeth, Maria da Glória e Maria Christina). Conhecemos, também de perto, a ‘casa da Tia Naninha’ – onde Zé Lins viveu parte de sua infância (esta casa é citada pelo autor no seu livro “Meus Verdes Anos”. Tia Naninha foi considerada a sua ‘segunda mãe’, vez que ele logo ficou órfão de mãe). Em seguida, fomos ao Engenho Corredor – onde nasceu José Lins do Rego e que a ele serviu de inspiração para vários livros – e ali visitamos a famosa Casa-Grande, uma típica construção da época (séc. XIX), com suas pilastras e alpendres e cômodos transbordantes de magia e reminiscências.

Somente ao cair da tardinha deixamos as dependências do Engenho e, enquanto retornávamos a João Pessoa (matutando, ainda envolto na estesia divinal das nossas visitas a Pilar e Itabaiana), escrevi – relembrando a significativa imagem da casa paterna do amigo e confrade Reginaldo – o soneto a seguir:

Itabaiana e a casa dos meus pais

(para Reginaldo Alves de Araújo)

A casa dos meus pais habita em mim,
ocupa a sala das minhas lembranças...
Ah... casa pequenina, sem festanças,
sem luxo, sem segredos, sem jardim.
Ali – numa manhã – ao mundo eu vim,
num lar feliz e pleno de esperanças...
Meus olhos de menino, em sãs pujanças,
ali teceram sonhos de cetim.
No mais alto degrau da antiga ‘Rua
da Palha’, esta casinha continua
timbrando um tempo que não volta mais...
E para sempre irei rever a fita
da terna imagem que em meu peito habita:
– Ah, não esqueço a casa dos meus pais!

Por: Rubenio Marcelo

Rebentos Poéticos...

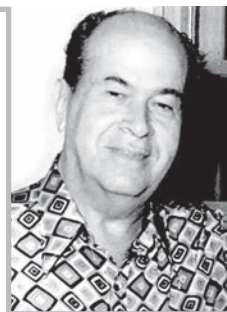
Neles sou o viajante ressurgente
no convés do tempo
seguindo as gaivotas que partem
em íntimas esperas e expedições
rumo à solidão do infinito...
ante as searas guardadas no eterno,
ouço auroras e ousos
desacorrentar nuvens e sonhos;
semeio cânticos
em meio às sagas e fragas...
neles revisito
o plenilúnio e os clarins dourados
da antemanhã
em plena beira mar...
renovo-me em pedras e pássaros,
passeio em símbolos
decifrando as queixas
da noite onipresente.
também sou o dia
e o silêncio dos rochedos...
os flamboyants me ensinam
a sorrir...
fico e estou, embora longe...
voo...
vou-me em boa hora
e toco o abstrato.





ULISSES SERRA

Nasceu em Corumbá (MS) em 1906 e faleceu em Campo Grande (MS) em 1972. Fundador da Academia de Letras e História de Campo Grande, atual Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Publicou uma única obra: Camalotes e Guavirais (1971). É patrono da cadeira nº 3 da ASL.



Portinari e os meninos das lavouras

O Brasil recebeu o impacto emocional da morte do grande Portinari, predestinado para sentir as belezas e as angústias humanas e enternecido ou amargurado retransmiti-las transfundidas em cores e poemas. Na lavra do verdadeiro artista não há tema vulgar, eis que ele tem a faculdade de ver e sentir o que os outros não vêem e não sentem.

Há na produção poética do grande pintor um tema de aparência singela, porém de grande sensibilidade. É quando põe em poema o trabalho demorado, penoso e exaustivo dos garotos, filhos de colonos, nas lavouras de café, ele que também fora filho de colonos. Essa temática liga-se de maneira indireta, ou talvez direta, à vida de João Akamine, esse homem que encantou a cidade com a sua finura oriental, serve-a e ama-a apaixonadamente.

Akamine não precisava emigrar. Seus pais possuíam largos tratos de terras aráveis, que asseguravam à família, nos limites insulares de Okinawa, bem-estar, posição econômica saliente e ampla acolhida social. Fascinava-o, no entanto, a narrativa freqüente e entusiasta dos seus mestres sobre o esplendor do Brasil, suas dimensões continentais, seu fabuloso subsolo e seu mundo vegetal eternamente verde, a fortuna fácil, tudo leve, diáfano, colorido.

Um ardil – quem sabe! – para motivar a vinda dos nipônicos, aureolando-lhes a partida dos sonhos e ambições, para que não lhes fosse penoso deixar a casa, a família, a pátria, numa viagem para terra antípoda. Foi nesse encantamento que Akamine, adolesceste ainda, tomou um Maru, em Yokohama, para não mais rever a pátria. Veio diretamente para Cravinhos, nas circunvizinhanças de Brodósqui. Frente à realidade maltratante, sob ardências dos trópicos, no rude labor dos campos e do meio ainda hostil, alimentava-se três vezes ao dia e a semana e os meses todos só de polenta. Não encontrou o encanto que lhe haviam instilado na alma sonhadora. Trabalhava de sol a sol, produzia e ganhava como um adulto. As saudades, aumentadas pela consciência das distâncias que o separavam do Japão, amarguravam-no mais. Nenhuma diversão, nenhum amigo novo, só o trabalho, o eito, a enxada, a foice e as noites solitárias e vazias molhadas pelo pranto.

Naquele ambiente áspero encontrava, porém, um motivo de embevecimento. Um mural que ornava o varandão da fazenda senhorial, que via quando partia ou regressava do eito.

Embevecia-o ainda o nome sonoro, eufônico, modulável, nele aposto: Portinari. Portinari, explicavam-lhe os colonos para saciar-lhe a curiosidade, era um garoto que andara por ali e pintara aquele quadro.

Akamine veio para Campo Grande, teimou não partir para a Argentina como golondrina, rejeitou propostas e contrariou seus tios. Aqui se radicou. Que vida dura! Nunca esmoreceu. Seguiu seu destino de homem forte, inteligente e equilibrado, dotado de imensa capacidade de amar e de servir.

Os dias rudes, passados nos labores dos campos, não lhe retiraram aquela marca inconfundível de elegância e aquele apego à cambraia, à seda, ao linho e às essências raras. Esqueceu-se dos quimonos que por lá usara. Para envolvê-lo, aquecê-lo, afagá-lo teve doces mantilhas de nhanduti no amor de D. Ramonita, a guarani inteligente e nobre, que os fados lhe deram para maravilhosa companhia.

Lembrava-se sempre do mural e do nome do pintor. Portinari, por seu turno, predestinado à arte pura e a pensamentos altos, deixou

Brodósqui. Foi estudar, pintar, atingir a glória e espalhar seu nome pelo mundo. Já ao pôr-do-sol da vida, para exteriorizar a angústia humana e a sua própria angústia, buscou as musas como se lhe não bastasse o pincel de artista tocado pelo gênio.

Antônio Callado, prefaciando seu livro de poemas, assinala a constante dos seus versos, que é o longo e penoso trabalho dos pequenos colonos de Brodósqui e suas cercanias.

Akamine e outros garotos do eito dos cafezais não podiam suportar, nunca, que um outro garoto pobre também e igualmente filho de imigrantes, embora amparado pelos deuses, via-os, observava-os e sentia-lhes os anseios e os prendia à sua sensibilidade para, anos depois, fazê-los emergir na rutilância dos seus poemas, refletindo mágoas que não eram propriamente suas, mas alheias mágoas também.



WILSON BARBOSA MARTINS



Nasceu em Campo Grande. Formado em Direito, foi prefeito de Campo Grande, Deputado Federal, Governador de Mato Grosso do Sul por dois mandatos e Senador Constituinte. Publicou o livro: "Memória - Janela da História" em 2010. Ocupa a cadeira n° 38

Detalhes e episódios da vida campeira

Para a criação dos rebanhos, os fazendeiros de então aproveitavam as pastagens nativas, pois não possuíam informações sobre forragens novas, especiais, como agora. Os animais se alimentavam do capim que brotava nas pradarias, enquanto não estivesse duro ou completamente seco. Em fins de julho ou durante o mês de agosto, quando as pastagens já estavam impróprias à alimentação, procedia-se à queima dos campos, um espetáculo bárbaro – pelo que tinha de destruidor da flora e da fauna – e ao mesmo tempo deslumbrante – pelo encantamento que proporcionava nas horas mais tranquilas que antecediam o repouso na serenidade da noite.

Ocorria no ramerrão do nosso cotidiano, uma vez ao ano, a chegada alegre, barulhenta, das comitivas mineiras. Vinham de Uberaba, os peões montados em burros. Primeiro, estacava o cozinheiro com toda sua tralha de cozinha e mantimentos, alojados nas bruacas de couro, transportadas em ambos os lados das cangalhas. Pouco depois, chegava a tropa de burros, tocada por seis ou oito peões. Desencilhavam as montarias, passavam-lhe água pelo lombo e soltavam-nas ali no pátio. Cansados, os animais rolavam sobre si mesmos e punham-se

a pastar. O condutor dizia de quem era a comitiva. Desta vez era do seu Arantes. O café, fraco e doce, era servido e as panelas começavam a ferver sobre as trempes, armadas na parte aberta do galpão. As bruacas eram alinhadas em ordem, rentes umas às outras, de maneira que pudessem dispor de todos os gêneros à disposição do cozinheiro, que se movimentava de um lado para outro continuamente. O patrão punha a sua cavallhada em forma e dava rodeio no gado vendido, para o aparte do comprador. À noite, o violão e seu dono quebravam o silêncio com os toques de sua predileção. Passado o jantar, ouvia-se o canto e ao mesmo tempo o sapateado da catira. A nossa família sentava-se na calçada em frente da casa, ouvindo a música dos boia-deiros e as histórias dos meus pais. Quando fazia luar, todo o jardim podia ser visto, amplo e cuidadosamente plantado. Escutávamos o piar das aves noturnas, mas não sabíamos nunca dizer quais eram os seus nomes. Tenho comigo até hoje, nos ouvidos, o som emitido pelo pio desses pássaros. Logo depois da calçada em que nos reuníamos havia bonita moita de cipó-imbé. Nenhum de nós, meninos, tinha coragem de se aproximar dela a essas horas, mesmo desafiados. À noite, tudo é perigo para as crianças. De dia, no entanto, éramos livres correndo pelos campos da Vacaria onde nos deliciávamos com as adocicadas guaviras e os saborosos bacuparis e cajus-do-campo encontrados em grande quantidade na região.

Lembro-me de certa vez, quando meu pai e eu saímos a cavalo e fomos pescar no ribeirão Serrote. O anzol adequado recebeu a isca e foi arremessado ao leito da corrente. Ficamos os dois à espera, os cavalos amarrados a pouca distância. Em vez de peixe, o que veio para o nosso lado foi uma ariranha, fazendo todo o barulho de que era capaz. Sua voz, denominada regougo, é estridente e desagradável. Amedrontei-me e quis entrar em pânico, meu pai, porém, tranquilizou-me. Recobrei o ânimo, a pescaria foi encerrada e no nosso regresso a casa, narramos o sucedido à mamãe.

Outro episódio que me ficou na memória foi o do dia em que toda a família se abrigou em uma carreta, com duas juntas de bois, para ir ao mato melar, isto é, chupar favos de mel. A pequena faixa de mato, onde

parou a carreta, situava-se apenas a meia légua de nossa sede. A árvore em que as abelhas fabricaram o mel estava ocada, pelo que não foi difícil ao meu pai derrubá-la com o seu machado bem afiado. Aos sucessivos golpes recebidos, rolou o pesado tronco levando consigo árvores menores, todas amarradas entre si por verdadeiras cordoalhas de cipós. O baque produzido pela queda espantou os bois cangados na carreta, que em seguida voltaram à quietude habitual. Prosseguiram, porém os trabalhos de machado, para extrair o suco das flores, escondido nos favos elaborados pelas abelhas mandaguari. O mel era pouco, mas a festa para nós estava completa.

À margem direita do rio Vacaria

Meus pais construíram casa de morada confortável e benfeitorias indispensáveis a uma fazenda de pecuária e deram-lhe o nome de São Pedro, à margem direita do rio Vacaria, e ali foram viver em 1915. A filha mais velha, Gaia, nascera na Alegrete; Henrique nasceu em São Paulo, e Plínio, o caçula, em Entre Rios, hoje Rio Brilhante. Eu e o Ênio viemos ao mundo na São Pedro, aquele torrão onde tudo era paz e silêncio.

Minhas reminiscências são de que meu pai fez tudo com cuidado e competência e ergueu a fazenda com boas construções: a casa ampla, bem situada em terreno adequado, próximo ao rego de água borbulhante; o galpão a distância conveniente; e curral, edificado em madeira de lei, já provido de brete para prender as reses que teriam de ser tratadas. Construir, também, em seguida ao banheiro da família, enorme tanque para banhar a tropa. Não pôde, porém, mantê-lo, ante o perigo que oferecia aos filhos que nasceram um após o outro e que corriam o risco de se afogar.

Em casa tínhamos quarto próprio de dormir com camas individuais, o que não era comum na época. Ainda pequenos, comíamos á mesa da família e, de manhã cedo, eu me habituara a levar café à cama para nossos pais. Com certeza, não tínhamos a esse tempo o conforto de que desfrutamos hoje os fazendeiros, mas levávamos vida saudável. Nossa alimentação era

cuidada e muitas vezes preparada por mamãe que, na falta de auxiliares, se encarregava também da limpeza da casa e dos cuidados com as roupas. Na despensa não faltavam feijão, arroz, macarrão, milho, canjica, açúcar, rapadura, café, mate e farinha de milho, de trigo e de mandioca. Com o leite fabricava-se o queijo e as verduras ficavam na dependência do êxito da hora. A carne era ora de vaca, ora de galinha e, com menor frequência, de porco. A primeira podia ser fresca nas carneadas e carne de sol, em forma de charque, na maior parte do tempo. Como na se contava com geladeira para conservar a carne, sobretudo de porco, usava-se fritá-la e guardá-la em vasilhas recobertas de gordura ou banha de porco. Nas refeições ou fora delas consumia-se o leite com farinha, especialmente a de milho, ou os doces que, geralmente, eram de leite ou frutas, como batata, goiaba, abóbora, limão, cidra, pêssego, mamão e laranja, além do arroz doce. Os cremes, a ambrósia, a queijadinha, o pé-de-moleque, o furrudum, este preparado com mamão e rapadura, faziam a alegria e matavam a gulodice da meninada. Mamão costumava chamar-nos para raspar o tacho, o que era para nós uma delícia. A sua especialidade, mesmo quando vivia sua derradeira quadra de vida, era o arroz-doce. Os ovos tinham de ser muito bem batidos e o doce devia ficar cremoso.

Os Barbosa na Vacaria

O povoamento do nosso estado foi obra de gigantes, vindos de várias partes. As enormes distâncias e as forças da natureza virgem abriam a cada passo desafios difíceis de imaginar hoje em dia. E os índios representavam perigo efetivo. Habitantes esparsos, mas vivendo desde tempos remotos no continente, eram ferozes e dificultaram a ação dos povoadores. Chamavam-se aqui Paiaгуá os perseguidores das monções paulistas, tanto quanto os Guaicuru ou índios cavaleiros. Havia também os Guató ou índios canoeiros, os Kadiwéu, Terena, Kaiowá, Guarani e Xaraé. Esses também são desaparecidos, mas legaram seu nome ao mar dos Xaraés, o nosso Pantanal.

Iniciado na terceira década do século dezenove, o povoamento trouxe os irmãos José, João, Pedro, Joaquim e Januário para o sertão dos Garcia, depois chamado Santana do Paranaíba. Foi quando começaram a ser povoados também os campos de outras regiões, como Miranda, Camapuã, Aquidauana, Corumbá e Vacaria. Conforme explica nota do livro *Histórias de Mato Grosso do Sul*, de Hildebrando Campestrini:

O nome Vacaria deve ter surgido no final do Século 16, possivelmente por obra dos jesuítas espanhóis. Em mapas do século 18, a região aparece com nome de Campanha da Vacaria, compreendendo o território que se estendia desde o rio Vacaria até o rio Paraguai, abaixo da serra de Maracaju. No sentido mais recente, a Vacaria corresponde, em linhas gerais, aos vales dos rios Vacaria e Brilhante.¹

Os integrantes da família Barbosa, a que estou ligado por descendência, eram domiciliados na região de Sabará e depois em Piumhi, Minas Gerais, no século XIX. Desejavam vir para Mato Grosso, para trabalhar na criação de gado, mas não possuíam recursos para empreender a viagem em uma só etapa. Por isso, saíram em conjunto, primeiro para Franca do Imperador, no estado de São Paulo, fixando-se em uma localidade chamada Covas. Rumaram depois para Santa Rita do Pardo, através de Santana do Paranaíba. Eram cinco os irmãos Barbosa: Antônio, Ignácio, Francisco, João e Francisca, e todos assinavam Gonçalves Barbosa.

Segundo Emílio Barbosa, quem primeiro chegou a Mato Grosso foi Antônio Gonçalves Barbosa, que se apossou das terras da fazenda Boa Vista, na região do atual município de Rio Brilhante. Depois, veio a família. No ano de 1842, conforme informações concludentes vieram todos para a Vacaria, onde já tinham andado Antônio Gonçalves Barbosa e seu genro Gabriel Francisco Lopes, marcando posses, cabendo a da Boa Vista a Antônio e a do Passatempo, a Ignácio. Francisco apossou-se da gleba Campo Alegre, à margem do rio Vacaria, mas aí não se demorou, mudando-se com a família quatro anos depois para debaixo da serra, na região de Nioaque, nada mais dele se sabendo depois disso. João, outro irmão, também decidiu descer a serra de Maracaju

e ali abrir fazenda, mas foi morto pelos índios. A irmã Francisca e seu marido Joaquim Calixto de Oliveira ficaram na Caçada Grande, junto à Boa Vista. Antônio, no dizer de Emílio Barbosa, “perdeu o gosto pela Vacaria” porque teve o seu primeiro filho homem, a esposa e dois filhos menores mortos também pelos Kaiowá, nas águas do Vacaria, quando retornavam de Sorocaba, São Paulo, para onde tinham ido a seu pedido. Por isso mudou-se Antônio para debaixo da serra, instalando-se onde hoje é o município de Nioaque, então simples povoado erguido em terras da posse Urumbeva, de Ignácio, que assumira a obrigação de prover de alimentos uma pequena tropa militar encarregada de guarnecer a região.

Os dois irmãos mais velhos, Antônio e Ignácio, foram igualmente valorosos. O primeiro foi chefe da família, o patriarca dos Barbosa debaixo da serra. O segundo, que permaneceu no Passatempo, foi o patriarca da família nascida em cima da serra. De família tão numerosa, não se pode registrar apenas os feitos dos homens. As mulheres, que viviam o tempo todo com filho na barriga e que, a bem dizer, sustentavam a luta dos homens no trabalho árduo do criatório, devem ser reconhecidas como heroínas. Veja-se a quinta filha de Ignácio, Generosa, casada com João Pires Martins – fundadores da fazenda Vista Alegre. Cheia de filhos, viu-se abandonada pelo marido e continuou lutando bravamente para o sustento da casa. O companheiro, que fora seduzido pelos encantos de nova parceira, afinal retornou e, de joelhos, pediu-lhe perdão. Generosa, que era doce não somente pelo nome, mas sobretudo pelo caráter, disse-lhe: “Levante-se, meu velho, vamos acabar de criar os nossos filhos”. Balduína, sua irmã, foi presa com o marido Lúcio Cândido de Oliveira no início da Guerra do Paraguai, para onde foram internados. Este, algum tempo depois, serviu de guia ao General Câmara na Campanha da Cordilheira, quando Solano Lopes foi morto, em Cerro-Corá, e terminou a guerra. Generosa e Balduína são filhas de Ignácio Gonçalves Barbosa, do Passatempo. Quero referir-me, por último, a uma das filhas de Antônio Gonçalves Barbosa, o patriarca da família embaixo da serra, Seu nome é Senhorinha. Meu próximo assunto.



ZORRILLO DE ALMEIDA

SOBRINHO

Natural de Fortaleza (CE), autor de várias obras, dentre elas: As Borboletas do Canaçari, Crônicas das Cidades Amadas, Os Amigos de Outrora, A Seca de 1932, Os Sete Pecados Capitais, Carnet de Viagem, A Morte da Minha Mãe & Outras Crônicas, Crônica de Meus Amigos Queridos, e Humberto Façanha - Meu pai e outros escritos. Faleceu em 25/12/2009. Ocupou a cadeira nº 25 da Academia.



As quaresmeiras em flor

Passado o carnaval, começa a Quaresma. E como antecipando-se a essa época do ritual religioso, as árvores, denominadas quaresmeiras, engalanam-se, como se estivessem numa primavera, e embelezam a cidade com as suas copas de variados tons de roxo e lilás, a coisa mais linda do mundo.

E minha alma também se renova e se rejubila com o início deste novo ciclo de vida da natureza. Daqui a pouquinho teremos o outono e a aproximação da frieza do inverno, e como se já fosse uma despedida dos dias ensolarados e belos, as quaresmeiras florescem, como num último impulso de afirmação da vida, antes do recolhimento do outono e do inverno.

E eu também volto, ciclicamente, aos meus velhos pensamentos sobre a beleza e a filosofia da vida. Keats, mais uma vez, comparece com o seu imortal verso: “a thing of beauty is a joy for ever”. E este instante de beleza das quaresmeiras é uma alegria para sempre. Desde Sorocaba, quando eu as conheci, tentei colocar uma em frente da casa sem o conseguir. A beleza é uma joia que, às vezes, se esconde, permanece oculta, como no rosto de uma mulher bonita, ou numa flor, mas se esconde na alma de um artista poeta, ou de um pintor que pinta belos

quadros, ou de um músico que compões belas melodias, ou de um devoto que entoa salmos a divindade. O Senhor propicia as estações para que o homem compreenda que a natureza é de um perpétuo renovar e de uma perpétua mudança. E a vida também.

E o mundo gira, embora se diga que a oportunidade é careca, e tem apenas um fio de cabelo que é preciso agarrar, quando surge a ocasião na verdade, com as voltas que a terra dá, a oportunidade pode surgir outra vez, e aí sim, com a experiência adquirida não se deve deixar passar a segunda ocasião.

O homem procurará sempre, com ansiedade, porém hesitante e indeciso, a beleza e a felicidade, e nem sempre sabe se orientar, sobretudo se lhe apresentam, simultaneamente, diversas oportunidades. Ele fica perplexo, e não sabe qual delas escolher. Contudo, desde o enigma de Édipo, o homem ou sucumbe ao destino ou se faz senhor dos acontecimentos como Alexandre, o Grande, quando cortou o nó Górdio que deveria ser desatado.

Tal é o caminho do homem na vida. E a escolha é sua, senhor ou escravo, porque as quaresmeiras continuarão a florir qualquer que seja a trajetória da aventura humana.

A servidão humana

Relendo a “Ética”, de Spinoza, esbarrei na quarta parte do livro, intitulada “Da Servidão Humana ou da Força das Paixões” – Chamo de Servidão a impotência do homem para governar e reprimir as suas paixões porque, sujeito às paixões, com efeito, o homem muitas vezes, é forçado a fazer o pior, mesmo que veja o melhor. E me lembrei de que o escritor inglês, nascido em Paris, William Somerset Maugham utilizou esta expressão para intitular um de seus romances, talvez um dos mais importantes de sua obra tão extensa. Escreveu, também, um romance interessante “O Fio da Navalha”, no qual coloca um pouco de misticismo. Outros livros seus e dos mais agradáveis de ler têm o

nome de “Histórias dos Mares do Sul”, cada uma delas mais divertidas e curiosas do que as outras. Nesse cenário, no qual ele situou muita coisas da sua literatura, escreveu a biografia do pintor francês Gauguin que abandonou sua carreira bancária na França e a família e foi viver nas ilhas mágicas do Oceano Pacífico – e que foi intitulada de “Um gosto e seis vinténs”, Somerset Maugham foi um dos grandes romancistas a escrever sobre a Inglaterra e suas colônias.

As leituras se misturam com as lembranças e a gente assim vai preenchendo uma vida que de outro modo seria muito vazia.

Discurso I

Minhas Senhoras

Meu Senhores

Ou o mundo está dividido entre dois grandes apenas, ou no caso de serem quatro os interlocutores que se sentam à mesa que decidirá os destinos do mundo, necessário é que eles estejam em pé de igualdade, embora que a igualdade não seja total, pois o poderio econômico da Rússia e dos Estados Unidos não pode ser atingido nem pela França nem pela Inglaterra. Mas se os outros três grandes fizeram explodir seus petardos atômicos, sem que a opinião pública mundial pudesse demovê-los desse propósito pode ser atingido, nem pela França, nem por esse propósito, ou fazê-los para, que se intente, somente porque sua economia se acha combalida e ela não decida mais do destino do mundo?

Agora é que se procura verificar o perigo das explosões? Agora é que é preciso se verificar o perigo das explosões? Agora é que é preciso por funcioná-la um sentimento de humanidade que não foi utilizado anteriormente por nenhuma das chamadas forças espirituais dos países civilizados? Agora, enfim, é que se quer dar vigor e expressão aos clamores partidos de homens da autoridade moral do Dr. Albert Schweitzer, que, em vão, clamou anteriormente? Não é o desejo de por fim as Experiências com a arma apocalíptica que move as comunidades que se opõem, pois nem sequer os experimentadores de ontem deram à humanidade uma garantia de que cessaram.

Uma garantia de que cessaram, definitivamente, suas experiências Agora é que se procura verificar o perigo das explosões?

Agora é que é preciso por para funcionar um sentimento de humanidade que não foi utilizado anteriormente por nenhuma das chamadas forças espirituais dos países civilizados. Agora enfim, é que se quer dar vigor e expressão aos clamores partidos de homens da autoridade moral, do Dr. Albert Schweitzer que em vão clamou anteriormente? Não é o desejo de por fim às experiências com a arma apocalíptica que move as comunidades que se opõem à bomba francesa, pois, nem sequer os experimentadores de ontem deram à humanidade uma garantia de que cessaram, definitivamente, suas experiências e de que não voltarão a fabricá-las. Nem sequer têm confiança mútua para levar a cabo um desarmamento total como foi proposto por dois dos chamados quatro grandes e então, por cuja língua foi durante certo tempo, quase universal, pois a falavam de igual modo, os embaixadores anglos-saxões, latinos ou eslavos e um filósofo alemão chegou a dizer que “se algum escrito não fosse claro não seria francês”

Em suma, houve um momento em que tudo que era francês era universal era e tudo que era universal era francês.

Muitas vezes, no decorrer de sua história, a França parecia destruída, ora pela invasão, ora pela guerra civil. Frequentemente os outros povos acreditaram que ela estivesse perdida. Mas sempre ela expulsou rapidamente os invasores e sempre um terceiro partido acabou por tornar a efetuar a união dos franceses pelo tempo necessário a uma reconstrução “Em todos os períodos de sua história” escreveu historiador americano “os franceses deram provas de um inesgotável vigor, de uma aptidão para se reerguerem rapidamente de um desastre, de uma coragem e de uma persistência que as piores desgraças não conseguiram abater. Quantas vezes, no decurso dos séculos, não vimos à França, dilacerada pelas lutas intestinas ou prostrada aos pés de seus inimigos, assombrar logo depois o mundo pela sua admirável capacidade de restauração? Foi o que sucedeu depois da guerra dos Cem Anos, depois das guerras religiosas, no tempo do consulado, no tempo de Thiers, e é o que sucede ainda em nosso tempo. O inglês não admite: quantos o tempo. O francês não é menos tenaz do que o inglês, mas não pode ser do mesmo modo. O inglês não admite que possa ser derrotado: quanto ao francês, tem experiência da derrota, sabe que seu país arrisca-se, à vezes, a soçobrar pelo efeito de uma força superior. Mas também sabe que jamais a conquista foi de longa duração, de todas as vezes, o inimigo foi “bouté hors de France”. Quando invadida, a França se organiza, a resistência é um fenômeno clássico de sua história. A terra foi conquistada, mas os corações são inconquistáveis. Seu despertar foi sempre tão miraculoso, quanto suas crises foram inquietadoras.

Pois bem, foi por acreditar em tudo isso e sentir que mais uma vez a França precisava de um filho que restaurasse o seu esplendor que Charles de Gaulle intentou a Tarefa de repor no seu lugar devido a sua amada pátria.

Parafraseando o crítico literário Nelson Werneck Sodré, não vamos admitir, como alguns, de modo absoluto que a história se faça.

Como a teoria de Carlyle (a história feita pelos heróis) criaturas predestinadas em quem os anseios de uma época.

É nesse sentido, pois que situamos de Gaulle, como o homem que encarna esse espírito da França e que tendo encontrado a Pátria e sem rumo como se estivesse perdida, tentou recompor o quadro de grandeza que amava e reconduzir a França à sua posição e prestígio. Tarefa ingrata e difícil, mas que o não desanimou nem desesperou e eis aí sua grandeza como patriota e como homem de Estado. Não duvidou nunca de que a França pudesse se recuperar muito embora a realidade social do mundo moderno seja completamente diferente da de outras situações pelas quais a França passou ao longo de sua história. Como bem diz André Maurois, essa história faz parte do patrimônio da humanidade.

E ele encerra seu livro com as seguintes palavras proféticas - “Se um dia se estabelecer, por fim, alguma organização internacional, a França, certamente, desempenhará nela um grande papel, e se esta organização se malograr a França encontrará, se dúvida, outra fórmula de salvação numa união e com seus territórios de ultra. Mais do que mar. Mais do que fez até aqui ela deverá tomar em conta as novas disciplinas impostas pela era científica, mas as suas adaptações passadas constituem garantias de seus futuros triunfos. E é possível que seja ela que gere, no sofrimento, as soluções que permitirão amanhã a continuação da experiência humana.”

Rubens de Azevedo

De todos os amigos que tínhamos, temos e tivemos e comungavam conosco os mesmos ideais e princípios, restávamos eu e você, como sobreviventes de uma época na qual vivíamos como nosso tradicional rio Jaguaribe, na poesia de Demócrito Rocha “morrendo e resistindo, e resistindo e morrendo”.

Todos nós tínhamos vontade de participar da vivência artística, de aparecer nos papéis representados nos palcos, nos grêmios artísticos, nas sociedades,

etc..., onde se buscava a oportunidade. Nossos sonhos eram de apenas aprender a declamar, a fazer discurso, a conseguir publicar nos jornais da nossa acanhada e provinciana cidade aquilo que os nossos diminutos conhecimentos nos impeliavam a fazer.

OTACÍLIO, pai de meu primo RUBENS DE AZEVEDO, era artista plástico, pintor, paisagista e retratista. Casado com minha tia Tereza. Eram, além disso, o RUBENS, o Rafael Sânzio, a Consuelo e o Nirez, todos exímios desenhistas.

Eu acompanhava as leituras e as idéias do RUBENS, porém, apesar disso, não desistia de alcançar a posição de universitário e completar meu curso superior.

Por volta dos 15 anos, RUBENS dedicou-se e apaixonou-se pela Astro-nomia, inspirado pelo grande astrônomo e escritor francês Camille Flammarion e pela mulher Deusa Urânia. Além dos jornais e revistas, escreveu vários livros de divulgação sobre todo aquele belo assunto que sempre transformou a humanidade, primeiro pela Astrologia, e, depois, muita contemplação do céu, em noites estreladas. Houve também o seu período de estudo da lua, nas noites de lua cheia, escreveu LUA, DEGRAU PARA O INFINITO E OS AMERICANOS DISPUTARAM COM OS SOVIÉTICOS E GANHARAM A CORRIDA ESPACIAL.

Rubens foi professor de geografia e história na Faculdade Estadual do Ceará. Encontrei, nos meus guardados, uma bela página, escrita como tantas outras, uma magnífica aula – a última. Disse que começou e terminou com a Lua.

Ficou profundamente abalado com a morte de Jandira, sua esposa, e isso concorreu decerto para extinguir sua vida.

Que Deus conceda-lhe o descanso eterno e a PAZ PROFUNDA.

Seu primo que sempre o estimou

Os embates de duas civilizações - A Cristã Ocidental e a Muçulmana.

O jornalista Wilson Coutinho, no encarte Ideias, do Jornal do Brasil. Escreveu de uma maneira apocalíptica sobre o perigo que está correndo a nossa civilização cristã-ocidental - aliás, um tema de preocupação desde o século passado, examinado no magistral livro do filósofo inglês Spengler sobre “A decadência

do Ocidente”. E essa decadência vem se manifestando, sobretudo no plano espiritual e religioso. Como se já não bastassem as inúmeras seitas orientais e esotéricas que estão invadindo a sociedade ocidental, desde o último século, na chamada Era do Aquário, surge também agora nova invasão islâmica da Europa (O islamismo é a segunda religião da França). Tornada evidente com a discussão, no parlamento francês, sobre o uso, pelas estudantes da confissão muçulmana, do shador ou véu, nas escolas francesas. O jornalista Wilson Coutinho já dizia, quando da publicação de seu artigo, que o Islã, mais uma vez, ameaça a cristandade e o Ocidente, como o fez nos séculos VIII a XII de nossa era. Já não existe também o fervor das cruzadas, nem voltará a se repetir a batalha de Poitiers, na qual Carlos Martel venceu os mouros ou a de Roncevailes, quando morreu Rolando, o sobrinho do imperador Carlos Magno. Agora as igrejas católicas estão vazias, e as mesquitas estão cheias, comenta o jornalista. O Alcorão vai se tornando mais popular do que a Bíblia. Sinal dessa expansão: Campo Grande tem uma mesquita e Cuiabá outra.

Deveremos nos preparar para essas transformações pelas quais está passando o Ocidente Europeu sem esquecer o fato de que os árabes também foram fautores de civilização, pois durante os anos de sua expansão, de 700 a 1200, diz Will Durant, em sua monumental História da Civilização. “O Islã encabeçou o mundo em poderio, ordem e extensão de governo, no refinamento de maneiras, no padrão de vida, legislação humana e tolerância religiosa, na literatura, estudos, ciências, medicina e filosofia. Do Islã a Europa Cristã recebeu alimentos, drogas, medicamentos, armadura, heráldica, motivos e gostos artísticos, artigo e técnica industrial e comercial. O jogo de xadrez foi da Índia à Europa, via Islã. A ciência muçulmana conservou e desenvolveu a matemática, a física, química, a astronomia e medicina gregas.

O mesmo jornalista noticia e o antropólogo Lévi Strauss já não teme a destruição dos indígenas, mas de sua própria cultura, ou se também para o fim de uma cultura já, a ocidental e acrescenta o fim da religião que cresceu no Ocidente pode apontar também para o fim de uma cultura. Ele gostaria que a religião voltasse a ser ensinada nas escolas, por leigos, como uma, forma de conhecimento, evitando que um elo com toda uma literatura e uma arte se rompesse com o tempo.

Tudo são perplexidades que, para talvez só venham a ter um devido encaminhamento, para serem resolvidos, neste milênio novo, após os anos 90, uma maravilhosa década, que se prenuncia com o MERCADO Comum Europeu

(hoje União Européia) e as transformações ocorridas nos países do Leste Europeu. Pessoalmente creio que o fervor cristão dos países católicos, como a Polônia, que não perderam sua fé sob o jugo comunista, se transferirá aos países do Ocidente, revigorando um cristianismo desfalecente como o atual.

Afinal de contas a gente está hoje em dia questionando a qualidade de vida que a ciência e a tecnologia estão trazendo para todos nós. Será que não seria melhor dar as costas para tudo e procurar um desses lugares perdidos no mundo como Pasárgada, Shangri-la, onde gente pura e simplesmente viva dando vazão aos instintos naturais, falando da vida alheia e nada mais?

Estamos, pois com uma dúvida hanletiana. Os “hippies” da década de 60 principiaram a contestar tudo isso que está aí, mas não foram perseverantes. Seu ideal se desfez com o envelhecimento dos jovens que empunharam sua bandeira. E hoje, os ecologistas, com mais base científica, estão mais uma vez procurando contestar a poderosa civilização industrial poluidora da terra, dos ares e dos mares.

Esperamos que, desta vez, a luta que está merecendo o apoio de algumas grandes potências seja vitoriosa para termos uma melhor qualidade de vida e podemos deixar de herança às futuras gerações um mundo melhor tanto material como espiritualmente.



RELAÇÃO DOS ACADÊMICOS



Academia
Sul-Mato-Grossense
de Letras

(Patronos e Titulares)





CADEIRAS

- | | |
|-------|---|
| Nº 01 | Patrono: Nicolau Frageli
Titular: Hernani Donato |
| Nº 02 | Patrono: D. Francisco de Aquino Correia
Titular: Padre Afonso de Castro |
| Nº 03 | Patrono: Ulisses Serra
Titular: vaga |
| Nº 04 | Patrono: Joaquim Duarte Murtinho
Titular: Guimarães Rocha |
| Nº 05 | Patrono: José Ribeiro de Sá Carvalho
Titular: Enilda Mougnot Pires |
| Nº 06 | Patrono: Arnaldo Estevão de Figueiredo
Titular: Thereza Hilcar |
| Nº 07 | Patrono: José de Mesquita
Titular: Américo Calheiros |
| Nº 08 | Patrono: Itúrbides Almeida Serra
Titular: Raquel Naveira |
| Nº 09 | Patrono: Mal. Mascarenhas de Moraes
Titular: Maria Adélia Menegazzo |

- | | |
|-------|---|
| Nº 10 | Patrono: Argemiro de Arruda Fialho
Titular: vaga |
| Nº 11 | Patrono: José V. Couto de Magalhães
Titular: José Couto Vieira Pontes |
| Nº 12 | Patrono: Mal. Cândido M. da S. Rondon
Titular: Orlando Antunes Batista |
| Nº 13 | Patrono: Patrono: Estevão de Mendonça
Titular: vaga |
| Nº 14 | Patrono: Patrono: Severino Ramos de Queirós
Titular: vaga |
| Nº 15 | Patrono: Patrono: Pandiá Calógeras
Titular: Paulo Corrêa de Oliveira |
| Nº 16 | Patrono: Patrono: Rosário Congro
Titular: Paulo Tadeu Haendchen |
| Nº 17 | Patrono: Patrono: Eduardo Olímpio Machado
Titular: Valmir Batista Corrêa |
| Nº 18 | Patrono: Patrono: Aguinaldo Trouy
Titular: Abrão Razuk |
| Nº 19 | Patrono: Patrono: João Guimarães Rosa
Titular: Maria da Glória Sá Rosa |
| Nº 20 | Patrono: Patrono: Visconde de Taunay
Titular: Paulo Sérgio Nolasco dos Santos |

- Nº 21** | Patrono: Arlindo de Andrade Gomes
Titular: **Reginaldo Alves de Araújo**
- Nº 22** | Patrono: Vespasiano Martins
Titular: **Rêmollo Letteriello**
- Nº 23** | Patrono: Sabino José da Costa
Titular: vaga
- Nº 24** | Patrono: Lobivar de Matos
Titular: **Francisco de Albuquerque Palhano**
- Nº 25** | Patrono: Arnaldo Serra
Titular: vaga
- Nº 26** | Patrono: Pedro Medeiros
Titular: **Adair José de Aguiar**
- Nº 27** | Patrono: Antônio João Ribeiro
Titular: **Lélia Rita de Figueiredo Ribeiro**
- Nº 28** | Patrono: Raul Machado
Titular: **Augusto César Proença**
- Nº 29** | Patrono: Elmano Soares
Titular: **José Pedro Frazão**
- Nº 30** | Patrono: Otávio Cunha Cavalcanti
Titular: vaga
- Nº 31** | Patrono: Henrique Cirilo Correia
Titular: **Hildebrando Campestrini**

Nº 32	Patrono: Weimar Torres Titular: Abílio Leite de Barros
Nº 33	Patrono: Ovídeo Correia Titular: Flora Egídio Thomé
Nº 34	Patrono: Tertuliano Meireles Titular: Altevir Soares Alencar
Nº 35	Patrono: Múcio Teixeira Titular: Rubenio Marcelo
Nº 36	Patrono: Franklin Cassiano da Silva Titular: Lucilene Machado Garcia Arf
Nº 37	Patrono: Padre José Valentim Titular: Francisco Leal de Queiroz
Nº 38	Patrono: Enzo Ciantelli Titular: Wilson Barbosa Martins
Nº 39	Patrono: João Tessitori Júnior Titular: Geraldo Ramon Pereira
Nº 40	Patrono: Lima Figueiredo Titular: vaga





O papel utilizado neste livro é biodegradável e renovável.
Provém de florestas plantadas que dão emprego a milhares de
brasileiros e combatem o efeito estufa, pois absorvem gás carbônico
durante o seu crescimento!

Esta obra foi composta em Georgia,
impressa pela Gráfica Viena em papel offset
para a Life Editora em Setembro de 2011.



